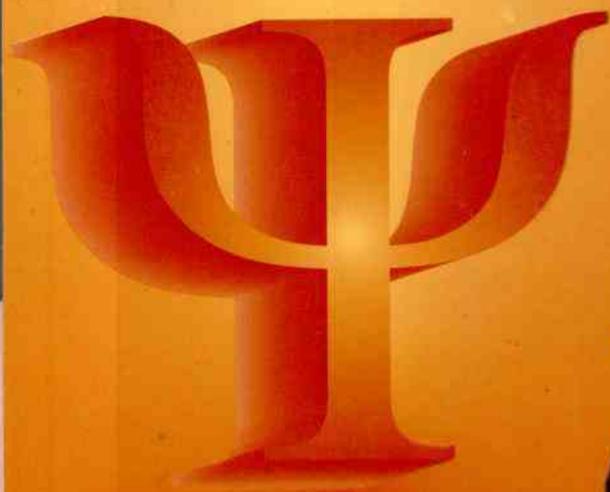


Soares Feitosa



psi

a penúltima

I. Primeiramente o mais velho:

*A estepe e a noite se deitaram juntas
paralelas as asas sobre as asas.*

Jorge de Lima, in Invenção de Orfeu

Nada define melhor a sensação de se abrir um Feitosa: a poesia invade! Nosso multinordestino — Ceará / Pernambuco / Bahia — erigiu um novo patamar literário, e a Arte o abençoou. Uniu o mítico e o místico das auroras antigas e o poderio dos recursos gráficos que os modernos computadores proporcionam. Nordeste e Grécia, água e sol, Oriente e Ocidente recheados com as cadências da Ampulheta da Criação.

Soares Feitosa descobriu-se poeta aos cinqüent'anos! — e vem inovar e renovar a poética brasileira, entrelaçando a cantiga seca de pó a pó da caatinga com os arredores transbordos do rio Amazonas. Em cantos multicolores, arte-renovação, inconstante e permeável — onde a seca do Nordeste e o *Almazona* se misturam em dança épica dentro do balde do menino macho e sacolejam até os últimos fios de cabelo das raposas enlouquecidas pela fome.

Sempre o irrequieto menino, Feitosa também trouxe inspiração para a sua nova linguagem no simbolismo gráfico de caracteres gregos de candelabros e mandacarus. Nunca o ômega, o último, o derradeiro. O penúltimo é o eterno, no coração deste **Psi**, a **penúltima**.

Mas atenção: partilhar um Feitosa é aventura para os ousados e os puros de espírito. Com rara sensibilidade, que nos deixa perplexos, esse Aprendiz nos faz navegar numa poética de vasto chão, mesmo quando trata de um fato corriqueiro como uma simplória nota de jornal. E não nos assustemos com os ruídos que possam aparecer à medida que acompanharmos esta viagem que ultrapassa a dimensão cartesiana e nos leva à perene cantilena do surpreendente. A magia está aí, reunida neste livro — que traz o cheiro do mato e o sabor de água da moringa.

Fica para nós a pergunta: onde se escondeu, em cinqüenta anos de vida, a poética que hoje divide quarto e sala com o poeta e cada vez mais o domina? Talvez se estivesse guardando, juntando forças e esperando o toque de partida do compadre tempo, que conhece bem a hora da colheita...

A Noite e a Estepe certamente se deitaram juntas e, sob a proteção de suas asas, por aí deixaram a lírica galopante de Soares Feitosa. Ficaram os novos alqueires, talvez em algum lugar lá pelas terrinhas do *Siarah*, prontos para o plantio do eterno poemar... Ficaram.

Antônio Massa, 19

II. Agora o mais moço:

Meu querido poeta: sua voz e seus versos primorosos acordaram em mim dulcíssimas recordações e meus olhos se turvaram de emoção. Quando voltar ao Pai, deixarei esta jóia preciosa como herança de afeto ao meu filho Francisco Antônio Ribeiro Ramos, poeta sensível, apaixonado por Augusto dos Anjos.

João Ribeiro Ramos, 91

Jorge Amado: Seu livro é como uma dessas arcas de antigamente, onde eram recolhidas coisas diversas, cada uma delas com sua importância e significação. Adjetivos poderiam ser acrescentados na busca de uma definição do que é difícil de se definir. Creio que se trata de poesia, poesia de alta qualidade.

Lêdo Ivo: É um estuário poético, com as suas vozes numerosas. Fragmentário e compacto ao mesmo tempo, move-se entre os horizontes de vários passados e o espaço experimental de vários presentes.

Hélio Pólvora: Não conheço poesia brasileira atual mais buliçosa e arrelenta que a de Soares Feitosa. Uma vez lida, não desarreda mais da nossa emoção, fica zanzando na lembrança, futucando nas nossas cordas íntimas. Poesia-menina, danada de criativa, cheia de traquinagens: inventa, reinventa, parodia, salmodia e vai em frente, sabendo espalhar-se no espaço em branco e ali adquirir as formas gráficas do seu visual subjetivo.

Millôr Fernandes: Estou embaralhado com sua magnífica, estranha poesia (filosofia, sociologia? — bota aí) misturada num computador.

Thiago de Mello: Soares Feitosa conseguiu um novo idioma que é só seu.

Oswaldo Carneiro Chaves: Tem o melhor do antigo e do atual: poesia sugestão. Poder de Homero para transfigurar o que é pequeno em plano olímpico; e o particular, o pessoal, em plano de universo. Poesia perene. É poesia.

Ivan Junqueira: Bastaria um poema como Panos Passados para justificar a publicação dos versos que inervam todo o seu ciclópico estro poético, no bojo do qual afloram a cada passo as vertentes heróica, telúrica e lírica.

Gerana Damulakis: Soares Feitosa não se isenta de engolfar, imergir e entranhar-se visceralmente nas relações humanas loucas ou normais; assim, ele fortalece seu texto com o próprio Homem, seja em estado lúcido, seja na irracionalidade dos gestos assoladores.

Maria da Conceição Paranhos: Até ficamos com medo dessa exigência da História, da Memória, da Experiência. É uma explosão implodindo e explodindo sucessivamente para o momento apical da assestada em papel branco, num épico cuja extensão atordoa e faz vacilar; um monstro lírico e telúrico nascendo desse rufar de tambores de guerra e de conquista.

Manoel de Barros: Sabe o que me veio logo? A figura de um cantador erudito. Como se fosse um Cego Aderaldo com erudição e instinto lingüístico. Sabe outra coisa que me encantou? Poeta substantivo. Quase não usa adjetivo, esse penduricalho. Poeta substantivo. A palavra carnal.

José Louzeiro: É admirável a multiplicidade formal, o lapidar da palavra e, mais que isso, a densidade poética: é o que posso chamar de "poema da imburana-de-cheiro" — obra para ser lida e relida. E a releitura só os iluminados a merecem.

Artur Eduardo Benevides: O material de que se serve esse jogral ressurrecto é tão moderno ou tão eterno quanto a face da própria beleza. A chegada de Soares Feitosa é um episódio de significação marcante. E quem o ignorar não sabe o que é Poesia.

Roberto Pompeu de Toledo: Tudo é surpresa, de sua parte. Tudo é uma caixa de surpresas. Ou melhor: várias caixas de surpresa, uma dentro da outra, como nos jogos infantis de cubos.

Luís Antonio Cajazeira Ramos: Caldeirão febril sobre uma trempe cultural — grecirromana, judicristã e mundinordestina —, de onde sai cozida a palavra justa, e mais: o abismo.

José Alcides Pinto: Verdade se diga: Soares Feitosa deu um susto nos poetas brasileiros deste fim de século.

César Leal: Guardem na memória (a memória da mídia é muito fraca) o nome desse poeta. Os críticos competentes irão lembrar seu nome no próximo século.



Onde estão os poetas das novas Águas?

**Eles estão
dentro dos abismos da Terra
que os cuspirá de volta!**

**Oceano, Oceano,
ô grande rei dos sorvedouros,
os que estão por nascer te subam!!**

ISBN 85-900248-2-2



9 788590 024828

**Psi,
a penúltima**

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962



Psi, a penúltima

*Heróica,
telúrica &
lírica.*



Copyright © 1997 de José Francisco Soares Feitosa.

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro

F311p FEITOSA, Francisco José Soares, 1944-
PSI, a penúltima/Soares Feitosa
.- Salvador: Ppel em Branco, 1997
250p.; il; 21 cm.

ISBN 85-900248-2-2

1.Poesia Lírica - Literatura Brasileira I.Título

CDD - B869-1

CDU - 869.0(81)-14

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia Século 20: Literatura Brasileira B869.1
2. Século 20: Poesia Lírica: Literatura Brasileira 869.0(81)-14

Distribuição:

JORNAL DE POESIA - Soares Feitosa

Av. Beira Mar, 3.678, apto. 2000

Fortaleza, CE - 60.165-120 FONE (085) 263-4241

seges@e-net.com.br

<http://www.e-net.com.br/seges/poesia.html>

a Gerardo

A CITAÇÃO

à maneira de mote:

..... a tua verde mão
terra de aurora
pois te cerca e me cerca
a aurora com suas coisas:
 e são coisas da aurora
 a estrela morredoura
 a nascedoura rosa
 e sob o azul azul
 do céu o boi mijando
 fervoroso no curral
 o relincho do cavalo erecto
 sobre as ancas da égua
 estas são — parece — coisas da aurora
 e a aurora é coisa minha
.....
.....
 quem sabe deste infante?
 a coronha do rifle
 o percorrido mapa
 e um promontório de ouro
 — ó musgos de Isabela —
 e esses musgos de fêmea
 são coisa minha
 só tenho as minhas coisas
 e as minhas coisas são
 o cavalo a égua o touro
 o bode o rifle esta dama de copas
 este gibão de couro
 e a rosa que te colho:
 e essas coisas trabalho
 e também a viola e o mapa-múndi.

(De Gerardo Mello Mourão, fragmento do primeiro poema de Peripécia de Gerardo, segundo volume de Os Peãs.)

A OFERENDA

no mesmo tom do mote,
a Gerardo, Poeta:

Mandei campear
nas minhas sesmarias

Soares

&

Feitosa

o meu melhor novilho
para soltar nos teus Mourões
que também são coisa minha!

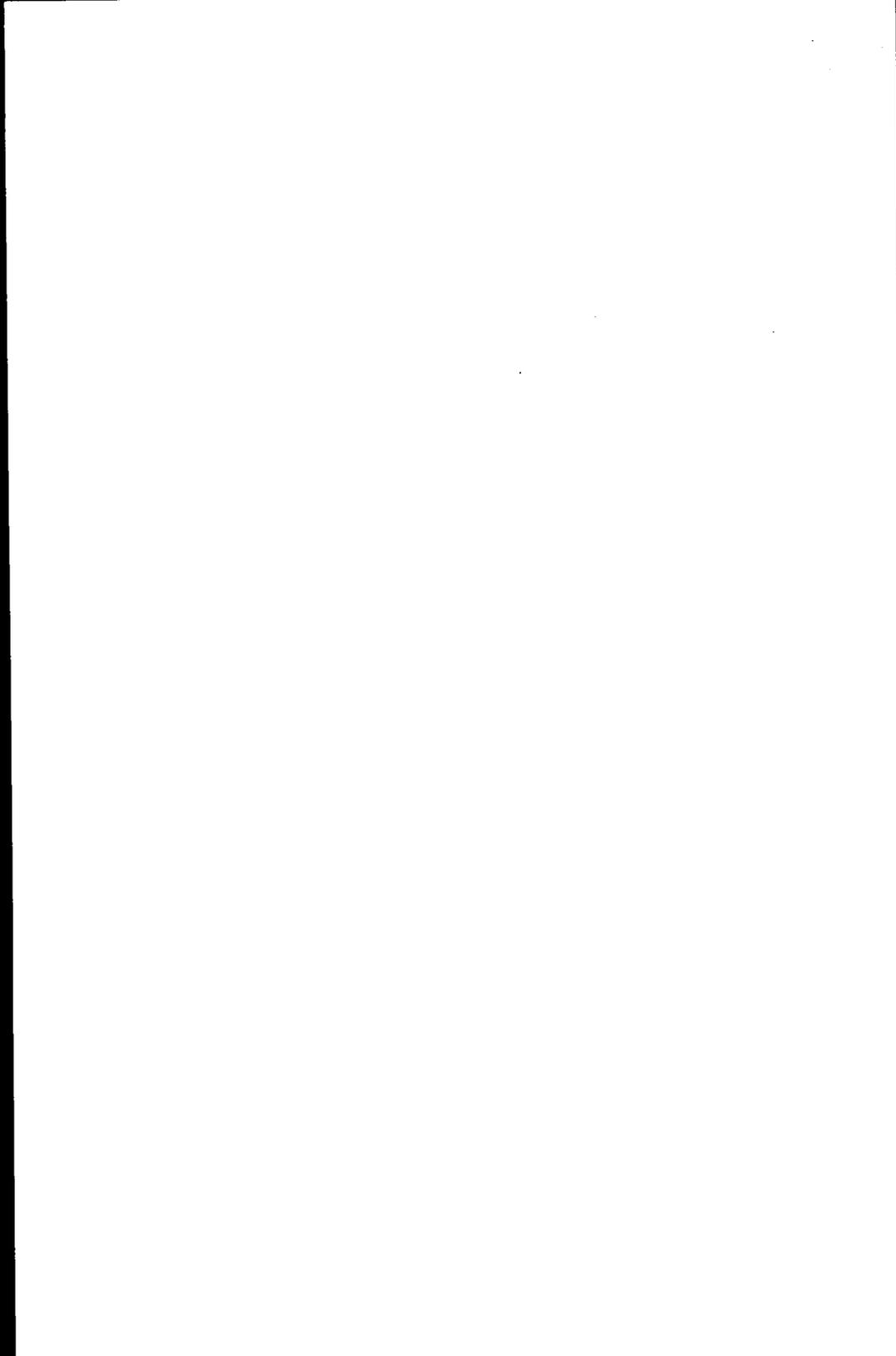
Um guapo garrote,
linhas tão finas,
tão gentis
e tão guerreiras!

Era a minha melhor rês,
geometria tão pura

do **A**grimensor!

Das terras de Siah,

Francisco José Soares Feitosa



ÍNDICE

Prólogo.....	13
Notícia sobre o autor.....	14
A aparição da Poesia (Gerardo Mello Mourão).....	15
Poemas:	
Salmo 151.....	19
Uma canção distante.....	20
Femina.....	21
Perdidos & Achados.....	23
Antífona.....	27
Menino do balde.....	59
Abismo em três dias.....	65
Do belo-belo.....	70
Thiago.....	72
Ayrton.....	81
Strip-tease.....	88
On line.....	89
Dormências.....	91
Mergulho.....	97
Compadre-primo.....	99
O trem e o cordeiro.....	112
Lágrima súbita.....	113
Panos passados.....	115
A outra margem.....	125
Cumplicidade.....	129
Convite à saudade.....	131
Resíduo de sal.....	137
Lua de março.....	140
Convite à flor.....	148
No céu tem prozac.....	149
Talvez outro salmo.....	155
Rio Macacos.....	164
Balançando devagarinho.....	169
A linguagem do amor.....	180
O que digo entre as flores?.....	181
Psi, a penúltima.....	183
Réquiem em sol da tarde.....	217
Apêndice I - Os poemas da Besta.....	221
Apêndice II - Notícia sobre o Jornal de Poesia.....	233
Apêndice III - Ecos da crítica e da generosidade:	
Adelaide Lessa.....	241

Adriana Lustosa.....	241
Ariadne Quintella.....	241
Belchior Joaquim da Silva Neto.....	241
Carlos Nóbrega.....	242
César Coelho.....	242
Cussy de Almeida.....	242
Dimas Macedo.....	242
Diná Sampaio Faria Gasparini.....	242
Dora Ferreira da Silva.....	242
Emílio Burlamaqui.....	243
Fernando Py.....	243
Francisco Austregésilo de Mesquita.....	243
Francisco Brennand.....	243
Francisco Carvalho.....	243
Geraldo Oliveira Lima.....	244
Giselda Medeiros.....	244
João Bosco da Encarnação.....	244
Joel Marques de Souza.....	244
Jorge Tufic.....	245
José Hélder de Souza.....	245
Juarez Leitão.....	245
Juscelino Vieira Mendes.....	245
Leila Micolis.....	245
Lucas Moreira Neves.....	245
Luís Antonio Cajazeira Ramos.....	245
Luís da Silva Araújo.....	246
Luiz Bello.....	246
Luiz Nogueira Barros.....	246
Manoel Ambrósio de Queiroz Neto.....	247
Mário Pontes.....	247
Marta Gonçalves.....	247
Micheline Verunschik.....	247
Moacir Leão.....	247
Nauro Machado.....	247
Paulo Bomfim.....	248
Pedro Nunes Filho.....	248
Rubens Ricupero.....	248
Sebastião Uchôa Leite.....	248
Sébastien Joachim.....	248
Sinésio Cabral.....	249
Sonia Ramagem.....	249
Weydson Barros Leal.....	249
Fac-símiles:	
Jorge Amado.....	250
Roberto Pompeu de Toledo.....	252
Millôr Fernandes.....	253

PRÓLOGO

*Minhas entranhas! Minhas entranhas!
Devo-me contorcer!
Paredes do meu coração!
Meu coração se perturba em mim!
Não posso calar-me,
pois eu mesmo ouvi o som da trombeta,
o grito da guerra.*

(Jeremias, profeta, 4, 19)

Este livro é uma escolha algo aleatória de alguns poemas do meu livro *Réquiem em Sol da Tarde*, 750 páginas, impresso inteiramente no computador, do qual eu mesmo fiz artesanalmente, com estas mãos de meio século, 257 exemplares, que foram distribuídos com os amigos, os parentes e os intelectuais — mais ou menos nesta ordem.

Alguns poucos, como meu compadre-primo Luís Souto Teixeira e o primo Juarez Leitão, preencheram plenos os três requisitos: parente, amigo e intelectual de brilho.

Talvez o *Réquiem*, como volume completo, jamais venha a ser editado. Os custos altos, as dificuldades, o tamanho massivo — um tijoloço, como se diz. Preferível algum desdobramento, que se inicia com este volume.

O título, tirei-o do poema que alguns dizem ser o principal, *Psi, a penúltima*. Outro poema algo inquietante, também "penúltimo", *A Dúvida*, ficará para o próximo volume! Ainda do próximo volume, se houver um próximo volume, será a minha primeira produção, *Siarah*, inteiramente "construído" entre o apartamento em que morávamos no Recife e a estação rodoviária, numa estarecida manhã de domingo, 19 de setembro de 1993. Quase aos 50 anos, jamais havia escrito qualquer coisa. E foi chegar da rodoviária e num jato passar para o papel (computador) aquele delírio, *Siarah*.

De lá para cá, o *daimon*, as musas — quem? — me têm estuprado e possuído, como Iahweh o fez a Jeremias (*Jer. 20, 7*): intensidade! Não obstante a epígrafe de Jeremias, profeta, e outras mais citações ao longo de alguns poemetos, este livro não é um livro de religião. Sequêr religioso. A não ser que se diga seja a Poesia uma nova deusa, absoluta no coração dos assombrados.

Aproveito esta viagem de primeiro livro para divulgar um ensaio sobre alguns poemas que, no tom de Jeremias, os chamo "da Besta" (*Apêndice I*), que vão de Fernando Pessoa a uma menina de 8 (oito) anos — aí a surpresa maior, parece.

Ainda na mesma viagem, divulgo o *Jornal de Poesia*, um sítio de língua portuguesa que fundei e mantenho na Internet (*Apêndice II*).

Isto, afinal, é um convite. Também.

Cumpra agradecer a generosidade de pessoas que jamais as vi pintadas e que responderam a mensagem de *Réquiem* com um carinho e entusiasmo jamais esperados. Dora Ferreira da Silva, por exemplo. Roberto Pompeu de Toledo foi outro. José Louzeiro, Dimas Macedo, César Leal, Sebastião Uchoa Leite, Artur Eduardo Benevides, Sébastien Joachim — quem mais? —, ah meu Deus, cometi a imprudência de citar nomes...

O prefácio, desde o primeiro instante, sempre desconfiei que seria mesmo de Gerardo (a quem só conhecia de *O País dos Mourões*) Mello Mourão, oitenta e anos, esse extraordinário poeta a quem dedico este livro. As duas orelhas seriam pingadas com os fragmentos da generosidade dos que me acolheram. Por quem começar? Quem o mais velho, quem o mais moço?

E, como tenho escutado que os mais velhos a rigor são os mais jovens (e vice-versa, ou, como escreveram alhures, "os últimos serão os primeiros"), pois bem, estava o livro semi-pronto, quando me chegou, desconhecida, a carta de um poeta, também uma voz insuspeita que não se sabe de onde veio: um belo livro, *Mosaico* — 19 anos, o jovem Antônio Massa que me subscreve a primeira orelha. É ele o "mais velho". O "mais moço" é o escritor e humanista João Ribeiro Ramos, do alto dos seus noventa e um/poucos, em plena lucidez... Que Deus o conserve por muitos e muitos anos.

Mas a todos os outros e a muitos outros *in pectore* eu os tenho e prometo guardá-los.

O autor.

Sobre o autor

Francisco José SOARES FEITOSA, 19.1.44, Ipu, CE, orfão de pai no mesmo dia em que nasceu, é filho único. Infância na cidadezinha de Monsenhor Tabosa, também no Ceará. Seminário de Sobral, aos 13 anos. Dos 14 aos 15, morou em Nova-Russas, na mesma região norte do Ceará, na casa do tio, padre Leitão. Toda a infância e juventude permeadas com os matos, os campos, os sertões, a caatinga, a Seca e os invernos: fazendola Catuana, às margens do rio Macacos, de sua mãe viúva, Anisia-parteira.

Foi jornalista na juventude, em Fortaleza; caixeiro-viajante no Piauí; depois funcionário do Banco do Brasil. Aos 20 anos já era Fiscal do Consumo. Sempre por concurso. Aos 22 anos, casou com uma serrana, Glaucineide, e com ela tem cinco filhos.

Viveu no Recife de 1980 a 1994. Transferido para Salvador, divide hoje residência entre as três grandes capitais nordestinas.

Em 1993, às vésperas do meio século de vida, escreveu seu primeiro poema. Em 1996 iniciou a publicação artesanal do livro *Réquiem em Sol da Tarde*. Ainda em 1996, fundou, na Internet, o *Jornal de Poesia*. Em 1997 publica o seu primeiro livro.

Agora, sentado na velha rede, completa uns restos de tempo para aposentar e retornar.

A APARIÇÃO DA POESIA

Vale sempre lembrar o verso do famoso poeta romeno, quando somos surpreendidos pela aparição da poesia que nos chega inesperadamente.

Chega, não de onde se podia esperar, mas de onde tinha que vir.

"Il nous vient parfois, d'un pays lointain...", diz o verso famoso de Ilarie Voronca, ao descobrir a mera voz de um poeta que chega como o sopro de um vento novo e antigo até então unsuspeitado.

Esta é a primeira impressão da poesia de Soares Feitosa, que entra pela sala e pela alma como um vento elementar. O poeta, de resto, vem de um país, as terras do Nordeste, do Sيارah ou Ceará Grande, onde as pessoas convivem com os ventos e as pessoas afetuosamente lhes dão o nome próprio e os chamam por seus nomes.

Os poetas, os mestres da poesia, sabem que "cantar é nomear". É celebrar como sabia Rilke. E celebrar é dar o verdadeiro nome das coisas, dos lugares e das pessoas celebradas.

Pois no Nordeste, como os gregos que sabiam os nomes de seus ventos, seus bóreas e seus zéfiros, também sabemos os nomes de nossos ventos: o terral, o aracati, o graviúna e assim por diante.

O mundo está fundado sobre os nomes. Assim acontece na história de Adão e na mitologia de ouro da teogonia de Hesíodo, quando os primeiros de nós saíram dando nomes aos seres, às árvores, aos rios, na fundação imemorial de nossas terras e de nossos céus.

Deus pode ter criado o mundo. Mas quem o arrancou do silêncio primitivo foi o primeiro homem, isto é, o primeiro poeta, ao pronunciar o nome de Eva ou de Deucalião, ao chamar por seus nomes as nuvens e as estrelas do firmamento e os riachos paradisíacos do primeiro dia.

Cantar é ser — ensinava ainda o poeta nos Sonetos a Orfeu.

Ser é saber a sua própria história.

O poeta é o contador de sua própria história, da história de seu ser e de seu existir.

E o ser e o existir são inseparáveis de tudo que nos cerca.

É preciso ter cuidado com os sentimentos. Gide lembrava que assim como o assoalho do inferno está forrado de boas intenções, segundo a advertência de Santo Atanásio, também a má literatura está cheia de bons sentimentos.

A coisa do poeta é o épos. Ao fazer a história, a celebração dos dias e das noites, o sentimento não é matéria-prima do canto. Mas não está ausente na tessitura das fibras da expressão. Há que cercá-las com o sopro prodigioso que parte de dentro da aventura perigosa e fascinante do ser e do existir.

Pois aí está um poeta vero. O poeta Soares Feitosa, a quem conheço pelo nome — e basta o nome — e pelos espantosos poemas que me está enviando, compostos com recursos gráficos das prestidigitações eletrônicas, nos causa, de repente, aquele frisson nouveaux que sempre traz a poesia verdadeira.

O poeta conta. Conta e canta. E canta e funda epicamente a memória lírica de nossas terras ainda quentes da mão de Deus.

Este país onde o sopro do espírito do Criador ainda está vivo no barro palpitante de nossa gente, país que se estende das solidões baianas do Raso da Catarina às Alagoas de Maceió, aos canaviais de Sergipe del Rey, às Borboremas azuis das Elbas Ramalho, aos Beberibes e Capiberibes dos fastos e das lendas de Pernambuco, aos vales potiguares, aos Cariris e às Ibiapabas, aos Piauí reúnos e cavalheirescos, até onde chegaram as bandeiras da Casa da Torre, e ao país dos maranhotos, onde troaram os canhões dos piratas e as apóstrofes do Padre Vieira, e onde troa, pelas ruas de São Luís, a voz do poeta Nauro Machado.

É dessas fronteiras entre a eletrônica e a Grécia que nos chega a epopéia de Soares Feitosa, cearense do Recife; Recife, capital maior de nossas capitânicas líricas, onde os Franciscos Brennand e os Gilbertos Freyre, como o poeta César Leal, testemunham, em prosa e verso e no barro amassado e temperado a fogo e tinta, a fundação da história de cada um de nós.

História que também vem sendo contada e cantada — o que é a mesma coisa — ao sol de Fortaleza, por um príncipe de afinação de cordas das violas d'amore, o poeta Artur Eduardo Benevides, pela tuba poderosa do poeta Francisco Carvalho ou pelo violão de meu saudoso amigo Otacílio Colares. E outros e outros e outros — que afinal isto é apenas uma notícia sobre Soares Feitosa.

Em seus poemas, o que está vivo é o Nordeste inteiro: o bode o cavalo o boi — o sentimento mortal — como no verso de outro poeta de nossa terra.

O mundo de Soares Feitosa é o mundo inteiro, porque é o mundo das Ipueiras, das Novas-Russas, dos Inhamuns, o mundo dos vestidos de chita das comadres, da batina e dos escorregões e das virtudes e das bravatas do vigário da paróquia. O mundo do padre-mestre, a quem conheci e que era um santo homem, mas que um dia resolveu casar, com medo da solidão da velhice. Engano do padre santo. Ele nunca estaria só. Todas as vozes dos nossos aboiões épicos e líricos estariam com ele.

Não estou aqui para fazer uma crítica nem um prefácio da poesia

cosmogênica de Soares Feitosa. *Eu não sei falar sobre poesia. Lembro-me sempre daquela história de Federico Garcia Lorca.*

Convidado para falar sobre poesia — contou-me um dia Gerardo Diego, seu crítico e seu amigo —, o poeta limitou-se a estender as duas mãos abertas e dizer:

*Yo no puedo, yo no sé hablar sobre poesia.
Yo la tengo aqui en mis manos, sé que está
quemando mi piel, pero no lo sé o que és.*

Assim é a poesia universal deste poeta nordestino.

E digo universal, porque no Nordeste, mais do que nessas ricas metrópoles do Sul, somos seres universais. Sustentamos a identidade provincial de nossa raça, de nosso sangue e de nosso espírito inumerável. Somos os homens da provincialidade. E, por isso mesmo, não somos provincianos.

Provincianos são os outros, os que limitam o mundo à caverna platônica de suas fronteiras e ignoram os ventos que sopram pelos vales e pelas serras de outras sesmarias.

O poeta Soares Feitosa talvez até sem saber, como Lorca que não sabia o que era poesia, é um poeta de dimensão universal.

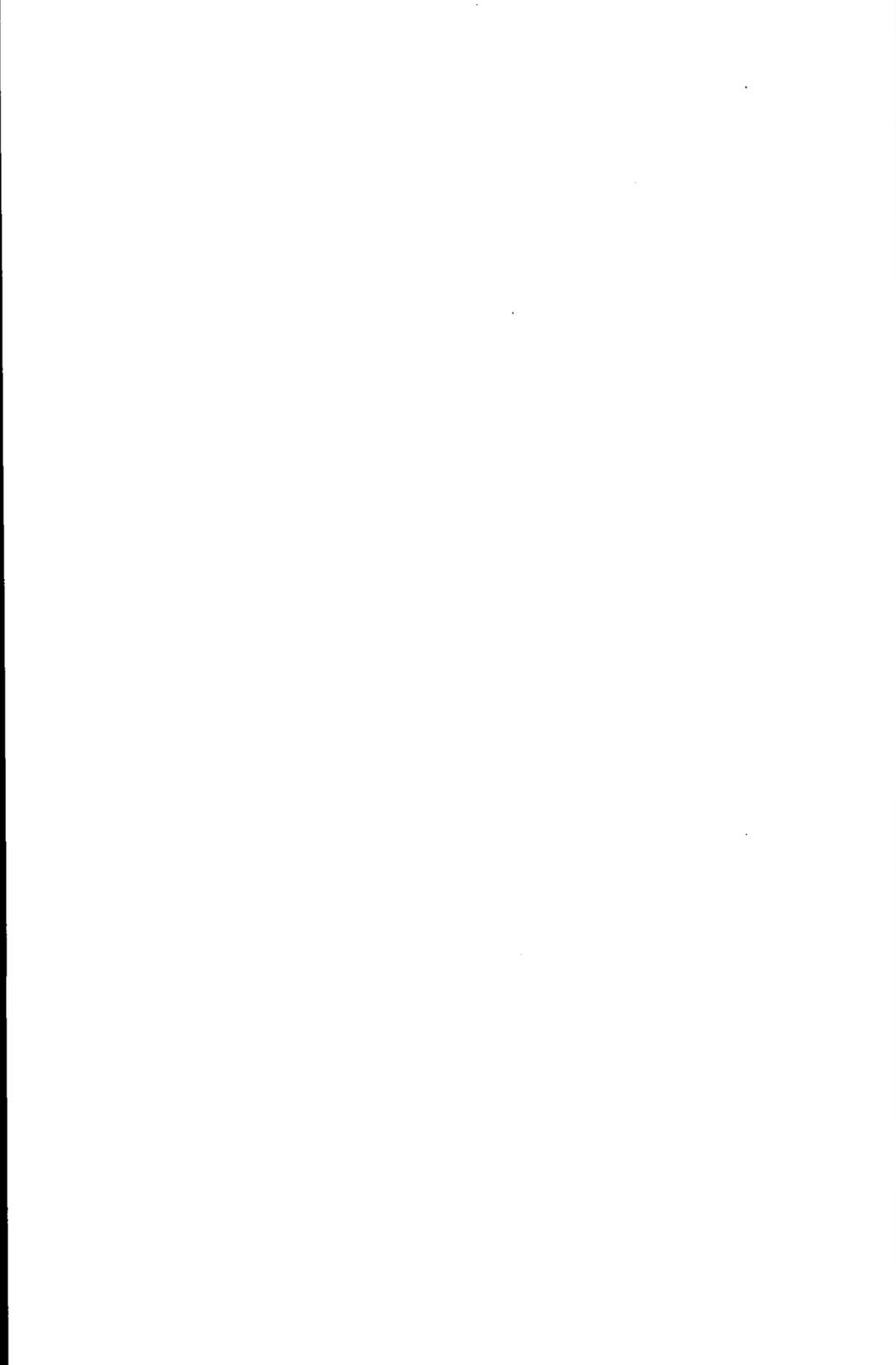
Canta a saga de nossas paróquias, de nossos vizinhos, de nossa aventura humana na pequena e brava gleba de nossa herança ontológica e existencial.

Mas o poeta se engana quando pensa que com seu canto nos deu o circo e ficou com o pão. O que ele nos está dando nestes poemas é verdadeiramente o pão, o pão nosso de cada dia. O nutrimento maior, o nutrimento da poesia, mais forte do que a medula dos leões, de que se alimentavam os heróis de Homero.

De sua poesia, somos todos protagonistas e heróis e vítimas e testemunhas para sempre.

Rio de Janeiro, carnaval de 1994.

Gerardo Mello Mourão



Salmo 151

O ato supremo da criação
 é também o galo que canta madrugadas
 e a raposa que o espreita;
 ambos criam — porque as Auroras criam —
 e as Auroras estão carregadas
 — as Auroras, o galo e a raposa
 estão pejados de Electricidade,
Elektri, mestre Álvaro,
 Álvaro de Campos,
 e os volantes que tangem todas as coisas...!
ad æternum!

.....E se não for PARA Ti, Senhor,
 não terá sido.

Tarde chuvosa em Salvador, 18.7.96.

Notas sobre Salmo 151:

1. Electricidade: *Ode Triunfal*, de Fernando (Álvaro de Campos) Pessoa.
2. Volantes: *Ode Marítima*, também de Pessoa.

Uma Canção Distante

Guardo tuas coisas para uma viagem
(em que tempo?):
em que vagão viajaremos — e as janelas
abertas pr'uma paisagem verde...!?

Guardo tuas coisas para uma viagem
(em que modo?):
no modo presente, no modo advérbio, passado —
passam, passam coisas,
que os meus dedos aos lábios, de uma mão perfeitamente trêmula,
cantam uma canção distante:
silêncio.

Guardo tuas coisas para uma viagem
(em que vontades?),
pois se me fugiram os cavalos meus,
arrebentados todos os trens,
mortos os condutores de todos os carros,
nafragadas todas as jangadas,
e o mar
brutalmente mar,
mesmo assim,
as coisas tuas guardadas, fiel:
(onde?)
navegar é possível.

Femina

Não lavei os seios
pois tinham o calor
da tua mão.

Não lavei as mãos
pois tinham os sons
do teu corpo.

Não lavei o corpo
pois tinha os rastros
dos teus gestos;
tinha também, o meu corpo,
a sagrada profanação
do teu olhar
que não lavei.

Nem aqueles lençóis,
não os lavei,
nem os espelhos,
que continuam
onde sempre estiveram:
porque eles nos viram
cúmplices, e a paixão,
no paraíso,
parece que era.

Lavei, sim,
lavei e perfumei
a alma, em jasmim,
que é tua, só tua,
para te esperar
como se nunca tivesses ido
a nenhum lugar:

onde apaguei
todas as ausências
que apaguei
ao teu olhar.

Salvador, madrugada alta, 6.10.95

Nota sobre *Femina*:

Este poemeto, no modo mulher, é uma variante (e homenagem), do poema *Lembranças*, de Angela Schaun.

Perdidos & Achados

Abram-se as janelas
que aqueles canários fugidos da gaiola
podem voltar.

Rebaixem a porta,
aplainem o batente,
removam-se os obstáculos,
que aquele gato, de nome Banduco,
preto,
rabo de neve,
também preta,
patas macias, brancas, e um ronronar suave,
que um dia fugiu,
deve voltar.

E se alguém perguntar por mim,
eu não fugi;
se tiver saído, foi só um pouquinho,
jajazinho estou de volta,
mande sentar,
sirva uma água fresca,
a hospitalidade,
receba,
receba bem, mestre Antônio.

ôChefe,
mesmo aquela,
a das "malcriações",

que lhe jogou o telefone,
que se homem fosse já estaria pastando
na terra dos pés-juntos,
conhecido Testa-Branca,
ela também, chefe,
se ela vier?!

Sim, mestre Antônio,
ela também;
se for calor, sirva-lhe um sorvete
de maracujá;
se for frio, um chocolate
quente;
mas especial
atenção
dê aos canários,
ao gato Banduco.

Procuro também um pião de soltar,
que me fugiu no ar,
ia-me esquecendo.

Pergunto também por uma arraia,
que se despregou do barbante
e voou
ao vento.

Indago por um cinturão de celulóide,
corzinha creme,
que servia de brincar
de enrolar-e-rolar,
nos regos da rede
nos dias
de febre.

Também indago sobre uma caixa de besouros,
que depois lhe conto;
e sobre uma soveia que eu mesmo fiz,
de aço,
para furar pau-de-mulungu,
gaiolas.

Ando louco, mestre Antônio,
verdade mesmo,
é por um par-de-olhos,
amarelos
e furta-cores —
furtavam
conforme o tempo —,
onde me perdi
e furtei
e guardei
que onde não sei...
e procuro e procuro
que procuro
desde.

Mestre Antônio, por favor,
revire tudo,
todos estes troços que têm grande valor
só para mim porém,
e que nada valem,
assim me disse um dono de ferro-velho,
que emoções não se compram.

Revire-os,
desencave,
quem sabe debaixo destes livros,
sob grossa poeira
destes trastes todos,

saltem,
mola do tempo,
dois olhos
perdidos,

...
achados
e a noite cinza.

Acho qu'estão por aí debaixo,
mestre Antônio.

Revire.

Vou dar um volta
e no retorno
me dê notícias do que achou,
de quem voltou,
se alguém ligou.

Anote.

Antífona

PARTE PRIMEIRA:

NEM QUE O GALO CANTE

*De que lado mora a luz
e onde residem as trevas?
(Livro de Jó, 38, 19)*

Venho de outras terras, meu capitão,
não sou da beira do mar, eu venho
desd'onde uma bola de fogo,
volúpia de luz, volúpia de cor,
cavalgava o horizonte e desabava,
queda brusca por detrás da serra;
era quase todas as tardes,
lá,
que raramente chovia.

E na quebrada do sol
os jatobás queriam se apossar do ouro do crepúsculo,
pediam a mestre Vento para lhes açoitarem as copas,
ajuda para agarrarem o sol,
mas o sol,
com medo de se perder na mata,
corria ligeiro,
mais ligeiro ainda,
o medo de se rasgar nos galhos dos paus,
para enganá-los,
ficava maior na hora de se esconder,

como quem dissesse
 "sou muito maior do que o maior dos oitis",
 e desabava lá de cima, soberano:
 (talvez fosse mesmo, maior)
pulfo!

Bem ligeiro,
 talvez até fosse mesmo — muito maior — bem ligeiro,
 rápido-rápido despencava lá detrás,
 e a penumbra deslizava sobre a planície,
 desciam as trevas no lá-de-cá da serra,

faltam quatro dedos
 para o sol s'esconder na pedra grande,
 dizíamos, no jogo de bola,
 vamor terminar,

que em porta e ferrolho:
 noite!

Depois me mudei:
 fui para além dos cabeços da Serra Branca,
 para além do lado de lá,
 atravessei o crepúsculo,
 debandei para onde o sol aparecia,
 achei-me às faldas da aurora,
 Macacos, rio Macacos e Volta-do-Rio,
 fazenda Macacos,
 Macaco-da-dona-Anísia, diziam os moleques
 para insultar, macaco de minha mãe;
 era de lá mesmo, Macaco-de-minha-mãe,
 do outro lado da serra,
 a vez de espiar o mesmo sol,
 albor das alboradas.

Ali,
 no lad'e lá do crepúsculo,

rompia desta vez,
 o sol a uma maré cinzenta,
 brigava contra aqueles mesmos paus,
 aqueles mesmo morros
 que eram da tarde quand'era de tarde,
 agora, matina, o sol digladiava os mesmos inimigos;
 os mesmos paus,
 os mesmos morros eram engabelados,
 o mesmo engodo:

crescer na hora de passar por cima deles,
 bola de fogo,

apenas um fogo mais brando,
 talvez fosse o frio do vento frio da serra fria,
 daquela manhã quase fria, soprando,
 que logo depois esquentava, soprando.

Para não rasgar nas pedras, pontiagudas, agudas,
 para não derramar o ouro aos jatobás:

quem já abriu um jatobá,
 bem amarelinho por dentro, sabe,
 é puro ouro,
 das asas,
 borboletas —
 pó, amarelas elas também.

Os jatobás passavam o dia inteiro dourando ao sol;
 mesmo assim, queriam mais,
 sempre mais ouro do sol,
 mas o bicho-sol crescia,
 alargava o passo, andava ligeiro.

Depois,
 mal se livrava dos jatobás e do mais alto dos oitis,
 amiudava o passo,
 ganhava altura
 até o pingo,

pingo-do-meio-dia:

e pingávamos,
afrouxávamos o barbicacho dos chapéus,
cabeças abaixadas,
reverentes,
pois ninguém jamais olhou o rei Sol a pingo:

Só enquanto ele nasce,
Só enquanto ele some;

Quanto menor o sol,
Mais brilho de sol;

Quanto mais alto o sol,
Mais fogo de sol!

A pino, diziam os mais velhos:
nunca olhe,
pode cair em cima da gente.

Mestre Sol,
quando estava a pino,
chamava por mestre Vento e ordenava:

— Compadre Vento, não vente,
vamos *mormacear*,
botar os bichos pra sombra,
é hora de encostar.

Encostava rápido e não ventava,
e, mal descambava da linha do pingo,
mestre Sol afrouxava as correias de mestre Vento:
rápido era o redemoinho,
rápida era a poeira,
rápida secava a infanta *baginha* do feijoeiro,
rápidas contorciam-se as pontas dos dedos dos matos verdes,
rápidas murchavam as cabeças louras das filhas do milharal,
rápida e aflita a sede geral de todos os bichos.

Longo o fim da tarde,
 longo o pio do cupido,
 despedia-se o corrupião;
 gemiam as sombras das oitíticas;
 os paus-d'arco, as aroeiras,
 de amplo recolhimento,
 Vésper.

O sol também com sede
 corria espavorido lá pras bandas do Piauí,
 também de sede;
 relava a barriga, desta vez
 espremido dentro do boqueirão por onde
 também passava
 tonitruante o Poti,
 um rio velho, covarde e mentiroso,
 camarão que lhe é do nome,
 camarão não tem nenhum.

Era de medo da seca,
 fugindo do Ceará;
 troava o Poti, dentro dos abismos da serra,
 para dizer que não estava com medo,
 mas estava,
 igual ao esmorecido dentro do túnel,
 que buzina de medo,
 nem olha para os lados, de medo, do túnel;
 tanto estava,
 desabalava inteiro pro Piauí.
 Covarde!

Esticava o pescoço,
 cansado e fumarento,
 quase também fugindo,
 de medo passava
 um trem de poeira e ferro,

E não me venha, capitão, dizer que o Rei fugia;
percorria, porém,

Rei,
ligeiro,
pra lá de chãos.

Suava.

Suava muito.

Eu vi, capitão!

As palmeiras apenas conseguiam tostar os coquilhos,
grandes manadas de lágrimas de sol,
os coquilhos, miniaturas em amarelo-ouro,
ouro roubado de mestre Sol,
que já ia lá longe,
garganta ardendo de tanta fagulha,
mestre Sol ia beber a água da sede,
também uma colher de mel-de-abelha-jandaíra,
quem sabe um trago ligeiro de boa tiquira
lá no Maranhão,
para quando no Amazonas chegasse,
bem de *muítão*,
refrescar um pouquinho,
talvez um banho na várzea do crepúsculo,
lá do lado de lá... que é lá, poente,
poente que ele se põe.

Até de manhã bem cedo...

Pontualmente!

Pontualmente, de manhã bem cedo,
pontualmente:
o sol,
o galo,

a aurora,
 a lufada do vento,
 a manhãzinha,
 o café forte,
 a porta aberta.

É hora!

É hora, meu capitão,
 me anote aí, por favor:

Sou do crepúsculo, meu capitão;
 Na aurora também sou;

Testemunhei ora em favor do sol,
 Ora em favor dos paus,

Também em favor da brisa eu fui chamado,
 Outras vezes em favor das pedras.

Vi a luta, capitão,
 Briga braba, de muita luz,

Luz luminosa contra o verde-escuro,
 De quando chovia;

Contra o verde-cinza,
 De quando ventava;

Contra o cinza-cinza,
 De quando, Seca, secava!

Testemunhei também em favor da serra,
 das franjas-do-vento;

falei em favor do ocaso,
 testifiquei o levante;

se preciso for,
testemunho outra vez.

Nem que o galo cante!

Porque era assim mesmo, meu capitão,
lá no saco,
chamávamos saco,
pois era mesmo um grande saco,
buraco de muitas valas, serras, serranias,
imenso o saco-da-serra,
um vale de paredões,
que era por cima deles se abria o sol,
um Sol-menino,
espreitando à beiradinha,
tomando ciência por cima da montanha,
só as mãozinhas agarrando o parapeito,
simples vagido daquele Sol-criança...

Mesmo assim, de logo era lançado,
arremessado extremo,
até se perder do outro lado do vale,
o lingüeirão de um vasto espanador,
cauda luminescente de um pavão real,
e era azul...

Azul-real, o céu da manhã; e a luz,
ora refletida no vermelho-vermelho da fruta,
fruta do mandacaru em flor;
ora brincando de prata
no espinhaço de prata de um peixe de prata,
que as escamas,
trêmulos de luz,
fúlgidos...

Ora brincando de rei,
eis que era o próprio Rei em Rei,
o sol brilhava direto,
sem intermediários, no remanso do rio,
refulgência da malacacheta
em cada brecha do caminho.

Eu vi, capitão,
foi assim mesmo que eu vi!

Brilhavam,
que eram das mesmas alboradas,
da mesma manhã, quand'eu vi,
espelhando na cacimba clara,
a menina dos teus olhos,
os molhados,
o teu vestido,
a miragem da cuia,
pois o apanhar da água, uma quase-música,
e os joelhos,
sob o rastro dos céus passantes:
os céus,
n'água,
os olhos...
d'ela.

Enchias o cântaro,
depois
o caminho,
quando subitamente iam ficando,
no caminho os orvalhados de teus pés iam ficando,
na areia respingada eram os desenhos,
em ritmo e sedução — joelhos —
e aquele cântaro era
o cântaro geral de minha sede toda,
tu,
sol geral de todas as manhãs,

pois eram duas,
 pois eram dois,
 Ela, o Sol;
 o cântaro, a sede.

¿O que mais quer o senhor que eu cante,
 de que bicho o senhor quer que eu fale,
 de quantos pés o bicho,
 em quantos pés o canto?

*Se cantar é preciso,
 escute lá, meu capitão:*

*Cant'um canto de amor,
 posso armar um quadrão,
 um galope à beira-mar,
 afino viola e bordão,
 qualquer mote sei cantar
 nestas bandas do sertão,
 preferência de dois pé,
 muié-feme, coração.*

*Sei cantar o arco-íris,
 só num canto muié feia,
 canto tudo qu' é estrela,
 canto o céu quando clareia,
 pode ser de vaga-lume,
 dozórios dela, lua cheia,
 meu camim é muito claro,
 ela que me alumeia.*

*Cant'inté no escuro,
 de tarde e de mei'dia,
 rasgo cerca, pulo muro,
 nunca abro da folia,
 é rojão pra lá de duro,
 pá dançar co'a Luzia,
 coração de muito fogo,
 muito bom na pontaria.*

Nun abra desta parada,
 venha de lá, seu capitão:
 tou espaiando as urtiga,
 arrancando os cansação,
 dô nó e faç'intriga,
 neste lado do sertão,
 quando tô nhiuma briga,
 brigu'inté cum o Cão.

Alimpe logo o camim,
 desarrede, meu capitão !

PARTE SEGUNDA

DO MEDO DE APAGAR O ARCO-ÍRIS

*O olho não se cansa de ver
 nem o ouvido se sacia de ouvir.*
 (Eclesiastes, 1, 8)

Peneirava,
 manhãzinha,
 uma chuva clara,
 entre a serra da direita, Canabrava,
 entre a serra da esquerda, São José do Frade
 (tinha um frade, de pedra),
 quando mestre-Sol mandou
 o menino Chuvisco armar uma rede
 para tirar um cochilo,
 de tão cansado,
 longa a viagem de todos os dias.

Era de um cerro ao outro a rede de mestre Sol,
 a tolda recobria todo o vale,
 vasta rede de muitas cores,
 vastas franjas, vastas varandas, vastos punhos,
 sete,
 sete-cores,

sete-raios,
sete-listras,
sete
e a lira!

Era um arco a rede,
parecia cada ponta esconder-se
ao pé de cada morro,
onde diziam os mais velhos,
naquele *logar*, pela raiz, ao tronco,
onde nascia em arco,
como se fora um grande armador-de-rede,
morava ali:
encantado,
um pote
de mel-de-engenho, da Serra Grande;
outro de farinha;
um terceiro, d'água,
bem friinha.

Aliás, outros diziam que era um pote só,
apenas um,
porém
de-ouro,
ouro-líquido,
fumegante,
resplandecente o pote.

Alguns outros também diziam:
não há pote algum,
apenas o perigo de que passes por baixo do arco
e mudarás de homem
ou mudarás de mulher

(foi assim com Tirésias,
depois de apartar as serpentes;
primeira vez que apartou, virou mulher;
na segunda, virou homem),

pois também quem cortar o arco,
 quem lhe apartar as listras,
 passando por baixo, passando por dentro,
 se mulher, vira homem;
 se homem, vira mulher;
 vira também adivinhão, como Tirésias,
 cego fica depois.

Cuidado, cuidado,
 e ninguém ia lá;
 mesmo assim, diziam que dona Durica, de barba,
 valentia e cachaça cuspida,
 passara por baixo e falava grosso.

Adivinhar?
 Estavam esperando.

Diziam que o compadre Mané Aceno também passara,
 não virara em mulher;
 pelo contrário, achara o pote,
 de ouro:

moedas, patações do império, libras esterlinas,
 muita prata e muito cobre,
 eu vi, capitão!

“Veja, comadre Anísia —
 disse mestre Mané (pedreiro) Aceno —,
 guiei-me num sonho,
 era uma mulher:

(Alice, sua comadre, não sabe disso,
 nem pode saber, cuidado, comadre)

grande cabeleira de uma égua melada,
 entre as crinas e o rabo, da égua, mas era mulher,
 bonita,
 tão bonita quanto nossa comadre Dica,

bonita,
 não deu para saber se era casada, bonita;
 era um coque que ela ia soltando
 devagarinho,
 eu seguindo,
 avançando,
 cautela,
 muito medo, comadre,
 da porta da igreja até aquele morro — e apontou,
 igualzinho às estrelas de presépio
 que têm um caído de banda"
 (um cometa, cauda do cometa, compadre,
 disse minha mãe).

"Era assim mesmo, comadre,
 esse tal de cometa;
 lá eu cheguei,
 na casa do coronel,
 abandonada,
 debaixo de neblina,
 e muito,
 pois o arco e muito raio
 quando ouvi a Voz:

*"É na casa velha,
 do engenho,
 no fecho da forquilha,
 basta cavar.*

Latiam uns cães,
 era o Cão, comadre;
 benzi,
 rezei para o finado Otacílio.

Continuaram a latir.

Aí me lembrei e perguntei:

*Quem pode mais do que Deus —
perguntei trinta e três vezes
— é a idade de Cristo, comadre —,
mas os bichos continuaram
latindo, ganindo.*

Aí falei cinco vezes
nas chagas,
Chagas de Cristo, comadre;
de São Francisco do Canindé também, comadre,
os Chagas.

Os bichos calmaram.

Era o Cão.

Fedeu.

Cavei, comadre, veja!"

Riquíssimo pote de ouro,
prosaica cabaça de mel com farinha,
apenas um arco-íris, para mestre Sol tanto faz,
alumeia, tanto faz;
mas naquele dia, balançava um pouquinho,
só um pouquinho,
acalanto fugaz de quem cansou,
e triscava o dedão do pé no paredão defronte,
onde de manhã bem cedo,
ainda menino,
Sol-menino,
apoiara o queixo,
rasgara as mãozinhas
na hora de nascer.

Era,
 ali,
 uma brisa leve, um abanar suave,
 eis que assustava o tempo um silêncio pesado,
 e um vaqueiro velho,
 quase também um arco
 e silêncio,
 Adolfo, de tão velho, silêncio,
 foi indagado:

¿Por que era que mestre Sol
 não botava todos os dias
 aquela roupa nova,
 da feira, talvez fosse,
 da missa,
 da festa de domingo?

O velho disse:

"É o arco-íris,
 só tem quando chuvia,
 não é todo dia que chuvia;
 se não, não tem sol-quente,
 e sem sol-quente
 a momona num estrala, o feijão num bageia,
 num amarela o milharal".

O velho disse:

"Precisa!"

O velho disse:

"Quando tem arco-íris,
 é mode os bichos,
 p'aprenderem a cantar,
 eles esquecem;

você não viu
o canário-da-terra,
como ele andava capiongo?"

Eu vi, capitão, eu vi,
dou meu testemunho.

Durante o cochilo de mestre Sol,
os bichos-de-pena se acalmavam,
talvez ensaiassem as lições,
talvez de medo
de apagarem o arco-íris.

Logo depois,
mal mestre Sol acordava e partia,
despregavam o bico, fúria nos céus,
todos os outros bichos também,
mas os bichos-de-pena cantavam um canto,
estrofes de um novo cântico:

um gravetinho bem pequeno,
um saltitar achegante,
um pula-daqui,
um pula-dali,
roçavam-se,
mais um saltitar ligeiro,
um fiapinho de algodão,

uns gravetinhos eram ciscados no bamburral,
no manjericão também,
para cheirar,
de amor e flor,
talvez,
móvel de casa nova montavam,
acho que era.

E mais um vôo, capitão, parecia

o ritual de uma devoção meio aflita

"o amor é sempre aflito",
disse o velho, Adolfo,

mostravam-se — eram dois —,
retornavam-se bico a bico, emplumavam-se;
o descompasso de um contágio de penas,
um arrepio de cores,
um saracote,
de mais gravetos e mais cantares e a brisa leve...

Eu vi, capitão:

era um fiar de cores,
um tinir de beijo e canto;
quase pairavam sob um gorjeio miúdo,
instantes
pareciam desejavam algum silêncio:
calmavam-se

si
 si
 si
 lêncio.

O material, parece,
era aquele mesmo material
da deusa *Mater Matuta*,
suprema deusa do alvorecer, quando tece
a pupila de todas as auroras,
as sete-cores do arco,
tece também a íris dos teus florais, amor,
os ninhos,
os lírios do campo,
despreocupadamente,
passarinhos.

Despreocupadamente,
 passarinhos,
 era-uma-vez um rabo-de-cavalo
 e uma franja:

e se fazia a ordenação geral de todas as medidas,
 ritmo e batimento de todos os traços,
 de todos os gestos, de todas as linhas,
 finíssimas linhas das palmas,
 uma palma por entre as palmas,
 uma mão por entre as mãos,
 a buscada irrepreensível de espinhos inexistentes

(quando tinha espinhos,
 tiravam-se,
 agulha e álcool que não ardião;
 arranca mais outro, amor!),

pois concílio de falanges,
 a combustão tátil às portas de todos os dígitos:

mão
 entre mãos,
 pétala a pétala.

Perseguia-se,
 Às mãos, o que das mãos já se sabia;

Buscava-se,
 Na pupila, a luz que não cansava de olhar;

Ouvia-se,
 Na raiz do gesto, o som do gesto.

¿De longe,
ouvir de longe,
como assim, meu capitão?

Só se for às conchas do mar salgado;
isso também conto,
conto depois.

E svaogavam

franja

penumbra

apenas.

— De que falas afinal, forasteiro,
enlouqueceste,
queres um calmante?

Falo de Maria Helena, capitão,
parece, o senhor não a conhece:

Ela,
Lena,
Leninha,
aquela,
da guerra geral de todos os sentidos,
Ílion,
Tróia.

PARTE TERCEIRA

PISO EM QUALQUER CHÃO

*Agora, tu Calíope me ensina
o que contou ao Rei o ilustre Gama;*

.....
*Senão direi que tens algum receio
que se escureça o teu querido orpheio.*

(Camões, Os Lusíadas, Canto Terceiro, 1 e 2)

Vem, Calíope,
venham também as outras oito,
Ereupokal-Kliumterthal, quero todas,
e sob Apolo,
a lira.

O que tinha de ver, já vi,
que tinha de escutar, escutei,
agora é a guerra, o trato de Menelau,
a palavra empenhada aos príncipes gregos,
contra Páris, o ladrão;
engenho e muita força, de todas as armas —
onde tiver, mando buscar.

Acudam-me os cantadores:
Ignácio da Catingueira, negro e escravo;
Romano da Mãe d'Água;
vocês também fundaram
o galope, a cantoria;
Pinto do Monteiro,
Otacílio, dos Batistas,
a batistada toda,
venham todos,
venham também.

Venha a negra
Barrósa,
 que desafiou,
 e era mulher,
 nem se acreditava (e desafiou)
 mulher fosse gente,
 especialmente se negra fosse, desafiou;
 hoje Benedita, dona Benedita, senhora e senadora,
 desafiou e ganhou,
 também a dona *Barrósa*, a senhora dona *Barrósa*,
 de seu Neco dos Martins, o desafio,
 que também me acuda,
 eram poetas,
 ganhou, ganharam,
 fundaram este país!

Quero também Aderaldo, cego,
 e outro cego, Dantas, de Nova-Russas,
 de quando de mim, menino,
 a feira, a estação do trem e Osvaldo,
 que era médico,
 médico-doutor e as raízes de todos os chãos,
 "fundou" a ecologia e era doido, diziam,
 não gostava de farmácia, nem de remédios:
 gostava de gente, gostava do chão!

Venham também os trovadores,
 chegue-me César Coelho,
 acuda-me Adauto Gondim,
 valei-me mestre Sinésio Cabral,
 vocês todos, um pessoal tão sensível,
 um cantar tão miúdo,
 gigantes, porém:

pois como conseguem
 encaixotar o início,
 passear pelo meio,
 botar presilha no fim

de tudo qu' é sentimento,
 em somente quatro versos,
 de tudo qu' é bem-querer,
 de todos os universos!?

Gigantes são,
 pois gigantes venham!

Venha-me também mestre Oldegar,
 feiticeiro do hai-cai,
 pioneiro, nestas terras,
 de conseguir enfiar,
 dentro de três versinhos,
 cinco-sete-cinco (tivesse):

a cerejeira,
 o monte Fuji,
 o Sol Nascente.

Convoco para brigar nesta guerra,
 peço ajuda e proteção,
 ninguém nunca deles se lembrou:
 Zé Cavalcanti, da Paraíba,
 Leota, Ceará, Leonardo Mota,
 meu compadre Heldenir, de Monsenhor,
 outros gigantes e muitos outros,
 prosa leve e muito solta,
 os *causeiros*, os *memorieiros*,
 os botadores de bonecos, os cantadores de reisado,
 das presepadadas, presepeiros,
 fazedores de sentinela,
 guias de cego e aleijado,

O banho então se fez
 no tacho de mel das rapaduras quentes,
 engenhos do pé da serra,
 aos paredões da Ibiapaba,
 à sombra das palmeiras gigantes,
 ao som dos besouros azuis,
 sorondongos
 torrados
 na pimenta (e farinha)
 do reino.

A gente comia
 — a gente come — os besouros,
 as tanajuras.
 Comemos também.

Para fustigar as formigas,
 fui levado às fornalhas das farinhadas de mandioca,
 onde
 bebi da manipueira, quando
 o cântaro furou e curti sede grande,
 à inclemência do Astro,
 mais um reforço,
 jamais poderei dizer padecimento:
 fazia parte da têmpera.

Ainda faz!

Guiei-me pelo barbante,
 do equador eu venho
 e trago,
 debaixo de toda a poeira,
 daquela terra benta que nunca foi fria, trago
 as alpercatas e um calcanhar eu trago;
 trago também

o afoito costume
 de pisar uma pisada resoluta,
 e das forjas daquele chão sagrado trago,
 para pisar em qualquer sítio,
 um pé.

Vou logo avisando,
 é o direito:
 com ele tomo a frente,
 com ele sei pisar,
 cantando galope na beira do mar.

Venho
 das alpercatas,
 do calcanhar eu venho,
 contra a tirania e a empáfia venho;
 vistam-se, por favor, todos os reis profanos,
 do meu pisar ninguém se ria,
 passo-lhes a faca,
 é amolado o meu quicé;
 ai do rei que ferir de nudez
 o verso, o poema, a cantoria!

É daqui mesmo, seu coroné:

é de *logar* bem de perto,
 é de *logar* bem distante, cheguei,
 um pé à frente, o outro atrás, agora;
 estou para qualquer parada, aqui;
 diga logo, por seu favor, sem demora,
 se prefere brigar,
 se quer fugir:

pisar em qualquer chão!

Apenas,
eis a ressalva,
a única,
razoável e salutar,
prudente e honesto prevenir:

Ela,
com certeza, o calcanhar e os espinhos,
d'Ela,
eu sei,
sempre foram,
sempre serão, desconfio,
mas, por favor,
Achilles,
diga logo como é mesmo que o senhor quer qu'eu cante!?

Notas sobre Antifona:

1. Detrás da serrania: a terra da infância do poeta, a pequena cidade de Monsenhor Tabosa, situa-se no primeiro platô da Serra das Matas, região centro-oeste do Ceará. Ao poente de Monsenhor Tabosa, fica o paredão da Serra Branca, onde o sol de esconde bruscamente, em porta e ferrolho, noite.
2. Macacos: fazenda Macacos, fica do outro lado do paredão da Serra Branca, de modo que, para quem está em Monsenhor Tabosa, o grande espetáculo é o crepúsculo ao paredão da serra por sobre os oitis e os jatobás, enquanto que, para quem está nos Macacos, o espetáculo é o da aurora por cima dos mesmo jatobás e dos mesmos oitis. O poeta morou (mora) nos dois.
3. Jatobá: árvore da família das leguminosas (*Hymenaea courbaril*), madeira dura, flores vistosas, amarelas, e cujo fruto é grossa e longa vagem que contém um farináceo amarelo claro, comestível e saboroso.
4. Oiti: árvore da família das rosáceas (*Moquilea tomentosa*), de grande porte e pequenas folhas, muito cultivada para ornamento e sombra nas ruas do Recife; os frutos, do mesmo nome, são drupas bastante carnosas e comestíveis, de cor amarelíssima, aroma e sabor intensos.
5. Barbicacho: (Brasil/NE) cordão que se passa pelo queixo para segurar o chapéu.
6. Poti: em tupi-guarani, camarão. Rio do Ceará, nasce nos sertões de Crateús e corre em direção ao Piauí, onde funda, na confluência com o Parnaíba, a cidade de Teresina, capital do estado.
7. Serra Grande: parte da cordilheira da Ibiapaba, fronteira do Ceará com o Piauí, extensão total de 100 léguas, altitude máxima de 1.000 metros, rasgada no lugar Oiticica pelo boqueirão do Poti, também aproveitado, o boqueirão, para construir a linha de ferro Fortaleza-Teresina.
8. Tiquira: aguardente feita com mandioca, bebida tipicamente maranhense, na rota do crepúsculo, pois a poente do Ceará.
9. Coquilho das palmeiras: coco babaçu (*Orbygnia martiana*), Brasil, abundante na Serra Grande, nas várzeas do Piauí e do Maranhão. Coquilho em forma de gota d'água, amarelado por fora, revestido com uma camada de amido comestível e medicinal parecido com o pó do jatobá: amarelou-ouro. A copa do babaçu parece o grande penacho de um espanador olímpicamente vertical.
10. O sol, o galo, a aurora, a lufada do vento, a porta aberta: a lide nordestina começa muito cedo, ainda com escuro; abre-se a porta da frente, esteja quem estiver deitado, a lufada de vento para acordar quem ainda estiver dormindo; o café quentinho e o refrão "é hora" a botar para andar os preguiçosos.
11. Tolda que cobria todo o vale: na casa nordestina, chama-se tolda a uma rede estendida bem alto, por cima da rede onde dorme alguém — criança ou mulher de resguardo —, de modo que a rede de cima funciona como um anteparo para o respingo da chuva às telhas de barro. As casas normalmente não são forradas; em compensação, réstias e biqueiras...
12. Ereupokal-Kliumterthal: processo mnemônico do nome das nove musas. Filhas de Zeus e Mnemosine, protetoras de todas as artes, costumavam castigar os humanos imprudentes que pretendiam sobrepujá-las; daí o pedido de licença feito por Camões nos cantos I e III d'Os *Lusíadas*. Era costume clássico os poetas pedirem o alvará às musas para as suas cantorias, sob pena de cegueira e morte trágica. **Er** — Erato, da poesia lírica; **Eu** — Euterpe, música; **Po** — Polímnia, hinos sagrados; **Kal** — Kalliope, poesia épica; **Kli** — Klio, história; **U** — Urânia, astronomia; **M** — Melpômene, tragédia; **Ter** — Terpsícore, dança; **Thal** — Thalia, comédia.
13. Ignácio da Catingueira e Romano da Mãe d'Água: a maior dupla de cantadores-violeiros de

todos os tempos. Ignácio, negro e escravo, natural de Piancó, PB; Romano, branco e importante, nascido em Teixeira, PB, também grande cantador. Famosíssimo pega na feira de Patos, PB, em 1870. Todos os demais cantadores, Cego Aderaldo inclusive, estão do *Jornal de Poesia*, em belíssimas *home-pages*.

14. Benedita: Senadora da República do Brasil, negra e favelada; senhora dona Benedita da Silva, desafiou e ganhou! No mérito!

15. Causeiro: (regionalismo, Ceará) contador de causos, histórias fantásticas do imaginário popular, fonte perene de todas as tradições e substrato cultural de um povo.

16. Botador de boneco: riquíssima tradição nordestina, também chamada mamulengo ou espendengo, bonecos manobrados por cordéis, vozes de ventriloquo, histórias ingênuas, uma festa!

17. Sentinela: (Nordeste) velório — muita cachaça, muito café, muita reza e namoro pelo meio; pasmem, verdadeira festança dos que ficaram. Por certo, o morto também “gosta”, pois até hoje nunca apareceu alma reclamando da animação. Pelo contrário, reclamam se não tiver.

18. Pau-de-jucá: madeira nordestina, muito dura, própria para fazer cacete de brigar, dura e pesada, porém flexível: não quebra, nem racha. A árvore deve ser “cortada no escuro”, isto é, em dias que não sejam de lua cheia nem de lua crescente; deve ser também sapecada levemente na fogueira de angico, com o que adquire mais dureza e uma cor ouro-marfim; finalmente benzida por um bom rezador, também chamado benze-cacetes. É arrumar as coragens e sair por aí! As vergõntes mais finas são usadas como bengalas — coisa de velho, pois cabra novo usa mesmo é cacete grosso. Era o jucá precisamente a madeira usada pelos índios para fabricar os tacapes.

19. Manipueira: (AM) tucupi, suco leitoso da mandioca, obtido ao pé da prensa das casas de farinha quando da prensagem da mandioca; contém o veneno da planta: ácido cianídrico, mortal para o homem e animais. Se o veneno for evaporado ao fogo (sete dias) ou ao sol (trinta dias em litro branco), a manipueira é utilizada (NE) para molho de pimenta de cheiro ou como ingrediente do pato, delícia da região norte, chamado “ao tucupi”.

20. Sorondongos: também sarondongos, larva de grande porte, do caule das palmeiras — babaçu —, também de dentro dos coquilhos, manjar finíssimo dos índios da Ibiapaba, tradição culinária mantida pelos serranos. Uma delícia, os franceses não sabem o que estão perdendo: um prato de besouros fritos na manteiga... melhor do que lesma — *scargot*, como eles dizem.

21. Tanajura: içá, formiga gigante. Quando do revôo para acasalamento, às primeiras chuvas, as novas rainhas inundam os céus da Serra Grande: “cai, cai tanajura, que é tempo de gordura” — canta a meninada, os grandes também. O abdômen do bicho — “bunda de tanajura” — é separado do encéfalo, comida cru por alguns mais afoitos. Uma delícia, porém, frito na pimenta do reino, com uma cervejinha, ao frio da serra. Latas e latas de tanajuras fritas correm o Brasil inteiro, para gozo e regozijo das amizades dos conterrâneos emigrados. Já comi, já ganhei de presente, presente fino, presentão!

22. Quicé: (NE) faca pequena, bem amolada, utilizada pelos capadores. Havia uma, da marca SESAM, de fino aço sueco, especial para “beneficiar”, isto é, castrar!

© Menino do Balde

As crianças,
os moleques,
os pivetes
(chamem-nas como quiserem),
eles, os infantes, corriam,
e, entre eles, o menor deles
levava um balde:
limpadores de pára-brisas.

Ao velho Ford,
a Taylor e aos outros,
da administração científica,
da racionalidade,
da linha de montagem,
os meninos,
gênios da raça, teriam parecido:

trabalho cooperativo,
alguns com os rodos de espuma,
o outro, o menor, o mais ligeiro,
um balde com a água!

Perfeito, perfeito:
a tropa de choque lavando;
o moleque aguadeiro apoiando.

Os carros se aproximavam do farol,
os meninos corriam,
emaranhavam-se por entre os carros,
avançavam aos pára-brisas;
mal os carros paravam,

eles alimpavam,
quase à força,
 vap-vap,
 cloche, cloche...

E ao humor de cada dia,
ao humor de cada qual:
reclamações de alguns,
trocados de alguns
(das mesmas pessoas,
ora *de-bem*, ora *de-mal*).

É a guerra, é a vida,
guerreiros, eu conto,
guerreiros, eu vi:
 uma sala quebrada,
 uma aula vazia.

E aquele menorzinho de todos,
o do balde,
também, ligeirinho, corria.

O balde não tinha água...

—— Ele não era o abastecedor?
 o aguadeiro,
 o moleque apoiador?

Não.
Estava vazio o balde.
Cheio,
cheeeio de coragem, porém.

Ao primeiro carro, o menorzinho
 (guerreiros, eu conto,
 guerreiros, eu vi),
 o menorzinho emborcou o balde no asfalto,
 subiu em cima do balde,
 pra *riba* do balde...
 para poder alcançar
 e alcançou,
 fecundou, fecundou,
 com a glória do macho,
 que não se rende,
 nunca se rendeu,
 menino macho,
 fecundou o balde,
 fecundou a Morte;

forjas do equador que lhe forjaram as forças,
 cinco séculos de sol e de fome,
 criou-se uma raça nova,
 uma super-raça,
 dos meninos machos,
 filhos do balde:

pires,
 migalha,
 debalde lutam...!

.....Para salvar nossa alma, capitão!

Foi assim mesmo que respondi,
 há mais de cem anos,
 eu,
 menino,
 mais *dous* homens feitos,
 mais um velho:

————— para salvar nossa alma, capitão!

Os baldes estão secos,
 os peitos estão secos,
 os olhos estão secos,
 os corações também secaram,
 só os *cojones* não estão secos
 para trepar e fecundar:

————— Coragem tenho, coronel!

Quando precisares de um macho,
 macho de fêmeas,
 macho de fé,
 macho de pântanos
 — Paraguai —,
 macho de Montes e de Mortes
 — Castelos, Pistóias —,
 manda-me chamar,

sou mais ágil,
 mais corajoso,
 mais audaz,
 macho ligeiro!

Uma nova gente,
 gente miúda,
 gente raçuda,
gens, gentium:

g e n o c í d i o .

Notas sobre *Menino do Balde*:

1. Henry Ford e Frederick W. Taylor: indústria automobilística e engenharia, respectivamente, fundadores da administração científica.
2. Guerreiros, eu conto, guerreiros, eu vi: Gonçalves Dias.
3. Subiu em cima do balde: pleonasma, com vistas ao duplo sentido de subir fisicamente e de ascender em glória e em coragem.
4. Nunca se rendeu:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo.

Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram.

Eram apenas quatro: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

(Euclides da Cunha, Os Sertões, Liv. Fco. Alves, 28ª ed., pág. 407.)

5. Guabiru: menino-guabiru, homem-guabiru — cientistas comprovaram que a fome, a verminose e outras pragas estão reduzindo a estatura média do homem nordestino, com o surgimento de uma sub-raça, os tais homens-guabirus. O assunto tem sido objeto de várias teses acadêmicas, exhaustivamente abordado pela imprensa brasileira, *Folha de São Paulo* e revista *Veja*.
6. Fábricas já não produzem: crise do desemprego, em especial Pernambuco, cenário da tragédia — lamentavelmente não restrita só ao Recife — cuja atividade principal, agroindústria açucareira, é decadente. Fracasso dos projetos da SUDENE.
7. *Cojones*: cena final de Érico Veríssimo, *in Senhor Embaixador*.
8. Macho de fêmeas: o lamentável des-controle de natalidade, no Nordeste em especial e também nas grandes cidades.
9. Macho de fé: (Canudos e Caldeirão, BA e CE, respectivamente) nos dias atuais, os santuários são Juazeiro do Norte (Padre Cícero) e Canindé (São Francisco das Chagas), ambos no Ceará.
10. Pântanos: Guerra do Paraguai, General Antônio Sampaio, entre outros nordestinos.
11. Montes e Mortes: Monte Castelo, Montese e outras batalhas, Segunda Guerra Mundial, campanha do Brasil na Itália, grande contingente de nordestinos, que se destacaram pela coragem e pelo heroísmo.
12. *Gens, gentium*: (latim, pronuncia-se gens, gêncium) gente das gentes. No Direito Romano, diz-se *Jus Gentium*, o direito das gentes, como sendo o direito dos povos não contemplados — inferiores, bárbaros e outros — com a cidadania romana. Aqui, o sentido é de que o genocídio é permitido e/ou praticado, não contra os estrangeiros, mas contra a gente nossa, a gente das nossas gentes, e também de que os meninos-do-balde não têm a cidadania romana..., aliás brasileira; aliás nenhuma.

Abismo em Três Dias

PRIMEIRO DIA:
DA INSÔNIA.

Não me culpe,
nunca tive culpa da brisa.

Sim,
para alcançar o vale,
há que saltar sobre o abismo.

Era uma noite de verão,
o convite ao chope,
quando os olhos,
inesperados,
se agarram
sob a fagulha,
que verd'azuis
eram
os olhos:

— Seu nome?

Sim,
sou,
sou eu que já te procurava.

A mim e a ti.

Uma despedida rapidíssima,
e o telefone,

sob o número,
para uma noite impossível,
assentar
quaisquer idéias
que voam latejadas.

Por enquanto,
a absoluta incerteza do presente:
amanheça.

SEGUNDO DIA:
Do "ENCONTRO".

Encontram-se agora,
aqui,
em nós dois,
alma, voz, gesto,
como se
de muitos
os tempos
para além da fronteira do Tempo.

Desde,
ali
encontram-se,
encontraram-se,
pois a certeza que nos cerca:
somos.

Impossível dormir,
nesta segunda noite:
dança-me à mente o bailado dos fantasmas.

¿Por que não antes?

Das incertezas,
porém,
que permanecem:

Ela,
que também as sorveu:

no dia seguinte,
nos subemos cada qual de si,
as incertezas.

Sim,
sou.

Pelos tempos,
o tempo todo.

Mas, agora — boa noite —
a pracinha, as luzes, o calçadão,
é tudo incerto.

Haverá um amanhã?

Irrefutáveis porém
a insônia,
a fagulha e o incêndio.

TERCEIRO DIA:
ATÉ.

Mudem-se os trajetos,
rasguem-se os folhetos,
devolvam-se os itinerários da viagem
que não deve ser feita
hoje de noite.

Nenhuma viagem, que não a do coração,
deve ser feita
jamais
à noite.

Vá!
Deixe para ir amanhã de manhã, porém.

Pertença-nos,
com as certezas e a penugem,
a noite,
quando os gatos,
à beira dos incêndios,
nunca são pardos.

É assim mesmo?

De onde nos saem enlevos tantos?

Manhã,
que outra vez insone:

vá,
aliás fique,
fique o tempo;
eu também vou
e fico.

Um rastro nos céus,
rapidíssimo
(viagem),

quando:

1) silêncio de uma infinita paz
interior;

2) estrépito de uma brutal inquietude
interior:

rasga-me o peito a chama murmurada.

As cinzas,
onde as cinzas
para me aspergirem a fronte?

onde as garras
para me rasgarem as vestes?

Até.

Até.

Até...

Do Belo-Belo

para Manuel Bandeira,
inventor de outros belos.

É mentira dos paisagistas,
quando dizem:

o belo deve ser o grande *canion*;
as paisagens da tundra gelada;
os coelhos, os alces da planície;
um olho distante,
a mata
em flor.

Belo também deve ser à tarde rubra

(que eu mesmo cantei,
dos meus paredões, Ibiapaba,
a serra vasta),

o sol rasgando a montanha,
quando s'escondia
pro outro dia...

Também belo, o sorriso
da mulher
(ou do homem, conforme)
amada, amado,
que o amor é belo
e ninguém contesta.

Nenhuma beleza maior,
porém, do que a dos dois-dentes,

Thiago

Em comum, Thiago,
temos alburno e âmago:

as poeiras minhas e os verd'águas teus,
também os temos.

Comuns de nós
a ancestralidade das águas desejadas,
minhas,
escassas, sofridas, minh'águas;
enquanto as tuas, Thiago,
são as águas dos silêncios,
talvez reparações de alguma
reforma inconclusa
do dilúvio primevo.

As nossas,
águas rasas,
um vau de poeiras,
mera chuva de rezas
a José, o Santo errado,
pajem de ouro do Menino
e da Senhora Santa,
descuidado vaqueiro
das terras secas,
assim as minhas,
aqui.

De viagens longas, meu poeta, eu venho,
o couro de bode em cabelo
—— cabelo, para não deixar rastro ——
do solado de umas alpercatas pisadeiras

em muito chão de mundo,
 eu venho doutros cantos e chãos,
 cheguei.

Venho de um poeta, digamos Euclides,
 capitão Ocrídes, como o chamava às solidões baianas,
 e ele me instruía, em riscos de fogo,
 sobre os riscos da terra,
 e também sobre o fogo da fé ele falava,
 e explicava os riscos faciais do guerreiro Santo,
 Antônio, um dos nossos, Conselheiro,
 de Quixeramobim,
 ali.

De mais outro poeta eu venho,
 falemos Gerardo,
 "coroné Geraldo", poeta-Poeta,
 O País dos Mourões que também são meus
 (Mourão eu sou, da banda dos Feitosas),
 e de Nertan, Nertan Macedo, também falemos
 — o bode o cavalo o boi o sentimento mortal —
 e do homem às contemplações
 do fogaréu deste meu chão sem águas,
 Siarah de chãos e terra!

Venho também de Humberto,
 que as asas e os assuns,
 bichos de pena de minha viagem longa,
 Humberto, Humberto Teixeira, e todas as asas,
 brancas, Thiago, e os assuns,
 pretos;
 e as asas-brancas, de cantar e chorar,
 furaram,
 furaro os zóios, Thiago,
 e de Gonzaga falemos também, e do coronel
 Ludugero e de Otrope, que preferiram, estes dois,

as águas verdes, para lhes entregar o pulso final,
 e agora cantam a presepada inocente, eles cantam
 entre os botos azuis e a raiz
 dos peixes dos Guajarás, eles cantam
 uma canção nordeste — no país do Pará —
 de não voltar.

Em comum, caro Thiago, ainda temos
 a ancestralidade de sangue:
 quem dos amazonas,
 qual dos paroaras,
 aponte-me, por favor, o nortista verdadeiro
 que poderá dizer que escapou
 do contaminado do fogaréu
 destas terras de pedra e pó!?

Quem,
 dos que aqui ficaram,
 dos imprudentes que ousaram ficar neste braseiro,
 poderá dizer que não mandou botar
 raízes nesses lodos ainda palpitantes,
 nos lodos teus, Thiago, do dilúvio elementar!?

Ceará e Amazonas,
Almazona e Siarah,
 uma terra só,

onde os opósitos:
 a água, vasta água, é lá;
 onde o chão, vasto chão e muito sol, aqui.

Somos dois,
 somos o mesmo!

— O homem?

É o mesmo, Thiago, o mesmo homem,
 idêntico bicho-de-dois-pés,
 e por favor não te pabules dos teus rios contra mim,
 que eu jogo para cima de ti o meu mar
 com todas as minhas jangadas de sete paus,
 levíssimas, flutuam, e voltam!

E mando, se zombares, supliciar-te com o vento raso,
 escorraço-te com os meus peixes,
 não esses "peixes" de lenda-de-beira-de-rio —
 com os peixes verdadeiros, porém, peixes-de-mar,
 de-mar-cheio, do-mar-oceano;
 e os meus tubarões de vinte metros
 e as baleias de duzentos comerão
 os teus paroaras, e te direi aos quatro ventos
 que as águas dos teus rios, maiores que sejam,
 jamais encharcariam estas terras secas,
 terras que foram feitas para se irrigarem
 — tão somente quando daqui fugimos —

...
 nos
 olhos
 das que
 ficaram.

Desconfio, Thiago, dessas águas todas, tuas,
 de todos esses rios imensos, teus,
 não podem ser de chuva só:
 esse mundaréu de chãos de águas
 são dos meus olhos, Thiago,
 quando aí fugido,
 entre polegar e indicador,
 eu apertei a casca limosa da floresta vasta,
 quando meus pés chiaram lama entre os dedos tarsos,
 quando meu lombo se encharcou da chuva rápida

.....
 foi aí, Thiago, quando os meus olhos
 se explodiram na lembrança
 daquelas terras, daqui;
 daquele vento, seco, meu;
 daquele sol dos olhos
 dela,
 minha.

Teus,
 meus também, Thiago,
 estes olhos de sol de todas estas janelas
 desta terra, caatinga, são olhos de água fugida,
 de coisa faltada, do orvalho ressecado,
 a lágrima inútil,
 restolhos do matinho verde,
 escassos...

A caminho das coisas grandes,
 fugimos,
 sempre fugimos — para voltar —

“cobras imensas,
 o berreiro dos navios prontos para o seringal, comadre,
 e pés-de-pau, compadre, que cem homens não abraçavam,
 eu vi com estes olhos” —

era assim que os meus mais velhos contavam
 as histórias do *Almazona*, e as cobras,
 aqui, neste alpendre da noite,
 vastidões da casa grande,
 era quando chovia,
 o relâmpago piauízeiro troando os céus,
 que aqui também relampeia — às vezes —,
 o milho assado, o queijo rangedor com rapadura,
 era quand’eu daí tinha voltado, pra cá,
 que sempre voltei,
 que sempre fiquei,
 que nunca saí,
 indaguem notícias de mim em Barreirinha!

Venho também, Thiago, de um canto aprendiz,
 do canto de mim, *Antífona*, canto meu,
 e já não esperava,
 depois desses cantos todos,
 dos poetas de que lhe falei,
 Eclesiastes, a coisa nova,

quando dos silêncios da floresta,
 sob um outro sol,
 era Manaus,
 uma conversa palpitada de filho e pai:

—— o senhor lembra de um barulho do mato,
 depois de tantos remos e tantas águas ? ——

e ele avançando entre as mangueiras

.....

o machado brandindo,
 abrindo em achas

.....

e ela sozinha,
 no meio da floresta.

Era também quando o cacauil desgovernado
 dava fruto ao grito dos macacos,
 gritos plangentes dos macacos-pregos,
 vide o Domador, vide o Macaco Caetano,
 ambos deste seu criado,
 criado seja de Deus e Nossa Senhora,
 do meu Padrim Conselheiro, amém,
 e de Francisco, São Francisco do Canindé,
 também de Cícero, meu Padrim
 (abaixo o casamento civil,
 viva o Imperador!),
 e os papagaios, pândegos de sol,
 escutei, Thiago;
 abaixe, por favor, o ouvido, e sinta —
 palpita nas beiradas destes chãos,
 eu vi, compadre, foi assim mesmo,
 cantavam, escutem,
 estão cantando agora:

- um canto de cantar,
- um canto de guardar.

E depois, Thiago, tu me dizes que a casa só morreu

— que não morreu,
eu sei, é mentira o que disseste,
a casa está "lá", sempre esteve —

num silêncio de limo,
num silêncio de folhas,
que também de telhas...
as telhas de um céu
insuportavelmente
estrelado.

Água e paus,
casca, alburnos,
miolo somos, Thiago,
não é de juízo não, Thiago, o miolo,
que miolo temos, Tiago,
mas é miolo de pau fixe,
melhor, do Pau-Ferro, do Violeta,
que de juízo não interessa,
paus-de-quebrar-machado!
paus-de-dar-em-doido, Thiago.

Uma risca de telhados rentes,
que rentes com o chão das águas
ficaram os telhados da casa velha;
rentes, formavam os telhados e as águas uma risca só,
d'água e telhas, rentes;
rente também o salto do peixe
na prata pura que lhe renteia fúlgida uma chispa de sol
por entre os cipós do igarapé e o meu grito:

e subitamente um brilho fugaz:
eram uns orvalhados
na minha face seca,
qu'eu rapidamente enxuguei,

de vergonha e belo,
 com o espinhaço rude de minhas mãos,
 só por fora:

um gosto de infâncias e águas, Thiago,
 parece que era:

errei todos os tiros.

E dos tiros estalados da mucunã da seca,
 em onze águas lavada, a mucunã de veneno,
 ainda assim, "veneno"

— está engulhando, mãe.
 "num" quero mais não —
 dizemos ao cuscuz nefasto da mucunã,
 de só ela e nada mais;

também do vergastado vento seco desta tarde rubra,
 e do fino pó destas terras vastas, daqui,
 vamos fugindo, Thiago,
 fugindo de muito sol
 para nos afá

..... nos afagarmos
 na vastidão terçã,
 fugidos somos,
 voltados somos,
 outra vez fugidos,
 outra vez voltados,
 sempre assim, *sumus*,
 às terçãs das terras submersas,
 terçãs de naufragados corações da terra verde,
 onde me plantei, Thiago;
 perguntem, por favor,
 indaguem por mim
 ao pessoal de Barreirinha!

Notas sobre Thiago:

1. O poeta: Thiago de Mello, Brasil, 1926, Amazonas, Barreirinha, poema mais famoso *Os Estatutos do Homem*. Este poemeto é uma glosa — e homenagem — do poema *Filho da Floresta, Água e Madeira*, do seu livro *Amazonas, Pátria da Água*, Ed. Civilização Brasileira, sob o título VENTO GERAL. Tentei fazer um contraponto das águas de Thiago com os meus chãos de poeira, Ceará, referindo passagens minhas e dele, Thiago, a saber:
2. Âmagos: "raça de âmagos", estrofe de Thiago, desejada libertação de sua (nossa) gente ribeirinha. Alburno: do meu poemeto *O Domador*, dissertação lateral sobre a mata atlântica e seus mistérios.
3. José, o Santo errado: do meu poema *Siarah*, quando comprovo que a escolha do Carpinteiro, como padroeiro, foi um erro para o Ceará: carpinas não gostam de chuva!
4. Couro de bode em cabelo: as chinelas de couro de bode, os pêlos diretamente no chão, era estratégia dos cangaceiros para enganar os rastejadores: informar que iam à esquerda quando estavam à direita.
5. Euclides: Euclides da Cunha, supremo poeta da nacionalidade, *Os Sertões*, pronúncia popular "seu Ocrídes", ou "seu Ocrídio". Os riscos da face eram os estudos, em moda à época de Canudos, fim do século passado, das expressões e formas cranianas, a partir de Gall e Broca (cientistas) e de Lombroso (jurista).
6. Santo Antônio: Antônio Vicente Maciel, dito Antônio Conselheiro, um "dos nossos", pois também cearense, de Quixeramobim. Poemas meus: *Siarah* e *Psi, a penúltima*.
7. Gerardo: Gerardo Mello Mourão, 1917, do Ceará, Ipueiras, *Os Peãs* e *Carmen Sæculare*. Nertan Macedo: também poeta cearense, *Cancioneiro de Lampião* (integralmente no *Jornal de Poesia*), do ciclo histórico dos cangaceiros e fanáticos.
8. Humberto Teixeira: também do Ceará, poeta e letrista maior, de todas as grandes obras de Luiz Lua Gonzaga: *Asa Branca*, *Assum Preto* e outros e outros.
9. Ludugero e Otrape: dupla de "coronel e seu ajudante", do Nordeste, mortos em desastre aéreo na baía de Guajará-Mirim, em Belém, PA.
10. *Almazona*: pronúncia matuta, no Ceará. Estreitíssima ligação desses dois povos: águas e seca, a colonização do Norte, os soldados da borracha, a ferrovia Madeira-Mamoré, a conquista do Acre e outras epopéias: nossas. Vide poema meu, *Siarah*.
11. *Antifona*: poema meu, onde canto o fogo do sol destes braseiros. *Macaco Caetano* e *O Domador*: poemas meus, referências aos bichos.
12. "O senhor lembra de um barulho?": estrofe belíssima, de Thiago, rara ternura na evocação das infâncias, do poema *Filho da Floresta*.
13. "Abaixo o casamento civil, viva o Imperador!": palavras de ordem em Canudos, confira em Vargas Llosa, *Guerra do Fim do Mundo*; em Ariano Suassuna, *A Pedra do Reino*. O movimento de Antônio Conselheiro era sobretudo religioso — prestigiando o casamento na igreja católica — e conseqüentemente contra o casamento civil, "republicano e do demônio". Era também monárquico, pelo retorno do rei, D. Pedro II, e de Dom Sebastião inclusive.
14. "Os papagaios pândegos de sol": é de Thiago. "Canto de cantar, canto de guardar": do poema meu *Tentação*.
15. "Um céu insuportavelmente estrelado": também de Thiago. "Salto do peixe", da penúltima estrofe: poema meu, *Antifona*. "Mãos rudes": poema meu, *Siarah*.
16. Mucunã: semente que abre com o sol, em bom estalido, usada como recurso de boca, no desespero das secas. Venenosa, é necessário lavá-la em onze águas; dá um cuscuz insuportável.
17. Barreirinha: lugarejo de Thiago, onde este autor inverte as mãos da história e pede notícias dele próprio num lugar onde nunca botou os pés. Aliás, pensa que não botou. Ou botou?

AYRTON

Os Heróis nascem!

Os homens morrem.

*a Filípides, 490 a.C.,
o semideus de Maratona.*

Campeei o touro bravio,
o bisonte, o cavalo selvagem,
às pradarias d'Espanha,
e a minha crônica foi escrita,
em pedra,
nas galerias de Altamira...

Depois eu sentei praça
a serviço de Rainhas e Faraós;
os crocodilos e os leões
foram dominados à minha lança...,
e a minha crônica foi escrita
ao gentil hieroglifo,
eterno,
Templos & Palácios,
em terras d'Egito...

Em seguida fui a Roma:

——— Ave, Cæsar,
morituri te salutant!

E ao gládio e à malha
vi o polegar de César:

abaixado,
a lâmina do herói
me trespassava as entranhas...

Noutras, o polegar alevantado,
o contendor, valente,
dominado;
sempre ganhei,
só uma vez perdi,
e a minha crônica se inscreveu
nos séculos:

Spartacus,

Quo Vadis?

Ben Hur!!!

E quando o fio da morte
corria pela minha mão...
e *via* nos escombros,
nos olhos baços,
nos lábios retorcidos:

——— Ave, César,
os que vão morrer te saúdam!!!

Eu,
clemente,
procurava nos olhos do Imperador
o socorrido *habet*
para o outro, caído:
levanta-te,
amigo!

E bebíamos até cair,
nas tavernas de Roma...

Tem sido assim:
o uivo da morte,
meu prêmio,
minha glória...

Anos depois,
 sentei praça numa *plaza de toros*
 a serviço das pontas,
 à femoral,
 e coloquei a penhor *mi sangre*...
 O Miúra me passa
 quente,
 rápido,
 rente,
 e faço que não vejo...

Um leve meneio,
 uma rápida polegada,
 o perigo dissipado...,
 mas eu não seria *un caballero*,
 un torero,
 el matador!

E não me mexo:
 rente,
 rente à femoral,
 o chão estremece,
 rufam os tambores:

Olé!
 e os corações Olé!

Banderillas!

Banderillas!

Às vezes me perco
 no labirinto da morte,
 às curvas
 e às pontas finas,
 carícias da morte
 en mi corazón...

O arrepio
 faz parte, sempre fez,
 mas os esmorecidos disseram que vão serrar
 os chifres da Fera,
 fazer pistas retas,
 couraças de malha,
 protetor perfeito à femoral...
 O Miúra, mero garrote de circo,
 chifres de algodão...,
 risco:
 de zero!?

Estão dizendo que querem pista reta,
 carro seguro,
 piloto prudente,
 competidores gentis,
 juízes honestos,
 tempo de sol...
 limites, limites — dizem —
 obedecidos.

Estão loucos!!!

Limites?

——— Se nunca tive limites!?

Mandem-me limar os chifres deste Miúra,
 injetem mais sangue nos olhos dele,
 enlargueçam-lhe as patas para o coice,
 dêem-lhe mais peso e agilidade...

E eu,
 Davi,

pequeno e audaz,
 a serviço das femorais,
 a serviço das fêmeas,
 a serviço dos teus olhos, amor,
 saberei *banderillearlo*:
 o chapéu,
 a capa,
 y *mi corazón*
 aos teus pés,
 à tua flor!

Onde tem uma reta,
 me fechem uma curva;
 onde tem sol, me botem chuva,
 pista de cotovelos
 e labirintos,
laberintos de su corazón.....

E a minha crônica está escrita
 no coração das fêmeas,
 trespassado às *banderillas*,
 tardes de Toledo
 y Sevilla...

Banderillas!
 Banderillas!
 Olé!!!

Um dia,
 um só,
 um único dia,
toda la sangre de las hembras
 às suas coxas derramado,
 derramei à minha coxa:
 fêmur,
 frêmito,
 femoral...

E a minha crônica se conclui
em todas as praças de touros,
del país de España:

Olé!
Olé!

Olé

Finalmente sentei praça
com os cavalos de prata...

1. E GANHEI
E GANHEI
E GANHEI
E GANHEI
E GANHEI
2. E GANHEI
E GANHEI
E GANHEI
E GANHEI
E GANHEI
3. E GANHEI

SENNA.....

.....SENNA

SENNA.....

— Onde estás?

— Acabei de sentar praça
numa nova *scuderie*:
pole position,
primeiro piloto,
de Elias...

Aquele...
das Carruagens!

de Foga...

fire
fire
fire
ao *Ritual Fire Dance*, the poem!

Strip-tease

Jamais eu ficaria quieto
sob o teu olhar;

que muito menos quietos,
no direito de ir e vir,
sobre o teu corpo,
seriam os meus olhos lívidos.

Porque sobre mim
bastam os sons
dos teus vestidos:
já me desvestem a alma.

On line

— Saberias eu indagar agora sobre tuas mãos?

Era de noite:

gotejava o inverno
e a repressão dos desejos
percorria nossas mãos como se nunca soubessem,
elas, as mãos,
cada qual de si
e da outra.

— Pois o que ensiná-las a mais,
se as ensinamos pouco?

Porque agora,
outra vez de noite,
qwerty — é apenas a prosaica banda deste teclado —
máquina,
só máquina, só noite,
qwerty — bato com os dez,
melhor com os da esquerda,
embora destro, bato —
letra a letra — qwerty;

Mas saberia agora mesmo,
dígito a dígito,
sinal por sinal, todos;

mesmo sem olhar, que não nos podíamos olhar,
os sinais, tactilmente tácteis
(assim mesmo, à antiga,
tácteis) e a penugem
e a voragem

(...)
como se fosse — e era —
a tua direita
contra a minha esquerda:

eu saberia
do amor que te falhei.

Noite!

Dormências

ao **A**utor

Era uma vez o Vento semeador
com uma tonelada de sementes
debaixo do braço.

Destino: —» terra de chã.

Missão: —» propagar algumas,
talvez uma,
uma só seria
suficiente.

E as sementes foram ao léu lançadas.

As da superfície,
as aves do céu comeram-nas.

As demais,
mais fundas, ficaram na terra,
enterradas estavam.

E assim foi:

milhares delas foram pasto
(eram as mais rasas),
repasto dos animais pequenos,
que se justificaram,
no "plano",
tatus, formigas, fungos e roedores,
precisamos comer — diziam —
e comeram.

Restaram muitas sementes,
exageradas são as sementes —

você já cortou ao meio um tomate,
já reparou numa espiga de milho,
cada um daqueles grãozinhos
— são muitos —
é um:
um-um,
perfeitamente um,
perfeitamente vida,
um,
uno
um-Eu,
um-Tu, também pode ser.
— Quem?! —

que as sementes são fartas e o Vento generoso,
sobram sempre muitas sementes enterradas,
que o mesmo Vento tangedor de nuvens
manda tanger gravetos e poeiras,
e as sementes, cobertas são —
prudência de protegê-las,
a nível vário.

À primeira chuva,
explodiram as mais apressadas,
brotaram superficiais,
e se esbarraram no verão calcinado
e de sede sucumbiram.

Noutra chuva,
outra leva nasceu,
mas os pássaros ainda estavam famintos
e lhes ceifaram todos os brotos.

E mais outra,
e mais outra, sempre mais uma leva
de sementes nasciam e sucumbiam:
um raspar das enxadas,

espelhava-se o chão e, no outro dia,
 a neblina, o orvalho,
 a terra, o sol,
 parideira forja de sol-quente-e-terra-úmida,
 húmus
 e quente,
 novas sementes desabrochavam
 intumescências.

É assim mesmo, minha amiga,
 a mata, a floresta, os chãos nossos de cada dia,
 que você, praciana, da cidade grande,
 imaginara melancias de máquinas japonesas
 de supermercado e *computer*;
 abra, por favor,
 sob qualquer lâmina, é fácil,
 atenciosamente, uma melancia vermelha
 e se dê conta que a "máquina do japonês",
 de fabricar melancias,
 se máquina fosse,
 não teria produzido tanta semente,
 nem gerado casca grossa:

Não, não,
 o "plano",
 o plano é outro!

Eis que (in)úteis as sementes desabrochavam:
 raspavam-nas à enxada;
 senão carícias de morte,
 ao *tordon* letal;

Eis que (!!)-úteis as sementes desabrochavam:
 talvez ao gentil cordeirinho,
 para comer;
 talvez ao menino malino,
 para brincar.

Úteis ou inúteis,
 as sementes,
 entenda como puder,
 aivecas e cordeiros
 dão cabo de todas,
 nascituras "arvorezinhas",
 abortadas serão,
 não lhes sobra ninguém.

O problema

— ou a solução, ângulo de olhar, mero —

é que as sementes são muitas, muitas mesmo

(cinco milhões, dizem, de-cada-vez,
 é a do homem-mamífero),

e finalmente,
 depois de muitas luas,
 muitas, difícil dizer quantas,
 o camponês se esquecera,
 em pousio aquelas terras deixara,
 talvez se mudara para a cidade grande;
 o cordeirinho, de há muito deslanado fora,
 e o menino, malino, crescera e também fugira,
 quando, finalmente, quando
 uma sementinha,
 bem funda,
 dormia espargido sono de planejada dormência:
 é agora, ela disse aos botões dela,
 e brotou velocíssima:

os pássaros momentaneamente fartos
 com outras bolotas,
 que finalmente:

fiat,
fiat silva!

Algum Plano?

—— Parece!

E um único pé de assa-peixe naufragou
a pastagem inteira:

alqueires, ares,
hectares, acres,
acrósticos, apócrifos,
a natureza voltou:

intacta!

E aquelas palavras minhas,
de século-semente,
soterrada palavra quando
uma sementeira foi plantada e devastada,
ínvia vereda, mulher-menina:

eu sei
lá debaixo
no fundo daquele
canteiro
de um velho canteiro
quase caindo pelos
esteios
e seios
resta uma flor
oculta
que das tuas lágrimas
do teu vergel
brotará
semente

(...)

e dos meus olhos ermos
a palmeira
o cacto

Notas sobre Dormências:

1. Dormência, período de: (ciência agrônômica) diz-se da capacidade de as sementes se autoprogramarem para a germinação em períodos diferentes: uma primeira leva de sementes, logo às primeiras chuvas; outras, alguns meses depois; muitas, somente no ano seguinte; finalmente, algumas preparadas para eclodir dois, três, quatro anos depois. Certas sementes, como as da algaroba, têm um revestimento exterior muito duro que impede a germinação imediata, o que obriga os plantadores a escarificá-las no atrito com areia grossa. A dormência germinativa é um recurso decididamente fantástico da natureza, do "plano", pois, do contrário, se nascesse a totalidade das sementes logo às primeiras chuvas, e se surgisse um veranico mortal, morreria toda a esperança de propagar. Quem é de lá sabe: por mais limpo que se deixe o terreno, sempre uma nova camada de ervas surgirá; maldição ou benção, depende.

2. Pousio: descanso que se dá ao solo lavrado, para recuperação.

3. Tordon: herbicida das pastagens.

4. Assa-peixe: pequeno arbusto, terror das pastagens, erva daminha do ponto de vista dos fazendeiros; erva belíssima, do ponto de vista das abelhas e passarinhos. Extremamente invasiva, dominadora. Suas sementes, para desespero dos fazendeiros, têm um período de dormência de muitos anos.

Mergulho

Ela corria pela ravina
quand'eu lhe gritei:
desce, amor, sou eu.

Ela me perguntou:
o que me trazes,
o que me ofereces?

Trago no meu corpo
o perfume da terra áspera,
o cheiro da terra
na primeira neblina,
para ti eu trago.

Nos meus olhos,
o fruto amanhecendo
numa aurora de ouro,
às tuas narinas,
eu trago o fruto.

Trago também, só para ti eu trago
o furor da tempestade,
o tremor do vento do deserto,
que de dia é quente,
que de noite é frio,

e aos teus cabelos não negarei
o arrepio
nem o mergulho,
não negarei...

E na ponta dos meus dedos
um dedilhar suave,
uns tons de sol,
uns tons de lua:

esquadrinharei todo o teu rosto,
pétala a pétala,
numa manhã de rosa.

— Agora vem, desce, amor!

Foi quand'ela saltou,
desequilibrou-se, nem sei,
de despenhadeiro abaixo,
e suavemente, pela cintura,
nos pousamos
nas touceiras azuis
dos manjericões de cheiro.

Compadre-Primo

Mote geral:

A infância,
o chão, os matos, as pedras, os céus, as águas,
o sertão, os bichos grandes e miúdos,
oficinas e tralhas,
cheiros, e sons!
Mofumbos & alecrins, perfumes.

Personagens:

Dois meninos,
os tios, os parentes, os moleques, as montarias
e a saudade.
Naquele Tempo.

CANTO PRIMEIRO

TRAVESSIA

Passinho miúdo, pedregulho da serra,
Padrim Ulisses, a burra Faceira,
garupa, o primo, molecote, meu igual.

Quarenta... e lá se vão pedradas.
Foi ontem!

Vicente, o tio, brabo e valente,
montaria Jandaíra. E eu também...

— Brincamos ou brigamos? —
perguntou o *padrim* aos dois meninos.

Nem precisava:
primos, destino;
séculos, amizade:
Compadres!

Oito léguas, mas chegamos.
Chovia, paraíso:
fazenda Bom-Jardim,
sertão do Tamboril,
terras de *Siarah*!

CANTO SEGUNDO
CAÇADAS

Diz o governo que não pode...

Naquele tempo, podia:
caçar *passarim*.

Era craque o primo,
terror da floresta, na mira da baladeira,
inverno, em terras de *Siarah*,
mofumbos, alecrins:
perfumes... a mata
cheia.

Não podia era tirar ninho,
nem judiar do inocente,
nem abrir-a-porteira-do-curral,
nem manganar do desvalido,
nem desrespeitar o mais velho,
nem deixar de socorrer, doente, o animal.

Tocar fogo no capim?

Nem pensar,
pois o Cão "aparecia"...

Tudo isso estava escrito
no Segundo Livro,
de Felisberto,
feliz, que escreveu;
de Carvalho,
imortal!

E fielmente obedecido.

Quarenta... e lá se vão pedradas!

Foi ontem!

Pois caçar,
naquele tempo, podia!
Primo meu, mira afinada,
fogo-pagou, juriti, jaçanã...
terror da mata, o primo,
entre espinhos, da faveleira,
atirava, eu ia buscar.

Crime dos crimes:
do beija-flor, troféu de glória,
o coração, *antropófagos*,
comíamos, para atirar melhor.

A mim nunca adiantou a mandinga:
remorsos, hoje, do inocente Beija.
Atirava no que via, matava o que não via.

Matava?!

É um modo-de-dizer:

acertava na pobre da lagartixa,
confirmatória,
jiboiada na cerca do curral.

— Primo meu,
quarenta, primo, lá se vão:

ainda acertarias no Sibite em pleno vôo?

ou.....

..... à raiz de teus cabelos parcos

(pensei, apenas pensei),

haveriam de tremer

no ar

a mão,

o olho,

a baladeira,

a pedra,

e no tempo

o tempo?

— Cadê tua baladeira?

Não,

não, Compadre-meu,

eu sei que tu acertas!

Embainhes tua arma:

mestre Sibite agora é nosso Compadre,
tem filhos para criar...

CANTO TERCEIRO
A LETRA TÊ, EM TACHINHAS

Íamos traquinar nas tralhas
 da oficina do avô, Joaquim.
 Tinha a *bésta*, de madeira e relho,
 do meu já falecido pai, Tatim.

A letra T̄, em tachinhas...
 Na madeira da besta,
 um T̄ é
 igualzinho ao das cadeiras lá de casa.

— A besta é *dele*,
 disse um tio, Quinzim:
 eu ajudei a fazer... a mobília também;
 não é para mexer...

É dele...

Um proibido tão fraco, esse do tio...
 Pareceu até achou bom,
 os meninos...
 dos meninos que um dia,
 ele também...

Cúmplice, como se fosse,
 saiu fininho,
 fez de conta que não viu!

Pois mexemos e traquinamos!

Alguém fazia outra coisa?

Casaca-de-couro, um ninho imenso,
na canafístula, lado da casa,
inocente, pagou o pato.

Perdemos a flecha, da besta.

O avô, o tio e o dono,
até hoje,
não sabem da traquinagem.

Foi bom!

Ah, meu Tempo,
que me avoe o velho Sibite,
que me perdoe o Beija.
Flor, flores...
Longos anos, mestre Casaca,
felicidades, comadre Jaçanã.

Mas, vocês rezem,
rezem muito,
sempre chega uma nova safra...
os moleques, de baladeira!

CANTO QUARTO
REZAS & PAÇOQUINHA

Francisquinha, nossa avó:

— Meu *netim*, uma paçoquinha,
de gergelim com rapadura.

E nos ensinava o Ângelus:

Angele Dei, qui custos es mei...
 Anjo do Senhor, que és o meu guarda...
 Às seis da tarde, recomendava.
 E se benzia!

Por que, Compadre,
 a gente não reza mais?

CANTO QUINTO
PERIPÉCIAS

Depois, nas montarias,
 mais quatro léguas,
 Sítio-do-Meio, de Raimundo, tio.
 Os primos e os moleques, do nosso tope.
 Foi festão!

E corríamos nos jumentos.
 Nas *jumentas*, ainda não,
 não era tempo.

E traquinávamos;
 e traquinávamos!

Alguém fazia outra coisa?

Um capuxu,
 ferroadas...
 doeu!
 A Prima,
 a farda do patronato,
 Crateús,
 fim do mundo, diziam.

Tão longe...
depois ficou perto...
Agora é longe...

Como pode?
menino, longe;
taludo, perto;
velhote, outra vez é longe...
Esse mesmo Crateús!?

Sal,
água morna,
a bacia de ágata,
a toalha de cheiro:
lava-pés de rei!
E tirava os espinhos,
branca,
listras azuis,
belíssimas!

A farda..... : a prima!

CANTO SEXTO
"BENÇAS"

E a papa de farinha-do-reino?
E a coalhada, da ceia?
A carne-seca, do bode, assada...
Tudo com rezas e benças
aos mais velhos, dos meninos.

— Meninos...?

Meio-século, primo!

— Velhos?

É "quaje"!

Como corre!

Ver fabricar o queijo, primo,
o queijo do Tamboril, famoso,
da fazenda Bom-Jardim, melhor,
das terras de *Siarah*,
a coalhada ainda quente, fiapando...

— Não mexe, menino! —
dizia a preta Tonha.

— Tome um *pedacim*, meu *netim*! —
e chamava pra perto...

As beiradas, da prensa, à noite,
quem não comeu (rangindo)
o queijo,
salte esta linha, pois, inocente,
não sabe o que é bom!

Foi ontem!

CANTO SÉTIMO
ALMANAQUE & ALMANAQUES

Tem a história do Almanaque:
Vô Joaquim, pra ficar forte,
comprou um biotônico.

Não é que tinha um almanaque?!
Ilustrado!

Até o galo, de botas e esporas;
a onça,
a terrível onça, comedeira dos bodes,
de um murro só, Zeca *matou-la!*

— Tu não te lembras?

Pois foi lá que li o Almanaque.
E não me canso de ler almanaques.
Até hoje!

CANTO OITAVO
CHEIROS & SONS

Compadre-primo, eu te digo:
o estrume da Mimosa,
o bodejo do Caprichoso, nas cabras...
Cheiros e Sons!

Foi ontem.

Não,
não foi ontem,
foi ind'agorinha!

Pra lá, Compadre bode,
pra cá, minha vaquinha!

Safado todo,
o Caprichoso, Compadre!

A gente olhava...

CANTO NONO
RETORNAR, QUANDO CHOVER

Antes que a *Ceifadeira* chegue,
e que não chegue já...,

eu te convoco:

vamos tomar emprestados
os pulsantes
dos Beijas:

Aqueles
.....
daquele tempo.

—— Será que a gente agüenta?
(é melhor quando chover)

Selar a Faceira,
a Jandaíra,
e *chamar*
o *Padrim*,

..... e para ir junto,

o tio,
Vicentim.

E,
coragem,
cavalgada ligeira,
voltar lá,
Bom-Jardim!

É que eu tenho de voltar lá, Compadre,
 para pegar
 (...)
 a besta,
 aquela,
 das tachinhas
 É "minha"!!

—— E a flecha que também é sua e nós perdemos?

—— O Compadre me ajuda a procurar!

Recife, 26.9.93

Francisco, † aos 35 anos.
 Conhecido Tatim:



"A letra T em tachinhas
 igualzinha ao das cadeiras lá-de-casa..."

Agonizou,
 no mesmo dia do nascimento do poeta,
 também Francisco,
 até o alvorecer do dia 20.1.44.

"A *bésta* é dcle, disse o tio, e saiu de perto."

Notas sobre Compadre-primo:

1. Abrir-a-porteira-do-curral: entre os "pecados" dos meninos, logo abaixo do desrespeitar pai e mãe, tios inclusos, estava a traquinagem de abrir a porteira do curral, de manhã bem cedo, com o que os bezerros entravam e mamavam todo o leite. Peadíssimo, bem mais grave, seria tocar fogo no capim — bastava pensar, que o Cão, o famosíssimo Cão-do-segundo-livro, aparecia para carregar o capetinha colega.

2. Os livros: eram quatro — *Primeiro Livro de Leitura*, *Segundo*, *Terceiro* e *Quarto*, de Felisberto de Carvalho (ou de Erasmo Braga), e mais os *Pincipios de Arithmética*, de Antônio Trajano; depois, as famosíssimas *Coleções FTD*. Duravam os livros de bisavô a neto. A literatura da época incluía o *Lunário Perpétuo* e os almanaques *Capivarol*, *Bristol*, *Fontoura* — onde Monteiro Lobato divulgava o *Jeca-Tatu* —, estampas (belíssimas mulheres) do sabonete *Eucafol*. A expressão "dei até o terceiro livro" significava ter estudado inclusive o terceiro livro de Carvalho, o que, dizia minha mãe, ganhava das oitos séries atuais. Parece que ganhava. Ganhava mesmo, com certeza. E tome bolo, na sabatina.

3. Cão-do-Segundo-Livro: da famosa coleção de Felisberto, o *Segundo Livro*, lá pelas tantas, trazia a história de Ernesto, capetíssimo, que mexia nos ninhos, pecado maior, em plena quaresma, e abria a porteira do curral, e que um belo dia resolveu tocar fogo no capim. O Cão, um bicho terrível, cascos de burro, chifres de Cão mesmo, aparece a Ernesto, pronto para levá-lo. A gravura é de assombrar. Corrigiu-se o garoto, que, dizem, virou poeta depois.

4. Coração do beija-flor: corre a lenda no sertão de que o menino que comer o coração do beija-flor, pasmem, ainda batendo, cru, ficará arto na pontaria da baladeira. Por certo, um sacrifício ritual — teria origem nos sacrifícios das civilizações pré-colombianas do Novo Mundo? o coração, também pulsante, das virgens imoladas? O poeta, como todo menino, comeu também, mas de nada adiantou... — óculos desde muito pequeno, quando muito acertava na pobre da lagartixa, alvo imóvel, uma injustiça!

5. Letra T, em tachinhas: a mobília de madeira ou de couro, no Ceará, era marcada com a inicial do dono, com pregos de cabeças arredondadas — as tachinhas —, aqui retratadas tanto na besta de madeira como nas cadeiras ainda existentes na casa da mãe do poeta, *lá-em-casa*. O pai do poeta chamava-se Francisco (apenas no registro de nascimento, pois era conhecido no trecho Serra das Matas-Serra da Ibiapaba, onde comboiava uma tropa de burros e de jumentos com rapaduras e farinhas, como Tatim). Numa dessas viagens, de "grande conforto", em meio aos garajaus e aos caçoás, quando o casal passava pela cidade de Ipu, a 19/jan/44, nasceu o poeta; mas, no mesmo 19, algumas horas antes do nascimento, o pai, Tatim, suicida-se, sem ter tido o prazer de ver o filho, único e, ao que dizem, por ele tão desejado. Agonizou até o amanhecer de 20.

O Trem e o Cordeiro

Por que o senhor engenheiro não botou estas pedras
bem pra longe,
as longarinas e as traves
da ponte
— no olho, a trave —
não as afastou?

Riu-se ele do susto:

— Não vai bater —
foi o que ele disse,
malicioso, na ponta do lápis.

Não consigo confiar
— o olho —
maldigo a régua
que poderia
ter chamado
bem pra pertinho
a paisagem, o cordeirinho,
para pousá-los
nos paus desta janela.

Lágrima Súbita

*Porque o medo não é outra coisa senão
o desamparo da reflexão.*

(Livro da Sabedoria, 17,12)

Nenhuma grande chuva
jamais encheu
o mar;
nenhuma seca do Ceará conseguiu baixar
o nível das águas
deste mar-oceano;
logo,
esta lágrima súbita,
neste mar salgado, é inútil
como volume.

¿De que medos tenho coisa?

Transito eu — ela disse — entre o abismo
e a lembrança;
que agora,
neste borriço de espuma e brisa,
os escorridos da minha face me confundem:

— serão de mim,
serão do mar? —

Por que agora uma lágrima,
nascida num canto de minha face,
quando lágrimas
só as conheço de alegre?

— De que medos tenho eu?

Seria este azul de mar
profundo, fundo,
cheio, soturno,
a fonte obscura do meu terror?

E se eu chamar a reflexão,
aplacadas serão minhas aflições?

Ou, mais prudente, clamar pelo sonho,
que prefiro imaginar, agora:

(optei pelo sonho,
claro que é sonho)

esta vontade de fugir
e cavalgar horizonte e brisa,
tanger os ventos no corcel dos meus cabelos,
navegar os azuis e céus na esquina de minha face
e, quando gritar por lágrima,
venha, senhora lágrima,
eu quero,
eu preciso chorar:

.....

.....

e de surpresa,
quando olhar de lado,
é sonho, claro que é,
reencontrar,
no vento ligeiro,
a fuga dos teus olhos!?

Panos Passados

para
Luciano Maia

remoto motivo: Um
pingo
d'água
nas-
ceu
nos
céus
e um
fio
alvo
o
chão
en-
cheu
de
vida
(a
água
é
veia).

cabeceiras: A água
imita
a clara
cantiga
da chuva,
que nasce
da nuvem
(passagem
efêmera)
que jorra
do ventre
do céu
à terra
que pare
semente
que brota
corrente.

(Do poema-título *Jaguaribe, Memória das Águas*, árias remoto motivo e cabeceiras, de Luciano Maia, Ed. Giordano, 1994.)

As águas em minha terra são efêmeras,
parideiras, fêmeas, efêmeras eram as águas,
que desciam
às telhas de barro
de minha casa rude
naquele tempo.

À empanada de algodãozinho,
como se fora um coador ao pote
— cantareira —,

À beira daquela cisterna, janela,
 não havia o show dos balseiros secos,
 novelas secos, rolos secos
 tangidos pela força ainda invisível
 das primeiras gotas
 da chuva,
 chuva primeira:

folhas,
 folhas secas, caducas, garranchos,
 pó,
 folhas formando levas

- retirantes -

tangidos ao estrondar,
 relâmpagos e coriscos;
 gentilíssimas gotas primeiras,
 um leve fio d'água,
 e era ali solene, mítico,
 que se fundavam,
 refundavam os fundamentos
 renascidos,
 refundados,
 pela enésima vez,
 do velho rio,
 rios,
 rios secos,
 meus rios,
 do quintal da nossa aldeia:

rio do Governo,
 Jaguaribe,
 Macacos,
 Curtume,
 Acaraú.

Secos, os rios,
 renasciam sob o balseiro,
 efêmera glória,
 vida nova,
 até o verão bem próximo!

Os primeiros balseiros lá-de-casa
 eram jogados fora,
 para limpar as telhas,
 farras dos gatos,
 pegas dos ratos,
 "bênçãos" dos urubus e passarinhos...
 desviava-se o jacaré:
 agora está limpo,
 vamos encher,
 graças a Deus!

A empanada regurgitava cheia,
 água e vento por cima,
 mormaço por baixo,
 armava-se o pano em cocuruto,
 como se fosse à bicicleta de freio-pedal
 do meu primo Valmir
 quando descia o Rabo-da-Gata,
 numa camisa de listras,
 DE PANOS PASSADOS,
 um velame de mar,
 enfunado às costas:
 vento e brisa,
 primavera que não temos por aqui.

¿Quem disse que não temos?

Pois
 as lavadeiras saltitantes em cima do balseiro,
 o vôo do cupido, do xexéu, do concriz,
 a marcha ligeira da sariema,
 o passo lúgubre, aterrador,
 da cascavel,
 chocalhos... solene...
 a chispada dos tejuaçus,
 os olhinhos assombrados dos preás,
 momento fantástico,

os bichos desocupam a areia,
 ação de despejo
 (*o Juíz Invisível*),
 ao cheiro da terra molhada,
 sobem às barrancas,
 e o fantástico cheiro da terra,
 da terra fêmea, terra molhada:
 mais uma vez,
 as primeiras estrofes do Gênesis,
 como se fosse a vez primeira:

um tímido fio d'água,
 o rio,
 a aflição das formigas,
 o revão dos cupins e das tanajuras,
 e ali se diz:
 por uns breves dias,
 o leito deste rio tem dono:
 a Cheia!

Lázaros de sol,
 Lázaros de sal,
 meus rios,
 em Primavera:
 a Cheia!

Cheias,
 efêmeras por certo,
 tão valentes
 quanto as de qualquer rio de luxo.

"O Salgado é o rio mais belo do mundo!"

¿Nunca viram Aracati debaixo d'água?

Claro, claro,
 temos também a nossa Primavera.

Também tive minha bicicleta,
naquele tempo!

No meu tempo não tinha calçamento
nem asfalto;
no barro de loiça
molhado, respingado,
o caminhão do *Padrição*,
a cafuringa do *Joãoarque*,
o *chevolé* do João d'Urbano,
o *fozim* do *Manezim*, *Carneiriveras*,
conhecíamos, os meninos, todos os carros
pelo ronco, pelo apito,
que deslizavam, andavam de banda;
e de manhã bem cedo, ao final dos respingos,
uma pequena grota, mero filete,
água amarelada, barrenta,
do barro-de-loiça,
corria junto à calçada
lá-de-casa,
naquele tempo!

E a água era domada:

hábeis mãos,
um bolão de barro,
um ajunta daqui,
um alisa dali...

— ¿Estas mesmas mãos,
de-meio-século,
teriam sido elas,
estas aqui,
as minhas mãos,
ao barro elementar?! —

Pois mágica da criação,
àquelas mãos de criança,
uma rapidíssima parede,
e Assuã, Orós, Banabuiú
seriam míseras poças
na frente do meu açude,
que depois, com os pés,
a gente mesmo arrombava.....
.....o aguaceiro.

É que sempre foi assim mesmo:

água-de-beber,
água-de-brincar,
água-de-viver!

E o sal:

o Sal dos Teus Olhos, Amor!



*Anísia, viveu 83 anos; viajou em 7.11.1994.
Muita luta e muita força.
Uma mulher de coragem.
Professora, parteira, mulher de todos os instrumentos.
Viúva no mesmo dia do nascimento do único filho.
Bonita!*

*Era um menino,
uma janela,
cisterna,
respingavam-lhe à face os elementos em fúria
de céu e criação:
céu,
Céus!*

Notas sobre *Panos Passados*:

1. Cantareira: local dos potes (cântaros). Quando se enche o pote, é colocado um pano à boca do mesmo, como coador.
2. Cisterna: Monsenhor Tabosa, Serra das Matas, CE, cidade de minha infância, não tinha “água boa” — potável —, o que levou minha mãe, Anísia, a mandar construir uma cisterna, a primeira da região, 1950, o que causou grande assombro em todo o trecho. Era um belo tanque de cimento armado, com uns 20.000 litros (ainda hoje existente), garantia de excelente água para o consumo e ainda de algum faturamento.
3. Rio do Governo: riachote insignificante, passava na Baixa do *seu* Honório, o coronel Honório, por trás de nossa casa, em Monsenhor Tabosa. Teve uma única cheia: quando arrombou o açude do Antônio de Pinho. Deságua no rio Quixeramobim, e este, no Banabuiú, afluente maior do Jaguaribe. Em seu baixio, grandes gravioleras, coqueiros, cupidos (assum-preto) e corrupiões, naquele tempo! Jaguaribe, principal rio do Ceará, dizem que é o maior rio seco do mundo. Macacos, afluente do Acaraú, CE, rio da minha juventude, fazenda Catuana, Santa Quitéria, passagem da Volta-do-Rio, poema *Evanescências*. Curtume: também um rio “meu”, Nova Russas, 14, 15 anos, naquele tempo! Acaraú: também.
4. Balseiros: no sentido regional, onde os rios correm apenas na estação chuvosa, balseiros são os restos de vegetação, folhas secas e restolhos do leito do rio seco, tangidos pela cheia. No sentido doméstico, da cisterna lá-de-casa, balseiros seriam as sujeiras do telhado, lavadas pelas primeiras chuvas.
5. Panos passados: diz-se das abas da camisa passadas por dentro das calças, exigência dos delegados de polícia das cidades pequenas do Ceará, para evitar o disfarce, sob os panos soltos, da parnaíba, a faca de cangaceiro, de cabo-de-osso ou chifre perolado. O efeito do vento à bicicleta ou ao cavalo bralhador, sobre os panos passados, era formar uma “bolsa” inflada às costas, como aquela que também se formava à boca da cisterna.
6. Primavera: o Ceará está a menos de dez graus latitude sul, apenas duas estações: verão e inverno, este último; a estação chuvosa, a benção das águas... quando chove.
7. Lavadeira: ave de pequeno porte, *Fluvicula climazura*, papo branco, espinhaço preto, asa escura com espelho branco; canto sem maior importância, não competindo com o do galo-de-campina nem com o do sabiá; habita as beiras-de-rio e, dizem, é animal sagrado, pois teria lavado, no Egito, as roupas de Nossa Senhora e do Menino. Por isso mesmo não é alvo das baladeiras dos moleques (*Compadre-primo*). Cupido: o mesmo que assum-preto ou chico-preto. Concriz: o mesmo que corrupião, também conhecido como sofrê, bellissimo!
8. O Salgado é o rio mais belo do mundo: tema do poeta cearense Dimas Macedo. O rio Salgado é afluente do rio Jaguaribe, Ceará, Brasil.
9. Aracati: 40.000 habitantes, à margem do rio Jaguaribe. Grandes cheias nos anos de 1924 e 1984, as maiores deste século, com marcas ainda hoje registradas e conservadas nas paredes da igreja matriz e do Cotonifício Leite Barbosa.
10. *Padrinaço*: padre Ignácio Américo Bezerra.
11. *Fozim do Manezim*: era um pequeno caminhão, um Ford F-5, fazia a linha transportando gente e mamona entre Monsenhor Tabosa e Nova-Russas para a empresa Carneiro & Veras Ltda, cujo dirigente em Monsenhor Tabosa era o meu *padrim* e tio, Ulisses, pai do meu Compadre-Primo. Manezim, o motorista, muito baixinho, muito enjoado e *valente*, corredor imprudente no velho calhambeque, desembesto da descida da Serra das Matas. Uma disputa que até hoje divide gerações: quem era o *melhor*: Manezim ou o Valdir-do-João d’Urbano?
12. Assuã, Orós, Banabuiú: represas de grande porte, a primeira no Egito, as outras duas no Ceará.

A OUTRA MARGEM

Um osso
 um pau
 uma pedra
 uma lâmina
 o disparador de fogo
 deviam estar ao acaso
 e o acaso
 e ao acaso
 uma dor de cabeça
 uma rápida desconexão neural

 Gustavo
 21 anos
 menino bom
 bem comportado
 responderá perguntas insólitas
 e ter-se-á mudado
 inexorável
 para o outro lado
 e um tiro
 mais um tiro
 e outros tiros
 ribombarão
 em teu silêncio.

A besta
 sob a Besta:
 o pai
 a mãe
 a irmã
 a avó
 o avô
 tombaram
 tombaram todos
 tombamos nós também
 aos tiros do jovem Gustavo:

ao mergulho no Lethes
 esverdeado
 em gosma
 turvo ao cálice
 à insulsa margem:

—— Não,
 não sei,
 não lembro,
 não é verdade,
 hoje mesmo
 eles virão-me visitar.

Althusser,
 alfa, beta, gama, delta

e as facas...

Pound
 e outros habitantes do outro

.....
 áter
 te farão companhia

e as balas...

neste outro lado

e os gritos...

existencial

e as pedras...

do drama,
 mais um drama
 visceralmente ligado, o drama,
 à queda,
 expulsão do vale
 daqueles quatro rios,
 definitivamente perdido o vale:

hoje
 de lágrimas
 tragi, tragi-drama,
 réquiem,
 Condição Humana,
 em ré menor.

Voltar...
voltar desse rio?!

————— E desse rio tem volta?

Cesse,
calem-se,
cesse tudo,
infinitamente tudo,
calem-se todos:

eis,
Ecce Homo,
Agnus Dei
qui tollit peccata Mundi.

Vem, meu irmão,
tu és um de nós;
o medo é uma loucura breve,
nem todos sabem o que fazem.

Também é certo:

se não sabemos,
mesmo assim
poderíamos
ter feito
um pouquinho
mais
e
melhor.

Tarde.

Notas sobre A outra margem:

1. Gustavo, Brasil, São Paulo: tragédia, um jovem de bom comportamento assassina a tiros os pais e a irmã; dirige 100 quilômetros até a casa dos avós; conta a estes o ocorrido e os elimina também a tiros. Foi declarado insano.
2. Um osso, um pau: redução temporal, pois o fato, apesar de absurdo, tem-se repetido ao longo da história do ser humano desde os tempos.
3. Lethes: um dos rios do Inferno, na mitologia grega; quem bebesse de sua água padeceria do esquecimento eterno. Coerentemente com o Lethes, as vítimas do distúrbio de que foi acometido o jovem Gustavo, na maioria das vezes, demonstram absoluto esquecimento da tragédia e permanecem à espera dos pais por todo o tempo.
4. Insulsa margem: carcaça insulsa, in *Spleen III*, Charles Baudelaire, Flores do Mal.
5. Althusser: filósofo, séc. XX, estrangulou a companheira em momento de insanidade.
6. Pound: Ezra Pound, poeta norte-americano, crime de alta traição à pátria, apoio ao nazifacismo; considerado insano, foi internado no hospital Santa Elisabeth, USA, quase até os últimos dias de vida.
7. Quatro rios: Pisom, Geom, Tigre e Eufrates, os rios do Paraíso, Gênesis. 02, 11-14.
8. Réquiem em ré menor: Wolfgang Amadeus Mozart.
9. "Vem, meu irmão": gesto do irmão sobrevivente, Adriano, perante a insanidade de Gustavo.
10. "O medo é uma loucura breve": frase final de um artigo do psicanalista e escritor Jurandir Freire Costa, Brasil, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, 13.11.94, caderno *Mais!*.
11. Tarde: 14.11.94, missa de sétimo dia de Anísia, a genitora do poeta.

Cumplicidade

para Dora Ferreira da Silva, Poeta.

Chamar pássaros
 com alviste de amá-los livres,
 procuradores eles serão,
ad juditia,
ad negotia,
 pleni,
 plenipotenciários,
 procuradores meus,
 asas livres aos meus azuis.

Eles me pousam os parapeitos:
 uma sombra,
 tem que haver uma sombra cúmplice:
 seja de aproximar,
 seja de chegar bem perto
 — parece que é.

O que garante o medo
 é o gesto das duas mãos,
 as duas,
 conchadas de pegar
 em quase...
 a alma do pássaro

— não, não:
 "avoe, meu bichim",
 que não lhe devo... —

A intimidade é sutil
(dos pássaros),
não só a deles:

é sutil
quando estremece
e pouso.

Sempre.

Salvador, noite leve, 16.1.96

Este poemeto é sobre um tema de (e homenagem a) **Dora Ferreira da Silva**, *Poema II*,
Sótão, do livro Poemas da Estrangeira, edição T. A. Queiroz Editor, 1995.

Convite à Saudade

Eu pedi, compadre Chico,
 ao grande besouro,
 Besouro Preto do alto dos coqueiros —
 ele passeava de uma árvore a outra
 e me disse que de lá de cima, do alto,
 avistava tudo,
 distantes horizontes, longas planícies...

Perguntei se lá do alto do coqueiro mais alto
 ele avistava uma serra distante
 depois destas vastidões de areia
 — de nome "das Matas", a serra —
 e um sabiazal
 — de árvores e de passarinhos, sabiás:
 tem uma grota abrejada, de nome "da Palha",
 perto da casa do seu Zédonana...

E então, compadre Chico,
 mestre Besouro Preto olhou e olhou,
 avoou de uma árvore a outra,
 fez um cocuruto de vôo, mais alto,
 voltou num rasante e disse:

— Compadre Moleque, não vi nada,
 e se tivesse visto lugar tão bonito,
 como você sempre fala,
 onde corre a Grota da Palha,
 onde tem sabiás — árvores cheirosas —,
 onde tem sabiás — pássaros amigos
 que não comem besouros pretos —,
 eu também, compadre Moleque,
 teria voado para lá...

E, tão amigos que temos sido,
 nestas praias de areia fina — Paracuru —,
 levaria você comigo,
 você cavalgaria às minhas asas,
 me mostraria essa tal grota da Palha,
 esses sabiás,
 paus de flor e pássaros de canto,
 me apontaria também
 a amada do nosso patrão,
 nosso amo, o seu compadre,
 o compadre Chico...

E eu, besouro insosso que nunca tive voz,
 sequer um estrídulo de repetição
 igual ao da comadre Cigarra,
 ao do compadre Grilo,
 mesmo assim, sem voz nenhuma,
 faria uma música para ela,
 à sombra do pé de benjamim,
 do alpendre da casa dela,
 e cantaria em esplendor:

— Dona moça, dona moça,
 bote seu melhor vestido,
 o ruge, o pó-de-arroz,
 um perfume bem cheiroso,
 nosso Compadre vem aí...
 'tá de volta... 'tá de volta...
 'tá de vooooolta!

— Compadre Besouro Preto,
 pois tenho de lhe explicar,
 ao jugo da amizade,
 foi determinado pelo meu senhor,
 o compadre Chico,

*Pois, enquanto não lhe chegar a hora,
 que lhe sejam em regozijo e gozo
 todos os matos, todos os capins,
 todas as sombras, todas as águas,
 todos os pássaros,
 que lhe cantarão os cânticos,
 que lhe pousarão à "sarnelha", leve carícia,
 e que ele,
 o jumento Moleque,
 em longos cochilos,*

.....
recuerdos.....

.....
*daquelas campinas,
 daquelas luas,
 daqueles alpendres,
 daquela Flor!*

Nem sei direito, compadre Besouro Preto,
 se vale a pena voltar lá:
 todos que a gente conhecia viajaram
 ou se mudaram para a cidade grande;
 dos meus colegas,
 Meia-Noite viajou antes de vir,
 cavalim Bacalhau também;
 todos os outros bichos foram vendidos...

Acho que Ela,
 a amada de meu compadre,
 ela também foi embora...
 assim, compadre Besouro Preto,
 acho melhor você não ter avistado nada;

estou aprendendo a sentir a brisa da praia,
 o cheiro do mar,
 o rangir da areia, nos cascos,
 o barulho das palhas destes coqueiros,
 o canto destes outros pássaros:
 já tou me acostumando...

Tenho muito medo,
 medo de chegar lá,
 os jumentos mais novos
 arrebitarem o beíço
 e se indagarem:

¿Quem é mesmo esse tal de Moleque?

Pois foi assim mesmo:
 vendidas as terras, vendidas as tralhas,
 não se fizeram as contas dos gastos,
 em resgate e em regozijo de uma amizade:
 o caminhão foi fretado,
 o frete compraria um cavalo de sela
 ou uma égua ruça,
 dessas que se anunciam nos haras de luxo.

Porém,
 portador dos mesmos silêncios do seu dono,
 titular dos mesmos amores do seu amo,
 alpendres e benjamins,
 um prosaico jumento,
 de nome Moleque,
 viagem de luxo — pelo valor —,
 viagem de tristeza — pelo barulho —,
 baloiçando em cima do caminhão do *Dioniz*,
 chegou nesta Babilônia, terra de cativoiro,
 numa manhã de sol,

para o todo e sempre:

o convite à saudade!

¿Quem:

o jumento?

o dono?

Paracuru, Ce, manhã de sol quente, 17.9.94.

Colofão: este poema foi composto quando o vaqueiro Chico Fulurindo, no sítio Praia das Bicas, mostrou o local, em meio aos coqueiros — morada dos besouros-pretos —, para onde foi trazido, fato real, o jumento Moleque, que “viajou” no ano de 1974.

Notas sobre *Convite à saudade*:

1. Besouro Preto: *Rhynchophorus palmarum*, besouro de grande porte, com 8 cm de tamanho, terror dos produtores de coco, ataca o olho do coqueiro. É de um preto aveludado. Não tem ferrão, mas mete medo pelo porte (*in Fruticultura Brasileira*, Pimentel Gomes, Nobel).

2. Das Matas, Serra das Matas: região centro-oeste do Ceará, onde se situa a cidade de Monsenhor Tabosa, infância do poeta.

3. Irmão-de-leite: era costume, na região, alimentar as crianças com leite de jumenta. Os filhos da mãe-de-leite, ou ama-de-leite, são considerados *irmãos-de-leite*, e, naturalmente, compadres.

4. Grota da Palha: a 2 km de Monsenhor Tabosa. No período das chuvas, essa pequena grota abrejava e corria alguns meses, para grande alegria dos banhos da meninada.

5. Sarnelha: (regionalismo, corruptela de cernelha) o espinhaço do animal, nos jumentos, marcado por uma linha mais escura, que vai das crinas ao rabo, com uma ramificação de lado a lado à altura das paletas. Diz a lenda que essa marca teria sido feita pelo menino Jesus, em boa mijada, na fuga para o Egito. Verdade ou mentira, todo jumento tem sua cruz...

6. Paracuru: Ceará, cidade praiana, praias belíssimas, sítio Praia das Bicas, para onde, fato real, o jumento Moleque foi transportado e, em aposentadoria de boa mordomia, passou seus últimos dias.

7. Saibam todos: variante de um tema de Gerardo Mello Mourão, *in O País dos Mourões, Testamento da Burra Graviola*.

8. Não cai uma ave nem um cabelo: *Mateus*, 10, 29-30.

9. Frete: Monsenhor Tabosa a Paracuru, aproximadamente 300 km.

Resíduo de Sal

*A onda envolve-o,
pousa-lhe na pele o débil resíduo
de sal que o sol não tardará a evaporar,
deixando-a vermelha e a seguir brônzea.*
(Hélio Pólvora, Mar de Azov, Ed. Melhoramentos, 1986)

Como se fosse hoje — o mar,
os olhos e uma gota de sal, que as palavras
se mergulhavam em até logo...

Vermelha e brônzea foi a ausência,
como se fosse hoje, o mar,
corríamos aos beirais da espuma
provocativamente entre a risca d'água e os sapatos
molhados e o sal, que as palavras
se afundavam
em silêncios de areia submersa e de até logo.

¿Aonde teríamos chegado
se as ondas se quebrassem *daqui-prá-lá?*

"Não,
não será possível — ela me disse —,
veja que estas ondas só *se-quebram-para-cá*,
que se *para-lá* se quebrassem, haveria de ser
muito mais fácil
embarcar...
e o vôo cego;
em que praia acamparíamos?"

"Ondas-só-vindo não nos levariam distantes;

(...)

já é quase fim da tarde,
 será a noite avizinhada muito clara,
 lua de luaçal,
 veja no horizonte,
 nos achariam facilmente, sob a lua;
 tenho medo,
 as ondas-contrá...
 esse clarão,
 tenho medo,
 desta vez, não..."

Inútil um *basta*,
 ineficaz um *por-favor*,
 escusado um *não-me-diga-adeus*...

"Não, não,

(...)

é impossível...
 tenho medo"
 — ela disse.

E aquela lâmina de sal
 e aqueles riscos de areia nos pés ficaram
 presos;
 e o perfume, o sal, areia e olho,
 que jamais lavados,
 gavinhas que se lançaram,
 busca
 de não achar:

AS PRAIAS — COMO TERIAM SIDO AQUELOUTRAS,
 DO OUTRO LADO,
 NAQUELE FIM DE TARDE,
 SE AS ONDAS
 OU, SE GERASSEM
 NO MEIO DO CAMINHO SE DOUTRO VENTO?
 ENTRE A PRAIA DE CÁ,
 A PRAIA DE LÁ,
 ONDE TODAS AS ONDAS SE CESSAM
 PARADAS, ESPINHAÇO DO MAR,
 O MAR É CALMO,
 NEM VAI NEM VEM, AO MEIO,
 MELHOR DIZENDO,
 NÃO EXISTE PRAIA NENHUMA DO OUTRO LADO.

NEM
 LAGO
 ALGUM
 QUE NÃO SEJA
 (...)

 PRATEADO
 (...)

 PRATEADO.

Lua de Março

Era uma lua de dezembro, a última:

Vertigem e vertical,
o centauro-de-mim
apeou-se
e gentilmente perguntou ao vento,
às palmeiras,
às tanajuras,
às avoantes:

Quem a jovem,
de ar tão calmo,
que fizera o potro estacar,
corcovear, empinar?

Então, as palmeiras,
o Vento,
as avoantes
e as tanajuras
foram voz:

"É uma serrana,
que também se assustou
com o teu estranho ginete.

E fica sabendo, forasteiro,
 aquela que quase te matou de susto
 é a mais bela dentre todas as serranas,
 desta Serra que chamam Grande,
 dita também Ibiapaba.

A mais bela.
 Ela.
 Cuidado!"

E numa lua bem próxima,
 o mesmo potro, ainda mais selvagem,
 risca às porteiras, escarva o chão,
 e mais uma vez as palmeiras,
 as avoantes,
 as formigas voadoras,
 quando também o Vento frio são chamados
 e confirmam:

"Ela —
 — que não te esquece.

Vê, forasteiro,
 não chove há meses nesta serra,
 mesmo assim
 os regatos murmurejam,
 o chão está ensopado
 de tanta lágrima:
 dela...
 de só.

Vieste roubá-la, temerário,
 neste estranho animal,
 que também é tuas costas,
 teus pés, tuas mãos?
 Ficaremos sozinhos?
 Tens mesmo a coragem de levá-la?
 Achas, aventureiro, que deixaríamos?"

O potro-centauro não se intimidou
e explodiu resoluto:

— vim buscá-la,
li nos olhos dela,
ela "disse" que vai —.

Ao que a tanajura,
que sempre cria asas a se perder, disse:

"Sinto que vais 'roubá-la'
de qualquer maneira.
Não posso dar jeito.

Trabalho a terra,
trabalho o céu:
sou mais que pássaro;

se ela vai, vou com vocês."

Foi a vez da avoante:

"A tanajura sabe pouco do mundo,
nunca vai muito longe,
voa só um pouquinho,
se enterra outra vez.

Sou de arribar, arribaçã,
groteio tudo,
meu giro é amplo.

Se a moça vai,
quero ir também."

A palmeira, puro ouro, puro verde, falou:

"Não dou fé em bicho que avoa.
Prefiro o chão,
profundo, para enfiar,
prefiro o céu,
vertical, para subir!

Donde raiz e céu contemplo tudo:
estou no mesmo canto,
todos os dias, todas as horas,
tenho pacto com o Sol,
que sabe e precisa de mim.

Por dentre o leque de minha copa,
os bichos suavizam os olhos
e contemplam, fulgente, o Sol,
de levante e ocidente:
é quando marco sombra vasta.

Quando não instalo sombra nenhuma,
estou dividindo, ao meio,
o dia!
Compadre Sol sabe disso.

Ele sabe e se aproveita de mim
para iridescer o vale:

sem a franja da minha copa,
o clarão do Sol
seria um luzeiro sem matiz.

Ele sabe!

O tamanho e a direção da minha sombra
bendizem a aurora,
abençoam o crepúsculo!

Mesmo assim,
se a moça vai contigo, forasteiro,
te sigo também.

Onde chegarmos, deito raiz,
raízes que serão tuas,
raízes de céu,
raízes de terra,
pois de vasta descendência."

Eis que o Vento até então calado:

"Não estou gostando destas conversas!

Já 'viste', forasteiro, o perfume da moça,
senão quando do meu soprar?

A brisa, somente a brisa
consegue trazer-te a fragrância da rosa.

Minhas:
a brisa, a fragrância;
minhas!

Lavro, para ti, os sons,
as palavras murmuradas,
quand'ela fala sozinha
e diz teu nome.

Seriam a fugaz arribaçã,
a louca tanajura,
que te levam recados?

Quantos segredos
já te foi contar
a acomodada palmeira?

Confias,
forasteiro, em asa de formiga?

Que a palmeira arrogante
se retrate da fábula que inventou do Sol;
posso arrancá-la pela raiz!

Levo e trago os murmúrios do regato.
Só eu sei peneirar a neblina:
quando mestre Sol timidamente
fabrica o Arco-íris,
verdade mesmo,
o Artista sou eu:
tanjo as nuvens!

Quem sustenta as aventuras da arribaçã?
Vê se ela atreve um vôo contra mim?

Quem dá asas à tanajura
que não este velho Vento?

E fica sabendo, forasteiro:
para o conforto da moça,
mando soprar ameno;

porém, intrépido
e tórrido aos corações,
é assim que estremeço
o assobio da noite
às biqueiras da saudade
quando a ausência
é medo.

É assim que sei soprar —
— e assopro."

Marquei território numa lua de março.



Tianguá, CE, 23.3.1966

E, decidido,
compadre Vento finalizou:

"De uma vez por todas,
fica sabendo:
se ela resolveu te seguir,
também sou."

TRINT'ANOS,
QUERO OUTROS TRINTA!



SIM, EU QUERO, ELA DISSE!

Aguardem a
próxima fala (conseguirá?)
com o Vento, as Avoantes,
a Palmeira
e as Formigas Voadoras:

Terra, 23.3.2026

Convite à Flor

Ao dedilhar dos sonhos,
 botão a botão, rosa a rosa;
 ao escandir das sílabas,
 sob o gesto,
 gesto a gesto;
 ao perpassar dos lábios,
 beijo a beijo:

peripécia do silêncio...,
 estrídulos e loquazes silêncios,
 aposentem-se as palavras:

bastam flor, olores,
 feromônios & *silhouettes*...

Palavras,
 peçam-nas aos senhores advogados, para requerer;
 aos protocolos, para encrencar;
 fórmulas, aos senhores engenheiros, peçam-nas;
 letras, aos senhores médicos,
 grafia ruim, dizem, que ninguém entenda;

ao poeta,
 o gesto
 no máximo, a sílaba...
 ou, melhor,
 o silêncio,
 explosivo e indistarcável silêncio, amor.

Botão e rosa:
 róseo ou rubro,
 o convite à flor!

No Céu Tem Prozac

*para Francisco,
quatro anos,
Fortaleza, Ceará, Brasil
(Seca do 93),
viajou para o Céu depois de perguntar à mãe
se no Céu tem pão.*

Sob a ira de Zeus,
o monge balbucia,
entoam-se os mantras sagrados,
aperta-se o cilício,
o globo se equilibra,
em peripécia
e gira.

Adiam-se-lhe os minutos,
ao gesto do amor,
sacrifícios e devoções:

êxtase de Margarida,
êxtase de Madre Teresa,
êxtase do Cura D'Ars,
êxtase de irmã Dulce;

gira e gira,
 sustida em piedade, Colunas de Hércules,
 Atlas da Fé — a destruição merecida —,
 gira e gira — adiada —
 a serviço do mal,
 sob o império do mal,
 o mundo gira e gira...

Os santos vigiam e guardam, só eles:
 vigiai e orai!

————— Mãe, no céu tem pão?

Pois nem só de pão vive o homem:

há que ter pão, do céu,
 ao espírito;
 há que ter pão, em cima da mesa,
 aos *escolhidos*;
 há que ter pão, debaixo da mesa,
 aos enfeitados;
 sempre existirão pobres convosco,
 migalhas a Lázaro;
 ao banquete, as libações:

————— saúde, muita saúde, coronel!

Tem, *filinho*, muito pão,
 pão-doce, pão-seco, muito pão
 aquele
 bem gostoso
 durma, *filinho*,
 amanhã, deixo você brincar,
 durma, meu amor.

Auriverde pendão de minha terra,
 que a brisa do Brasil beija e balança...
 famintas do meu Brasil
 precisam sonhar com um pão,
 as crianças, às portas do Céu,
 para entrar no Céu,
 verás, infante,
 não há país como este,
 em se plantando, ó Caminha,
 sim, plantaram,
 plantaram nas algibeiras,
 onanistas do metal;
 plantaram fora, nas Flóridas,
 plantaram no sigilo,
 Gaastad,
 plantaram a mandioca,
 sob a Floresta,
 sobre o calcário, no pampa imenso,
 vinte centímetros, dizem,
 cobriria a Cisplatina,
 aterraria o Prata...

Em se plantando, *seu* Caminha,
 o que dá, não dá,
 o que deu, não deu,
 nunca deu...
 o que deu, o gato comeu,
 o que deu, o rato roeu.

Tem mesmo, mãe, tem...

de verdade,
 lá,
 no céu,
 tem pão?

Causa mortis:
inanição,
fome.

E dormimos,
todos,
o sono dos justos:

In,
in memoriam,
in,
infamiam,
in,
injustitiam:

Prozac!

Notas sobre No céu tem prozac:

1. Mantra: som monossilábico, capaz de proporcionar, segundo os orientais, quando repetido em condições especiais, a comunhão com a Mente Universal.
2. Cilício: arame (ou madeira ou algodão grosseiro) cheio de pontas apertado contra o corpo, em carne viva, em sacrifício.
3. Margarida: Santa Maria Margarida Alacoque, francesa.
4. Madre Teresa: Agnes Gonxha Bajaxhiu, iugoslava, conhecida como Madre Teresa de Calcutá, prêmio Nobel da Paz de 1979.
5. Cura D'Ars: Santo francês.
6. Irmã Dulce: Santa brasileira, Bahia, aguardando a canonização.
7. Vigiã e orã: Os espiritualistas dizem que o mundo, ante tanta maldade, somente continua girando pela força dos místicos e contemplativos: monges do Tibete e Santos do Amor, em Caridade.
8. Nem só de pão: *Mateus* 04, 04.
9. Sempre existirão pobres: *Mateus* 26, 11.
10. Migalhas de Lázaro, *Lucas* 16, 21.
11. Auriverde Pendão: Castro Alves, *O Navio Negreiro*.
12. Não há país como este: conde Afonso Celso e Olavo Bilac.
13. Gaastad: paraíso das temporadas de neve e do sigilo bancário, Suíça.
14. Mandioca: raiz da qual se extrai um amido e com o qual se fabrica um sucedâneo do pão, saborosíssimo; Escândalo da Mandioca, município de Floresta, Pe, financiamentos subsidiados e desviados; assassinato.
15. Onanistas do metal: *Gênesis*: 38, 4, 10
16. Calcário: desvio de financiamento oficial, subsidiado, para plantio de trigo — pão que não se produziu — no Rio Grande do Sul. Escândalo do adubo-papel.
17. Aterraria o Prata: Uruguay, antiga Província Cisplatina, é um novo paraíso fiscal, dizem.
18. "No céu tem pão?": fato verdadeiro, amplamente noticiado pela imprensa nacional, no segundo semestre de 1993.
19. Desce gatinho: canção de ninar.
20. Prozac: antidepressivo, cloridrato de fluoxetina, Lilly, *droga da felicidade*, do fim do século, realização profética de *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley.

Talvez Outro Salmo

*Não poderás ver a minha face, porque o homem
não pode ver-me e continuar vivendo.*

(Êxodo, 33, 20)

Lado 1

Bem-aventurados os mansos,
porque herdarão a terra.

"Mais um pouco e não haverá mais ímpio,
buscarás seu lugar e não existirá;
mas os pobres vão possuir a terra
e deleitar-se com a paz abundante."

Falou o salmista, em 37, 11,
falou contra os valentes,
e agora o Cristo
glorifica os mansos:
eis a banda Um

(porque eu sempre tenho razão),

em pecado: **Ira.**

Lado 2

Bem-aventurados os pobres de espírito,
porque deles é o reino dos céus.

Ricos de espírito, os mal-aventurados

— a quem se destinaria o anátema?

Talvez, dos orgulhos todos,
o mais grave seja o de "espírito",
pois o de "corpo" é
um mero trejeito, uma roupa mais nova,
um penteado ligeiro:

inofensivo.

Enquanto o outro orgulho,
cavalgando olhar e queixo,
é de lá que ele viaja,
como se fora uma névoa
sobre o espírito;
o verbo,
que somente o verbo é brasa pura
disparada contra os Teus pequenos, Senhor

(porque eu sou melhor e mais caridoso).

Lado dois do eneagrama, com certeza:
pecado matriz,

orgulho!

Lado 3

**Bem-aventurados os puros de coração,
porque verão a Deus.**

Quem se poderá dizer, de mãos inocentes
e de coração puro,
que jamais se entregou à falsidade,
nem fez juramentos de engodo?

Exigências do salmista (24, 3),
para deixar

de falsear

(o sucesso a qualquer custo),

e fugir, sem contar as pedras,
do vício da banda três,

a mentira.

Lado 4

Bem-aventurados os que são perseguidos
por causa de justiça,
porque deles é o Reino dos Céus.

Por que só acontecem com os meus
essas perseguições,
que meu vizinho, livre e lesto,
contempla despreocupado o horizonte?!

A trave,
a velha trave de olho e argueiro,
o olho e o olhar,
o olhar em torno quando,
insatisfeito com o geral,
me fico,
da banda quatro,
e me amofino

(sou diferente dessa gente...)

esquecido e travejado:

Inveja.

Lado 5

Bem-aventurados sois,
quando vos injuriarem
e vos perseguirem,
dissereis todo o mal contra vós
por causa de mim.

Se me injuriam e nada digo,
se me perseguem e não fujo,
se me prendem e me entrego,
é quase certo,
as recusas sejam
uma redução,
e por trás daquela fuga,
daquele esconderijo de silêncio,
e de muitas renúncias

(porque eu percebo, recebi pouco...),

não sejam renúncias,
o pecado seja,
da banda cinco, bem miúda,

a Avareza.

Lado 6

Bem-aventurados os aflitos,
porque eles serão consolados.

Tenho medo, Senhor, espero
no Teu ombro o meu consolo;
que muitos dos meus amares são um puro trêmulo,
trêmulos...
e quando deixo de fazer,

não é que tenha deixado de amar,
 que não amava...
 eram os trêmulos:
 foi pelo pecado, que me consumi, Senhor

(nunca pude confiar.....e se...),

e de banda seis
 eu cavalguei

o medo.

Lado 7

**Bem-aventurados os misericordiosos,
 porque alcançarão misericórdia.**

De que misericórdia fala o evangelista?

Estaria ele falando daqueles
 que chegam para dar,
 bem diferentes de quando
 cheguei para tomar
 e tomei,
 com toda a ânsia, e tomei,
 comi e comi; bebi e bebi; gritei e gritei:
 pecado raiz

(não posso sofrer...),

qu'eu sempre quis mais,
 de jamais chegar:

a Gula.

Lado 8

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,
porque serão saciados.

Como aplacar minhas revoltas?

— justiceiro eu sou!

E a minha fronte
de justiça me tem levado
a tomar pressas,
pesar na minha balança,
de uma justiça
minha, a minha justiça,
porque minhas mãos são puras,
e posso passar, que sempre passei
por cima
deles,
de mim
e dos meus:

pecado matriz,
eu mesmo,
quando invadi
e não houve argumento:

(sou forte...)

de número 8, luxúria.

Lado 9

Bem-aventurados os que promovem a paz,
porque serão chamados filhos de Deus.

A paz conciliada é a essência
da serenidade,
que muitas vezes a pecaminosa serenidade,
do quando "deixei pra lá",
do quando "depois eu vejo",
que me afundei

(estou satisfeito...)

na banda nove:

pecado dito **preguiça.**

II - Um Círculo

De todas as bandas, na volta completa,
de um místico 9
(a morte, impossível vê-Lo),
certamente algum Caminho...
de assombrar, esse Mateus,
Pier Paolo Pasolini e as parábolas,
e ele, Mateus, ainda diz que a porta é estreita...,

é estreitíssima..., deve ser!

III - Mateus

Dito Mateus, ele mesmo,
onde Lucas copydescou,
copiou mal, como também na "dos talentos",
embora o mesmo Lucas inexcedível em Lázaro,
— manda molhar, pai Abrahão, a ponta do dedo
e Lázaro
me refrescará a língua tórrida
dentro deste caudal
relâmpago.

IV - Lucas

Noutro passo, agora é Lucas,
 e os cânticos, Magnificat, anima mea domimum,
 que também Nunc dimitis, agora, soberano Senhor,
 me dê minhas contas, baixe minha carteira,
 quando a mulher, pois havia uma profetisa, chamada Ana,
 de idade avançada, filha de Fanuel,
 e ela, a mulher, falava de um Menino a todos,
 esperado deles.

Esperado...

espe.....rar
 talvez um verbo, nos caminhos de *spes*, *spei*
 de esperança.....ou de uma deusa romana
 irmã do Sono,
 ela muito jovem e coroada de flores,
 risonha...?!

Por certo, risonha!

Spes, spei,

esperar,

em todos os modos,

para todos os tempos...

V - Final

Assombra que tais sujeitos,
 alguns, pescadores, que nunca citam Platão
 nem Virgílio,
 e pescam
 (mas estão carregados de Platão e de Virgílio)
 e continuam pescando,
 saibam tanto,
 à permanência do fardo de pescar:

— como podem saber tanto,
 de nunca escreverem uma única linha em linha reta ? —

— Porque é da Tua boca, Senhor,
 e para os Teus ouvidos
 que a boca deles fala!

Rio Macacos

para José Alcides Pinto: *O Galo*,
 para Castro Alves: *Cachoeira de Paulo Afonso*,
 para Vergilius: *Bucólicas*,
 para o autor desconhecido: *Livro de Jó*,
 para Maomé: *O Alcorão*,
 para o Terceiro Milênio: chegante!

Três léguas entre minha aldeia e a fazendola,
 uma estradinha de pedregulho serpenteia
 e três vezes atravessa o mesmo rio.

Porque as vertentes disseram às águas:
 — desçam!

E as águas desceram!

Agora venho cobrar notícias da primeira gota gotejada
 da folha,
 grossa folha do Jatobá mais alto,
 porque me consta que ela caiu da mais alta
 numa folha mais abaixo, talvez num ninho ela caiu,
 e mais outra gota e outras se molharam em comunhão
 de copas, cópulas do criar, sob o relâmpago subitamente
 emudecido:

— desçam!

E as águas desceram!

Nem precisou do trovão para assustá-las,
 elas já vinham descendo...

— desçam!

E entre vertente e mar
 (o mar que sobe e desce todas as manhãs),
 quem o segura?

E entre montanha e mar, mexo-me eu,
entre as vertentes da Serra Branca e a Volta-do-Rio,
Macacos, eis-me o rio, rio Macacos
(estas alpercatas pisadeiras pisaram chão de vasto mundo),
três vezes cruzava a estrada de terra o mesmo rio, ou,
se preferem, três vezes o rio é quem cortava;
os rios cortam!

Rio?!

Quem chamaria aquilo de rio?
Era apenas uma grotta risível,
aquela, do jatobá mais alto, que se iniciara viagem
atravessada sob meus rastros, molhados
numa manhã de abril.

Em primeiro passo, a grotta-rio corria para minha
esquerda;
logo ali, mais abaixo, se me voltava pela direita,
para no lugar *Joaquim Lopes* me atacar
pela esquerda, onde me perdia a vista e o suspiro
que manhãzinha, bem cedo, aquela água molharia
teus pés, amor,
e teus caminhos,
orvalho e cântaro molharia.

Porque pela noite — já manhã, agora —
os galos dormem ligados
nos ponteiros remotos de uma deusa-manhã,
que jamais se ouviu dizer que os galos,
que jamais se ouviu dizer que o sol,
nem a aurora se lhes falhassem — galos —,
mesmo que debaixo de grossa cerração,
daqueles nevoeiros de cobertor de lã,
mesmo assim, 8h00 da manhã,
escuro que seja,
os galos já abriram o dia, faz tempo que abriram,

nos horários
certos, há dois milênios,
dia,

é um Novo Dia!

nas mesmas métrica e rima certas, por linhas... cegas...
do Ontem!

A quem prestam contas os galos?

Por que essa insânia, sob qualquer tempo,
frio ou quente, um ruflar de asas, de um grito súbito
ecoado n'ampidão dos escuros?!

Que bichos outros tão regiamente, a natureza os paga
também regiamente, não poderiam
saudar o dia!?

Mas nenhum, mesmo dos outros galináceos,
nem o Homem,
esse implume de dois pés, bicho, nenhum,
porque só o galo, sob um porte guerreiro, de batalhas
jamais perdidas...!

.....

galo,

Galo-Rei!

ó supremo Rei da criação!

sob a tenaz do teu bico, as fêmeas de tua raça,
mesmo que ensaiem uma corrida ligeira, as fêmeas
te entregam lestas o segredo das gemas,
numa manhã de ouro elas entregam!

Porque as vertentes disseram às águas:

— desçam!

Porque as gargantas-de-Deus,
 numa sub-manhã de cuidados,
 disseram ao sol:

—— nasça!

Obedecidos são os ordenamentos

(mesmo que você me prove
 que Ele não existe...
 que talvez nem!
 — mesmo assim!),

pois ninguém mais próximo d'Ele:

- o grito das madrugadas,
- o trom das corredeiras!

Post Scriptum:

Disseram os aurorais,
 num tom mais baixo,
 gentilmente às estrelas,
 à lua e à Vésper eles disseram:

—— por favor, recolham-se,
 escondam-se, vocês estão nuas
 sob a luz,
 s'escondam, mas só nos voltem...
 quando for...
 de noite...!

Porque a nudez dos teus olhos, amor
 (digo-te eu),
 jamais precisei de sóis para luz minha,

BALANÇANDO DEVAGARINHO

Mestre Antônio, por seu favor,
preciso urgente de um rapé de imburana,
a cera-de-abelha,
parece que de jandaíra,
de abelha-limão não é,
meio falsificada a cera,
os cabras são safados, botaram saburá,
talvez serragem,
mesmo assim cheirou.

Agora o barbante,
o barbante encerado,
para costurar o livro
pois o livro é puro sertão,
é puro lá-em-casa,
quando...

Minha mãe abria,
com muito cuidado,
e me mostrava a rainha,
o cortiço que eram oito,
a jandaíra da casinha alpendrada,
adredemente abelha,
adredemente alpendre,
adredemente sombra,
que zumbiam
e ninguém tinha medo.

Quando a garrafinha de mel,
uma xícara e o limão
(se não tinha limão, uma casca de laranja),

a colher esquentada, esfregada-na-mão,
 mel e mel,
 que eram dois,
 um da garrafa, do frio da serra, mel,
 o outro, das mãos, era mais quente
 e cheiros de mel & mel.

Quando uma garganta,
 de traquinagem,
 de muita poeira e gritaria na tarde rubra,
 “ah menino danado”, ela dizia.

Danada era ela, que pegava menino,
 que ensinava menino,
 que amansava mulher
 parideira
 (basta ouvir sua voz, comadre, elas diziam),
 que os meninos nasciam.

Chovia menino em cima da serra,
 dona Anísia aparando...

Danada era ela que costurava as facadas dos valentões,
 remendava, com agulha grossa, o couro da cabeça
 dos mais frouxos, cacetadas,
 quando Vicente, dito Cabeção, de fama valente,
 que uma agonia paralisou — eu vi —
 arrebatei-lhe a lamparina, e disse:
 — Madrin’Ana, traga um capucho de álcool
 para mestre Vicente cheirar.

Naquela noite,
 o serviço de costurar quengos foi concluído

por uma *mulher-feme* muito *macha*
 e um menino gritador e corredor na tarde rubra,
 danado,
 tossidor e lambedor de mel na noite fria,
 que Vicente,
 dito brabo, agoniou.

Segurei até o fim.

Danada era ela que um dia esbarrou
 uma cobra coral só com o olhar
 e sabia balançar
 devagarinho,
 para não bater na parede, a rede,
 nem nas costelas da cama, a rede,
 para não fazer, com o balanço,
 muito vento e de balanço vasto
 trazer
 mais tosse ao pé-de-vento-menino

...
 danado.

Aquela garganta gritadeira se imolara à tarde quente,
 para quando de noite
 um pano tépido,
 um pouco de mel:
 uma carícia leve,
 levíssima,
 de pluma,
 um pano de quase-fralda, morno:
 que eram apenas
 as mãos:

.....

 durma, meu filho.

Eram.

Vá,
 mestre (vaqueiro) Antônio,
 e vá ligeiro,
 o burro vermelho tá selado, ali na garagem,
 abasteça-lhe a mochila,
 a gasolina, veja o azeite, as ferraduras,
 complete,
 mande calibrar, e traga
 a imburana,
 quero botar este livro
 para cheirar:
 àquele tempo.

Pois enquanto mestre Antônio me corria as Sete Portas,
 varejava o Pelourinho,
 a feira dos Barris,
 Calçada,
 Sapateiro e outros baixios,
 fui ao léxico saber das imburanas,
 daquele cheiro, e flor,
 madeira mole,
 madeira de lei,
 por certo uma lei amena,
 que madeira não tão dura,
 não tão pedra,
 não tão cabrália,
 educada no leve e no rangir,
 nunca na pedra,
 boa de fazer uns carrinhos e rodas,
 umas porteiras do meu curral de gado-de-osso fazer;

 e um canivete,
 um pequeno serrote,
 ah meu Deus,
 estas,
 com estas,
 nestas mesmas mãos de menino.

DO LADO DE FORA,
CERA-DE-ABELHA,
SERTÃO.

DO LADO DE DENTRO,
RAPÉ-DE-IMBURANA, CHEIRO
E TALVEZ
OS SONS,
AS ESTRELAS,
A VACA RAINHA,
OS BODES,
OS CAPOTES,
A CACIMBA CLARA.

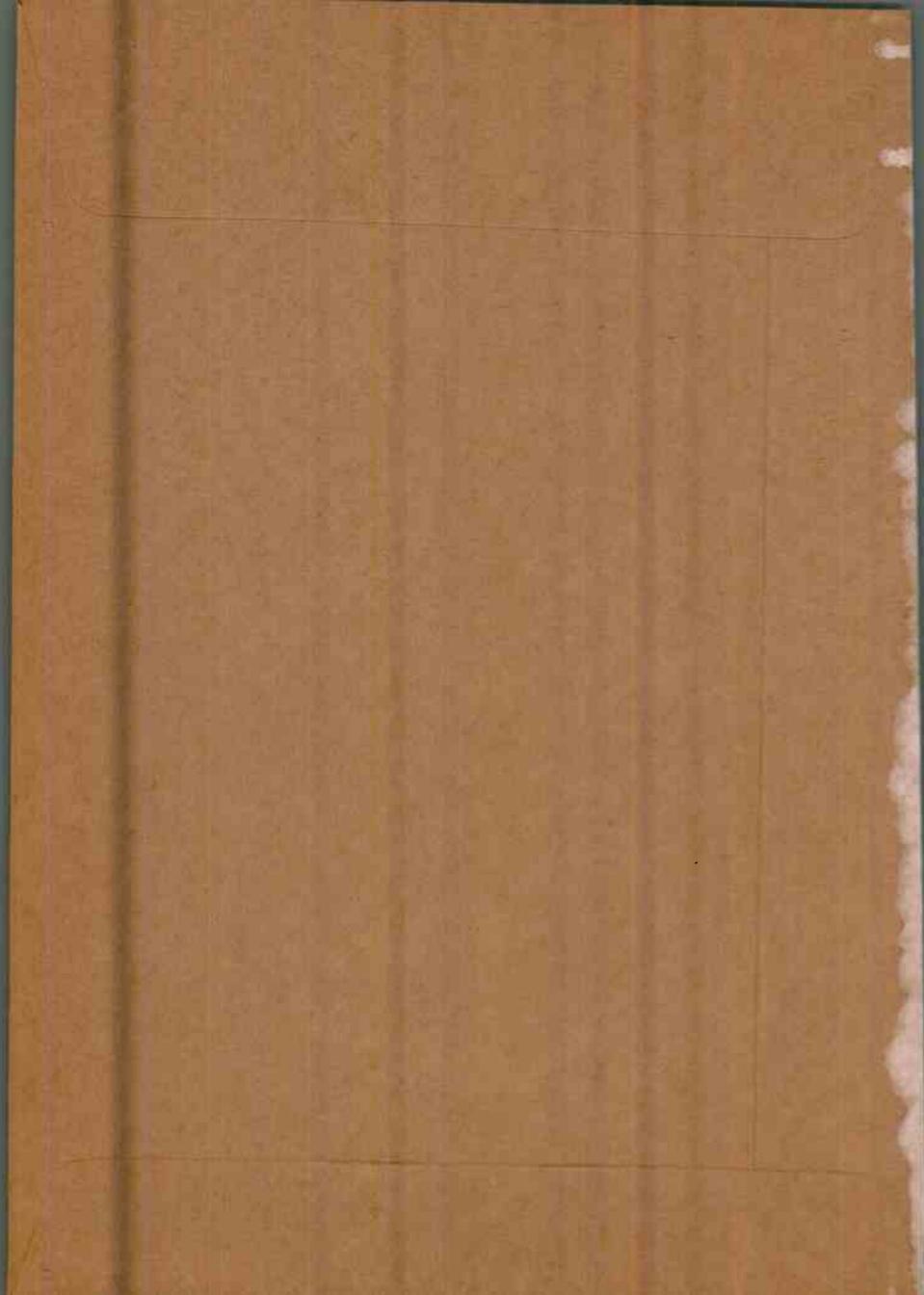
MANDAR-TE-IA TAMBÉM
ALGUMAS ABELHAS,
QUE PEGUEI VÁRIAS;

*ELAS ME FUGIRAM
POR ENTRE OS DEDOS,
SE EMBRENHARAM
EM MEUS CABELOS.*

FIGARAM.

VAI O SOPRO.

(Conteúdo: sementes de imburana-de-cheiro,
torradas e moídas e pelo próprio autor. Sem
conservantes nem produtos químicos.
A mancha oleosa, por fora do envelope,
é do próprio óleo essencial da imburana.
Pode cheirar)



Pregos.

Cravos.

Vejam o que disseram os "sabidos"
da minha imburana,
pois o que dizem de mim:

"Pequena árvore da caatinga, muito esgalhada,
(*Bursera keptophleos*) de folhas penadas..."

Nunca dizem coisa boa com a gente.

Sim,
esgalhados somos,
que de muitos filhos, vasta parentela,
que raízes de céu,
se for de chifres é
neles!
Lá neles!

Penadas devem ser as almas nossas:

unha
coice
longe.

Aqui,
que é perto,
também,
se
não chove
até
o
19

de março.
Amém.

Aqui
a mãe.

Falta.

Que também falta
o pai.

Faltou

Desde.

Faltam.

Fiz vinte,
vinte livros,
na mão;
encerei, eu mesmo, o barbante olímpico,
olimpicamente algodão,
quando se fiava algodão;
o fuso,
algodão branco de nuvem-verão,
algodão leve de nuvem-qualquer,
mesmo que de encharcada nuvem,
que chove rápido
de ficar leve outra vez

(nuvens que as daqui são sempre leves, levíssimas),

algodão macio de nuvem-dela,

ela...
a mãe também,
ambas.

Sejam.
Foram.

Dorme, menino!

E amanhã,
menino danado,
vê se não me vai correr
na tarde quente
para não tossir de noite.

Dorme, menino.

Com a agulha de costurar saco,
quase daquela mesma
com que minha mãe costurava cabeças
que mestre Cabeção, Vicente,
que de fama valente, recusara olhar,
e o barbante,
quase aquele mesmo barbante de pião.

Pião não existe.

Existe barbante,
existe braço,
existe mão
e movimento.

Existe
um *atré...*
atrevimento
no jeito de pegar,
no jeito de lançar:

um polegar na barriga do bólido
 um indicador em cima do pino
 onde se instala a laçada do cordão
 a outra porita do cordão dobrada
 depois de enrodilhar o bicho todo
 do prego até acima do meio, bem forte
 engancha-se-lhe a ponta do cordão no fura-bolo
 para o arremesso
 e um puxão ao vento
 (quem gira é o ar)
 e unha e calma
 (tenho a marca-de-unha, até hoje)
 a calma de pegar
 o bicho no ar:

vejam!

A areia passa pelo fino furo,
 o movimento também passa:
 cessa-piã.

Cai.
 Giramos.
 Caídos.
 Chronos,
 cronômetro-piã,
 depois vacila,
 borboleteia
 e cai.

Parou.

Que também pode ser

o movimento
 de uma carrapeta
 de eucalipto:

aí basta um quase-estalar
 é bem mais fácil
 de dedos
 polegar e fura-bolo
 a carrapetinha loucamente arremessada
 girando entre os besouros
 de cima da mesa da sala-de-janta
 ou da cozinha
 que se faziam de mortos cascudinhos
 e a gente os "acordava" ao
 giro
 lamparina
 (amarelando)
 de carrapeta

E ampulheta

Mestre Antônio, traga também
 um maço de eucalipto

Carrapetas, veja se tem

E não se esqueça mestre Antônio
 jogar o pião não é só rebolar para frente
 tem que ter um empurrar-puxar
 vai-que-vem
 e unha
 bote de serpente
 de vasta calma
 mergulho-e-tona
 algum engenho

e

menino
 danado
 de preferência

Costurei um a um.

Fiz.

Vinte.

Vinte,
às imburanas,
às abelhas jandaíras lá de casa,
ao mel-mel
de um pano morno,
dorme, menino.

Também a uma menina
que fiava barbantes
à lamparina;
incendiavam-se
olho e coração;

amanhã, você me veja,
menino danado,
se não vai correr...
na poeira quente.

Corria.

De não parar,
todas as tardes,
de noite também corria,
em especial
de lua crescente.

Durma, meu filho.

Barbante que se dissolve ao movimento
 bote de cobra-rodilha
 à vista
 aos ouvidos
 aos outros três e aos demais
 indagadores
 de mais coisas
 sentidos
 sei que tem mais coisa
 muito mais
 para além de um simples giro-de-piã
 quando se espatifa o giro
 no estertor e pára
 de borco
 para além de um simples lembrar
 muito além da tarde rubra

Não existe pião

Só giro

E sopro

Existem

Salvador, madrugada, 6.5.95

Notas sobre *Balançando Devagarinho*:

1. Saburá: restos de pólen, um quase lixo da colmeia.
2. Danada era ela: a mãe do poeta, Anísia, era professora, parteira, farmacêutica, médica prática, curandeira, das rezas e dos encantamentos.
3. O pai faltou: a marcha fúnebre é oriunda do poema *Compadre-primo*.
4. Cabrália, educada na pedra: João Cabral de Melo Neto, in *Educação pela Pedra*.
5. Sopro, do penúltimo verso: *Gênesis* 01, 02, "um vento de Deus pairava sobre as águas"; do mesmo sopro, também em *João* 01, 01.
6. Fiz vinte: confecção artesanal dos primeiros 20 exemplares de *Réquiem em Sol da Tarde*, de um total de 257 livros. Aprontar, manualmente, os primeiros 20 exemplares originou este poemeto.

A Linguagem do Amor

(Um fragmento, Evanescências)

apenas
apenas

posicionais de mim mesmo
e lembrei
sempre lembrei

de > ti
ou de mim? < ?

! de nós, por certo !
cremos
criamos
creamos

coisa amor sentimento
minhas coisas
e a aurora é coisa minha:
manhã

brisa
mofumbos

alecrins perfumes

uma janela aos colibris e aos canários amarelos:

quero água,

tenho *sede*,

a sede dos teus olhos,

vem

vamos

estou!

os pássaros avoam, revoam e cantam

e as *bicicletas do ET*,

seladas,

raizadas, manoplas de prata, correntes de ouro,

estão prontas

(a viagem)

ao Éden!

apenas

apenas

um livro

um belo livro,
não sou o autor,
talvez, e por isso mesmo,
seja melhor!

.....>
<.....

Ⓞ que digo entre as Flores?

... meus olhos se consomem pela tua promessa.
(Salmo 119, 82)

Morreram os novilhos todos,
quand'ela disse:

"— claro que eu sei quem é,
é a voz de quem eu quero...—"

que o resto foi travo e mel,
que não se disse mais nada —
em um
ali.

Seu Francisco, indagou, aflito,
mestre Antônio (vaqueiro):
o senhor mandou matar todos os novilhos,
foi assim mesmo que entendi,
e botar a melhor veste nos caminhos?

Como ficará então esta fazenda?
Sem os bois que morreram,
o que digo entre as flores?

Diga nada não, mestre Antônio,
os novilhos ressurgirão da terra,
nos passos largos das minhas sandálias.

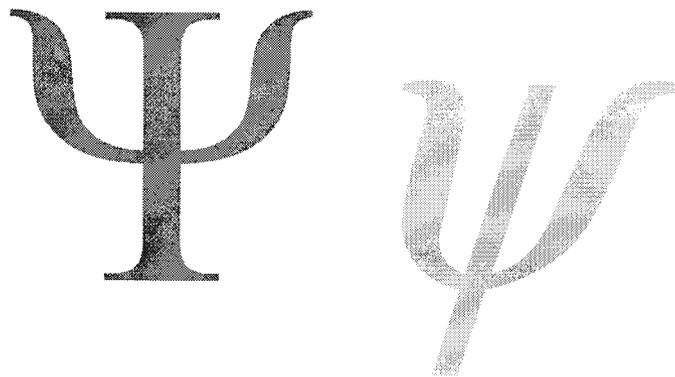
E os caminhos ficarão de perfume,
diga nada não, mestre Antônio,
que ela estava morta,
as flores sabem, outra vez,
agora vive.

Salvador, mormaço da tarde, 13.3.96

Nota sobre O que digo entre as flores?:

1. O novilho cevado: Lucas, 15, 23: "Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos".

um poema heróico



Psi, a penúltima

Em sendo maiúscula, Ψ é: candelabro,
fogo, luz, glória!

Em sendo minúscula, ψ é: mandacaru,
sofrimento, resistência!

The notice,

saiu nos jornais:

A situação do Maciço do Baturité foi exposta ontem pelos técnicos, drs. Fulano e Sicrano.

De acordo com o depoimento de pessoas agredidas, as raposas surgem em bando, geralmente no final da tarde e perto de localidades com água.

São animais magros já apresentando queda nos pêlos.

Os técnicos acreditam que isso aconteça em consequência do desequilíbrio ecológico causado pela Seca.

Os animais, devido ao instinto de sobrevivência, estão migrando de seus territórios para outros.

O surgimento de 11 casos positivos de raposas com raiva, em municípios do maciço de Baturité, fez a Secretaria Estadual da Saúde promover uma reunião de emergência, no Seminário de Guarimiranga.

Dez mil cartilhas serão distribuídas pelos agentes de saúde, ensinando à população como agir em caso de mordida de animais e como evitá-los.

Em linhas gerais, eis a notícia publicada pelos jornais de minha terra, *Diário do Nordeste* e *O Povo*.

Confira, por favor, a notícia, na íntegra:

DIÁRIO DO NORDESTE

Fortaleza, Ceará — Sexta-feira, 12 de novembro de 1993

III Semana da Raiva do Maciço busca obter controle da doença

O surgimento de 11 casos positivos de raposas com raiva, em municípios do maciço de Baturité fez a Secretaria Estadual da Saúde promover uma reunião de emergência, no seminário de Guarimiranga. Aberto ontem pela manhã com término previsto para as 18 horas de hoje, a III Semana da Raiva da região, pretende capacitar profissionais para implementar o controle da doença. Dez mil cartilhas serão distribuídas pelos agentes de saúde, ensinando à população como agir em caso de mordida de animais e, como evitá-los.

Segundo o coordenador dos Zoonoses no Estado, Nélcio Batista de Moraes, a raiva silvestre ainda é um grande problema no Ceará e nos países de primeiro mundo, tais como os Estados Unidos, Canadá, França e Bélgica. Não há prevenção pela vacina em se tratando de raposa, morcego e sagüi. Assim, destaca ser o trabalho de educação em saú-

de o instrumento mais eficaz, sensibilizando o cidadão a evitar o contato.

RAPOSAS EM BANDO

De acordo com depoimentos de pessoas agredidas, as raposas surgem em bando, geralmente ao final da tarde e perto de localidades com água. São animais magros já apresentando queda nos pêlos. Nélcio acredita que isto aconteça em consequência do desequilíbrio ecológico causado pela seca. Os animais, devido o instinto de sobrevivência, estão migrando de seus territórios para outros, gerando, inclusive, ataque entre eles e transmissão maior do vírus da raiva animal.

Os casos de raiva, este ano, foram diagnosticados em Acarape, General Sampaio, Mulungu, Pacoti e Horizonte. Ano passado, foram sete, dos quais 90% concentrando-se em Tianguá. Através do trabalho educativo do 12º Departamento

Regional da Saúde foi possível vencer o ano de 1992, com o foco, e sem ocorrer registro de raiva humana. Em casos de agressão, Nélcio orienta as pessoas a procurarem urgente a unidade de saúde mais próxima, para se submeterem ao tratamento anti-rábico.

A situação do Maciço de Baturité foi exposta ontem, por José Delson Portela de Aguiar e José Eduardo Cabral Maia Júnior. A política de saúde da região foi explorada pelo diretor da 1ª Dire, Raimundo Gomes de Matos. Hoje a abordagem será sobre o diagnóstico laboratorial, de cuja mesa-redonda, Nélcio Moraes, também participa, e a programação se desenvolve ainda com a avaliação dos casos de raiva feita por Francisco Fraga Pereira, concluído com as propostas para implementação do controle de raiva, no Maciço.

CANTO I
DOMINANDO A SERPENTE

Na página anterior,
sintetizei os jornais,
mostro o pau e mostro a cobra
de chocalho,
dezesseis *enrusgas*,
contei e guardei.

Consertava...

— É com cê ou é com esse?

Tanto faz,
água,
água aqui é sempre música,
o pau-da-cacimba do gado,
com o Mitim da dona Cotinha,
areia seca, rio Macacos...
quando ela chegou,
Crotalus terrificus...

naquele tempo!

Matei e enterrei,
buraco do formigueiro.

Os jornais de minha terra
nem souberam, nem disseram...

— E era para saberem?

BBC, Voz da América,
Rádio Tirana, nem um pio...

— E o meu rádio e o meu jornal?

Lá em casa não tinha rádio,
muito menos jornal,
os assuntos eram os de sempre,
de manhã, de tarde e de noite,
comeu, trabalhou, dormiu!

Agora peço licença
para contar o *silibolo*:
é outro pau, é outra cobra,
nem é pau e nem é cobra,
é tudo pau, é tudo cobra!

Raposa? Nunca matei!

Pois lá vai tinta:

CANTO II
A BUSCA

À notícia dos jornais,
corri ravinas, malocas, locas,
espinhos, garranchos,
carrapichos,
buracos, pedregulhos, poeiras, caatingas,
tocas, ocas,
precipícios...

Gritei:

—— αλωπηξ (alopex)?!
 Vulpes?!
 Renard!?
 Renaaaaard ???

Não escutei,
 quase desisti.

Lembrei
 Assis,
 Canindé,
 Francisco:

—— Francisco?!

—— Franciiiiiiiisco!?

—— Fale simples,
 chame a “Comadre”
 (disse o Santo),
 é a senha,
 batei, abrir-se-vos-á!

Do oitão da Basílica, Canindé,
 ao Pico-Alto,
 ao Pico do Caga-Fogo,
 vaga-lumes apagados...

Baturité, maciço,
 às brenhas,
 todas as brenhas...
 Ananias autorizou...

CANTO III
O ENCONTRO

— Comadre Raposa,
oi de casa, sou de paz...

— Diga lá, compadre Chico,
irmão Francisco já avisou...
escutei o compadre chamar
Helade, Latium, Gallia —
sem a senha, jamais responderia...
muito prazer,
sua criada,
a Comadre.

Avistei a Comadre,
esquálida, cinza, fulva...
caídos os pêlos,
magra,
pelagra...

Arrepiei!

Arrepiei!

Três cabelos, pretos, duros,
do Coisa,
ponta do rabo,
a Comadre carrega, dizem.

*Sub
Super
fantástico
extra-sensorial ...!!!*

Quem já viu a Comadre,
vasqueira,
chofre!
Cacimba de praça,
riachote do gado,
tardinha barrenta,
cinza, poeira,
pó:

Pfummm chiiuuufff chiiuuufff

Dentes, rapa-pé, garras, hiato, pizzicato!!!
Arrepio tremido,
espanto!
Um susto:
fugiu!

Cadê?!
Cadê!?

Fumaça:
sumiu!

Se não assustou,
é o próprio Capeta...
ou, finório mentindo,
cabrão disfarçado.

- Foi medão, Comadre!
- Não tema, Compadre,
os três-cabelos,
deixo de lado...

CANTO IV
CONFIDÊNCIAS

- Antes que eu me esqueça,
tá'qui a borracha-de-sola,
o Santo mandou,
agora me diga, Comadre,
é verdade,
tanta coisa que dizem?!
- Compadre Chico, longas queixas,
tiraram séculos de assinatura:
cantadores, poetas, profetas,
escultores, pintores, prosadores
dizem-me bruxíssima,
do Coisa-Ruim.
- Não sou!
Direitos divinos eu tenho,
d'Ele!
"Até a raposa tem sua toca",
Mateus, capítulo oito,
versículo vinte,
faço questão,
vá conferir!

- É tudo inveja, Compadre,
da doação...
d'Ele...!
- Acabem-se os chiqueiros,
destruam-se os currais,
estábulos e pocilgas,
as cavaliças reais,
acabar-se-ão todos, Compadre...
menos a minha toca,
Ele disse:
é da Raposa!
- Daí a inveja.
É tudo inveja, Compadre!
- Lenda também os três-cabelos...
Passe a mão, Compadre:
veludo, maciíssimo...
só um pouco resseco,
da Seca, Compadre.
- É verdade, Comadre, finíssima seda!
- Espertíssima, fabulam,
democrata, mineira, dizem
orçamento, empreiteira, CPI,
fosse verdade, teria eu ficado,
com sede, na sede,
doida, faminta, varrida?
Estaria em França, Suíça, Londres,
circuito das águas...
faminta, jamais aqui!

— Uma injustiça, Compadre,
 Esopo, Fedro, La Fontaine,
 La Bruyère, Exupéry,
 sentenças & aforismos.
 Espertos, eles !
 Pra cima de *moi*,
 zombam de mim,
 tudo inventado, Compadre!

CANTO V

PERSEGUIÇÕES

- Agora, o panfleto,
 veja, Compadre,
 a infâmia!
 Procura-se!
 Bandida!
- O que irá dizer compadre Urubu?
 É quem está *gorrdo*, Compadre!...
 Irmão Francisco teria esquecido,
 não mandou um queijinho para ele?
- Ah, sim, mandou, claro,
 por favor, tome,
 entregue você mesma.
- Meu *daguerre*... Compadre,
 no portão da feira,
 aeroporto, estação do trem!?

— Estou tão magra, arrepiada,
 um *shampoo*,
 uma *mise-en-plis*,
 o *rouge*, Compadre,
 você tem!?

— Dez mil panfletos...???
 é demais, Compadre!
 Estão loucos!
 Eles,
 não eu!

CANTO VI
TALENTOS & INJUSTIÇAS

— Veja, Compadre, a Injustiça:
 Mico-Leão Dourado,
 Baleia, Panda, Peixe-Boi,
 minhas irmãs, Azuis, do Canadá...
 São os Ricos!
 Pobre Raposa Cinzenta...
 Sede, sede e sede!
 Cacimba, cacete, armadilha,
 está doida, dizem!

— Fosse com eles, os ricos,
 nestas brenhas:
 pires-de-leite,
 nectarinas,
 uvas, Compadre!
 até uvas
 já teriam trazido!

— Comadre, confie,
 um dia chove!
 Canapuns, maxixes, melancias,
 rasteiros!
 São seus!

CANTO VII
ENGODOS & ESPERANÇAS

— Compadre, e um rio,
 dizem que vão puxar,
 nome do Santo, irmão Francisco,
 uvas, dizem,
 é só o que tem!
 É verdade, Compadre,
 tem mesmo?

— Moscatel, *champagne*, itália,
 de-mesa, *rosée*, lindas, um mel!
 Do tamanho de um oiti!
 Tem, Comadre, tem!!!

— Maduras, Compadre?

— Sim, Comadre, maduras!

— Compadre,
 com esse tamanho todo,
 devem encostar no chão..... não?
 Aqui só entre nós:
 (*baixinhas*), Compadre?

— Pode confiar, Comadre, bem baixinhas!

— Compadre, é assim mesmo...
tão fácil..... incrível!
Eles não *atrepam* os galhos...
..... por que, Compadre?

— Comadre, é que.....
.....por.. lá...
nem gostaria.....
..... eles...
aca... ..
acabaram.....
com... com as...
com.....
Com com as ra-ra-ra-
raposas!
Acabaram!

ψ

, a Penúltima, minúscula:

*Seca, cardeiro,
mandacaru,
Sofrimento & Desespero.*

— Compadre, deixe esse Rio pra lá...
Sei que você trouxe a máquina,
bata logo o tal retrato,
ande logo, Compadre,
é do meu destino:
vou fugir!

- Comadre, fugir não é destino,
é fugaz alternativa do ficar e lutar...
Não trouxe máquina nenhuma,
nem sei fotografar!
- Esse embrulho, Compadre, o que é?
- É um lençol, Comadre,
do melhor linho...
esses potinhos: incensos, aromas...,
vim preparado, Comadre!
- Preparado para o que, Compadre?
para me embrulhar,
para me vender?
Por que não me beija logo?
Afinal, quem é você?
- Comadre, eu sou Piros...
Acompanho os Heróis,
Francisco não lhe disse?
- Tão manso de coração, o irmãozinho...
Eu o notei preocupado...
Chico Pires, Compadre,
é assim mesmo a sua graça?
- Não deixa de ser também, indiretamente...
Chico, de Francisco, faz parte da senha...
Pires, não é nele que colocam o lume?
O Candelabro,
a penúltima letra...

- Letra?
 que letra, Compadre?
 vão escrever o que no panfleto?
 Todas as mentiras de sempre?
 Por que a penúltima, Compadre?
 A última não seria mais rica,
 o Ω μεγα (o ômega)?!
- A última não existe, Comadre,
 nada é último...
 Só Ele, quando voltar...
 Último acaba... encerra... aniquila.
 Penúltimo, nunca esgota,
 sempre é possível
 criar.....
 criar por sobre.....!!!
 Tudo em aberto, Comadre!
- Compadre, o seu mestre-escola
 não perseguia o Dez?
 Contentar com o Nove, Compadre,
 não seria inferior?
 Estaria o Compadre justificando
 esse um faltante,
 ao discípulo,
 o direito de discordar?
- Comadre, nada é Dez, nada é Ômega,
 já expliquei...
 O correto é Psi, a penúltima,
 sempre tem vaga...
 Ômega é Ele,
 você interpretou direito,
 nunca esqueça,
 fique com o Candelabro!

- Compadre, por que o Candelabro?
vão-me tocar fogo?
Os três cabelos...
Nunca fui bruxa,
é tudo inveja, já disse!
- Não, não, Comadre,
o candelabro é a maiúscula,
o mandacaru é a minúscula...
Veja o brasão:
Ψ ψ, a penúltima,
mas sou Piros,
o Fogo, grego, Comadre!
- Queima o que, Compadre, esse seu fogo?
Tão gentil, abrasa corações?
Um espelho, Compadre,
você tem um?
- É um fogo muito velho, Comadre.
"Eis o fogo e a lenha,
onde está o cordeiro?"
Eu estava lá...,
assisti a tudo, Comadrel!
- Onde mais estive o Compadre?
- Em Varsóvia, no Gueto,
Toledo, Massada, Termópilas,
Canudos, Caldeirão, Calvário ...
Petrogrado, também no Paraguay,

La Moneda, estive com Mandela...
 Corro o mundo todo... a postos...
 Surja um Herói,
 chego junto, erijo o Altar!!!
 Trabalho muito pouco,
 difícil surgir um...
 Senti o cheiro da Glória,
 por isso estou aqui...

— Heróis, Compadre, nem pensar.
 Já disse, vou fugir,
 é do meu destino,
 sempre fugi,
 nunca deixei de fugir!

— Tem sido por isso, Comadre,
 a outorga... d'Ele!
 Ainda assim fugindo...
 Sempre fugindo...
 A vida...?

— Compadre, por favor, não zombe...
 minha fraqueza,
 não basta a Seca, não basta a sede,
 agora também o panfleto,
 o Compadre acha pouco?!
 Agora me diga, Compadre:
 o lençol,
 as essências,
 afinal,
 para quê?

— A Comadre queira dar um basta,
 lute, lute, até o último de seu...
 Estarei aqui, neutro

— nunca intervenho,
 não posso intervir!
 Eu sou o Circo, Comadre,
 o grande Circo,
 eu glorifico,
 só isso,
 eu glorifico!!!

— A Comadre arriscaria tudo,
 a vida, claro,
 risco total,
 mas poderá ganhar...
 Fugindo,
 escrava, escrava, escrava!
 Sempre escrava...
 sempre!?

— Os fabulistas, Compadre, desconfio,
 foram eles,
 pregaram essa peça no Compadre!
 Brigar, como poderei?
 Eles são fortes!
 E se eu morrer?

CANTO VIII

AVENIDA COMADRE

— Comadre, dez mil panfletos,
 ninguém jamais escapou...
 Se a Comadre batalhar bravamente,
 mesmo que a despedacem...
 As outras raposas virão
 quando o inimigo se retirar...
 Chestrarão um fraco corpinho,

farão um grande alarido,
 mas dirão:
 Estes caquinhos,
 tão magrinhos,
 é a nossa Comadre!

— Depois, elas sairão, cabisbaixas,
 de luto,
 engrandecidas, porém,
 sempre voltarão!
 Um obelisco,
 um pedr'e-cal,
 letras de bronze:
 A Comadre!

— Muitas raposinhas do próximo inverno,
 de infinitos invernos,
 se chamarão Comadre!!!
 Orgulhosamente:
 Comadre!

— Aquela vereda-maior,
 por onde elas correrão, fegosas,
 folguedos de quando chove,
 onde elas dançarão, viçosas,
 seu alegre *fox-trot*,
 será por todo o sempre:
 Avenida Comadre!!!!!!!

— Aqui estou e aguardarei
 presente-e-ausente,
 a Pira do Herói
 acesa!

Logo após a luta, bradarei:
 Esta é a Comadre Raposa,
 aos Quatro Ventos,
Ad Æternum!

— Pegarei, então,
 carinhosamente,
 ternamente,
 todos os seus trapinhos,
 todos os seu pêlinhos...

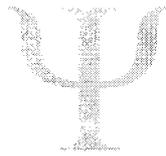
— Linda, a Comadre!
 Resplandecente!
 [...]

 Sucessivas dobras,
 deste lençol de linho,
 aromas e essências.



— Uma liturgia sagrada, respeitosamente,
 levarei a oferenda a Canindé.
 O Santo, doce e solenemente, a receberá;
 remeterá, regozijado, a Ártemis,
 mais carinhosamente,
 com um séquito de ninfas,
 a colocará nos braços de Zeus.
 Ele a soltará nas vinhas do Olimpo,
 Hosana, nas alturas,
 assim tem sido!

CANTO IX
O CIRCO



ou



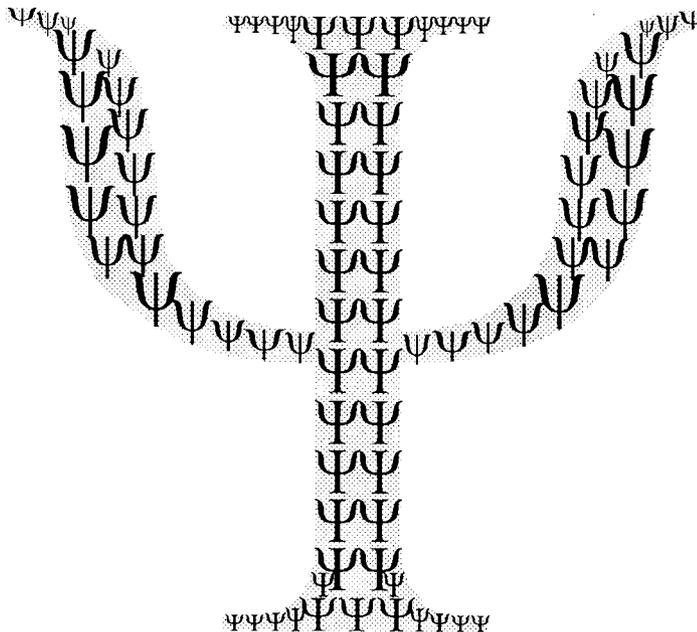
— Agora veja, Comadre,
o lençol é grande,
sou prevenido!

— Não posso intervir,
mas simpatizo,
estou aqui do lado justo!
O outro poderá lutar,
heroicamente, é claro...,
perder ou ganhar, tanto faz...
O ritual heróico será dele!
Imparcial, Comadre,
eis o Circo,
vença,
vença o melhor!

— Quero luta heróica, Comadre!

— O Compadre está louco!
Vão fazer um panfleto,
contra você também, Compadre!!
De onde saíram essas idéias,
de lutar até morrer?
Você é doido, Compadre!!!

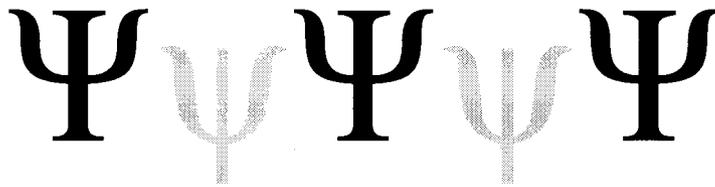
— Comadre, de onde saíram, não sei,
 só perguntando aos Heróis,
 mas, assim tem sido,
 reconhecidos, só eles,
 os Heróis!



Barulho, pisadas, pigarro, chinelas de *currulepo*,
 cacete de vara-pau,
 o homem,
 a Besta:

— Ah, maldita, agora tu me pagas,
 estás toldando a minha água!

- Não estou, compadre Homem,
bebi da borracha-de-sola!
- Alto lá, quero respeito, raposa safada!
Não sou teu compadre!
Vou-te matar,
estás doida!
- Não estou doida, senhor Homem,
tá'qui o atestado,
Adolfo Lutz:
normal!
- Se não estás,
vais ficar!
Vou-te matar de qualquer maneira,
quero a borracha-de-sola,
para jogar
na Loteria dos Dados!



Um pulo, *eriça-riça*, eriçados os pêlos,
todos!!!

Os do rabo também!!!

Um vento, elétrica, magnética, caquética,
a Comadre,
logo quem!?

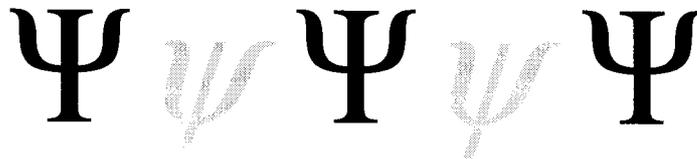
Todos os átomos do Universo...

Big-Bang primordial!

Uníssonos!

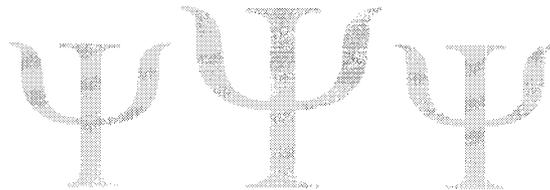
Uníssonos:

— Vá matar o Cão, desgraçado,
desta vez te pego primeiro!



Pernas para que te quero, o valentão!
Sentiu o arranco da Comadre,
mijou-se todo,
fugiu, o covarde!
Num rastro de

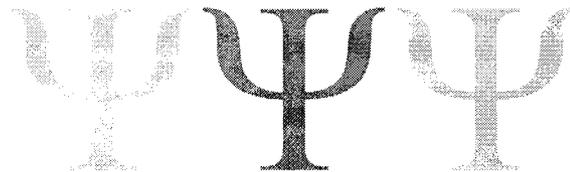
panfletos derramados...



Escureceu e Choveu!!

A chuva,
 hesitante e ventilado borrião,
 ternamente,
 um pingo maior;
 insistentemente,
 um pingo menor;
 a chuva...
 apagou todos os rastros...!!!

Desmancharam-se, nas poças turvas,
 de uma vez e para sempre,
 todos os Panfletos!



Quando parou de chover,
 noite escura ainda,
 Pico do Caga-Fogo,
 urupemba... finíssima...
 peneirando pontinhos de Luz,
 verd'azulados,
 infinitos pontinhos
 apagavam e acendiam...
 infinitamente...

Pico do Caga-Fogo:

I l u m i n a d o ! ! !

Notas sobre Psi, a penúltima:

1. Ψ ψ: 23ª letra do alfabeto grego, a penúltima. Não tem correspondente direto no alfabeto latino, embora alguns a confundam com o Y. Corresponde ao grupo consonantal psi, formando palavras como psicologia, pseudo, psélio, por exemplo. Pronuncia-se **psi**, como em **psicologia**.
2. O símbolo maior é a forma maiúscula; o menor, a minúscula. Neste poema a forma maiúscula será o candelabro, o fogo, a luz, a glória, enquanto que a minúscula simbolizará o mandacaru, o sofrimento — a seca — e a resistência.
3. Em determinados trechos do poema, **psi** aparece em grupo de minúsculas e de maiúsculas, simbolizando o fio da espada, o máximo risco, a fortuna, que tanto poderá pender para o tirano como para o herói!
4. A busca desamparada: ante a notícia da tragédia que se perpetrava contra as raposas, Chico sai em disparada e, sozinho, corre precipicios, ravinas, grotas e garranchos. Nada encontra, posto que, poeticamente, é homem solitário, desprovido de suas crenças, dos seus valores e de suas tradições.
5. Tenta comunicar-se com as raposas na língua dos fabulistas clássicos: primeiro, em grego (αλοπηξ), Esopo, o mais antigo deles; em seguida, em latim, Fedro (vulpes); finalmente, em francês, La Fontaine (renard). Nada consegue com o tal linguajar erudito. Falar com os bichos requer um salvo-conduto de Ártemis, deusa dos animais, para os gregos (Diana, para os Romanos), ou do santo maior, Francisco, o Sublime, de Assis — do Santuário de Canindé, CE — ou, ainda melhor, de ambos!
6. A senha: concluída a busca infrutífera, lembra-se Chico do Santuário, das romarias, da fé, da inabalável fé que sempre sustentou a humanidade... de Canindé, por coincidência, na mesma região limítrofe do Maciço do Baturité, o local da tragédia, cidade santuário dos sertanejos mais pobres, do norte do Ceará. Da calçada da basílica de Canindé avista-se o Pico-Alto e também o Caga-Fogo, local da tragédia.
7. O Santo repreende a Chico: "fale simples". Nada de grego, nada de latim, use o linguajar de sua gente, onde todos são compadres e comadres. Dá-lhe a senha: "chame a Comadre". Não autorizou chamá-la "irmãzinha raposa", posto que esse tratamento é privativo dele, do santo; há que separar, nada de muitas intimidades! Há que cada um ter suas próprias senhas, sua cultura, seus valores, a mensagem do pai (Eric Berne, *in Os Jogos da Vida*). Sem esses valores, não há valores!
8. Pico-Alto, Caga-Fogo: o maciço do Baturité tem como ponto culminante o Pico-Alto, com 1.114,0m (no Ceará, o ponto mais alto é o Pico Serra Branca, na Serra das Matas, município de Monsenhor Tabosa, com 1.154,56m, lat. sul 04° 46' 55", long. 40° 07' 55", *assim* de raposas, terra do Compadre Chico). O Pico-Alto é descampado, mas o seu vizinho, 80m mais baixo, o Caga-Fogo, nome mudado com total infelicidade para Botafogo, é verdejante, tendo recebido aquele nome poético de Caga-Fogo pelo espetáculo, nuvens de vaga-lumes, noite escura, uma festa, quando chove!
9. Vaga-lumes apagados: os vaga-lumes do Caga-Fogo foram "apagados" em 93; é a tragédia, a Seca, a maior do século!
10. Ananias autorizou: Ananias Arruda, humanista, jornalista, "dono" de Baturité, fundador do jornal *A Verdade*, comendador da Santa Sé, beato, a caminho de santo e "Profeta". Poeticamente, fez-se necessária a *autorização* do comendador para que o Compadre pudesse invadir-lhe os redutos e conversar com *suas* raposas.
11. Oi de casa, sou de paz: modalidade sertaneja de saudar. Os códigos, os valores, a terra, a cultura, a identificação, as mensagens do Pai — as senhas: eu sou um dos teus! A etnia: desmancham-se países inteiros em nome da etnia, *remember* Iugoslávia!
12. Irmão Francisco já avisou: Comadre Raposa já fora avisada pelo fax celestial. Fantástico!

Quem sabe, via internet!

13. Pelagra: avitaminose do grupo B, crianças e adultos — humanos, o *sapiens, sapiens* — em Bezerros, Pernambuco, morreram muitos na Seca do 93, de pelagra, manchas na pele, escamas, danos neurológicos irreversíveis.

14. Arrepiei...!: o mitológico, os valores do povo do sertão, a lenda de que a raposa tem três cabelos duros, do Satanás, na ponta do rabo..., daí o medo, a assombração, o susto. Não vale pabular ter avistado, de dentro do automóvel, à noite, a Comadre, mesmo que a curta distância...; só vale se tiver sido "de-pés", na praça da cacimba do gado... (aquela, da Introdução do poema, onde Chico, ainda menino, em companhia do Mitim de dona Cotinha, dominou e matou a cascavel), ou no cercadinho de ajuntar oiticicas (Santa Quitéria, CE), ou num chiqueiro dos bodes; em suma, num recinto fechado. Nenhum bicho mete mais medo no nordestino do que o arreganho/ arrepio da raposa: a agilidade, a leveza, a possibilidade de que ela lhe salte na cara, e de que esteja doida, hidrófoba... Daí, o mito. Foi medão, Comadre!

15. Não tema, compadre, os três cabelos boto de lado: a Comadre sabe, ela também, da lenda dos três cabelos. Sabe que mete medo, como também tem tido o mesmo medo nos seus encontros, nada amistosos, com o Homem. No plano mitológico, tanto quem aparece como quem vê passa pelo mesmo terror. A Comadre, para convencer melhor, prefere não contestar, de imediato, a lenda dos três cabelos, garantindo que os colocará de lado, portanto inofensivos. Com o salvo-conduto do Santo de Assis, a relação, quase sobrenatural, pode avançar.

16. Tá'qui a borracha-de-sola: é uma espécie de saco, como que um alforje, feito de couro curtido, de boi, costurado com correias também de couro, vedado pelo lado de fora com sebo de carneiro-capado. Usada pelos vaqueiros nas *pegas* do gado, para transportar água de beber. O couro transpira, com o que a água, mesmo ao sol quente, fica sempre fresquinha.

17. Passe a mão, Compadre: nada mais fantasticamente amistoso, terno e intimista do que o gesto, a carícia essencial, do "passe-a-mão, amor". Deixe-me alisar os teus braços, meu filho Esaú, disse Isaac, cego, a Jacob, pensando que os braços eram de Esaú. "A voz é de Jacob mas os braços (enrolados com a pele do cabrito, sob o engodo da mãe, Sara) são de Esaú". Quero enfiar minha mão na chaga DELE, disse Tomé. Vem, vem conferir, enfia tua mão em Minha Chaga: ELE. Os tocares, Eros e Afrodite: montes e vales, morros e abismos... "Meu bem-amado passou a mão pela abertura. Meu coração estremeceu." (*Cânt. dos Cânticos* 5, 4)

18. As pequeninas mãos de Anisia-parteira, tão picicadas, um paliteiro, no leito da dor do terceiro enfarte, UTI — no mesmo dia em que este delírio foi produzido, as mesmas mãos do corretivo; "deixe-me apalpá-las, minha mãe, uma massagem de heparina..." Agora tão velhas e tão macias, antes tão bravas e tão severas!

19. As mãos, até segundos antes, de Belzebu e Lúcifer, ante Cæsar (Clinton) assinando a Paz, (13.9.93), agora mãos angelicais, de veludo, maciíssimas, dos antigos *assassinos* um do outro:

— Esta é a tua mão, Rabin!

— Esta é a tua, Yasser!

Israel e Palestina!
Naquele átimo do infinito celestial,
Bach e Händel,
perante Mozart e Beethoven,
regendo-se mutuamente, glorificavam:
Hosana nas Alturas. Ave, Pax!

20. A maldição maior deste fim de século talvez não seja só morrer contaminado, mas o medo:

o medo,
o medo da Intimidade,
a bexiga de látex a

S | E | P | A | R | A | R

21. A Comadre permite ao inimigo milenar, o Homem, representante daqueles mesmos carrascos que lhe tramavam, no Seminário de Guaramiranga, um "raposicídio" sob a chuva dos dez mil panfletos; permitia a Chico o gesto da máxima confiança-intimidade:

— Alise, Compadre,
o meu felpudo rabo
e o sentirás maciíssimo,
um veludo!

— Verdade, Comadre, finíssima seda!

22. Esopo: o "pai" dos fabulistas, grego, séc. VI a.C., foi escravo. É o criador de todo o fabulário clássico, especialmente das maldades contra a Comadre. As fábulas de Esopo foram livremente traduzidas para o latim por Fedro e para o francês por La Fontaine.

23. Fedro: Caio Julius Fedro, 15 a.C. a 50 d.C, também ex-escravo, liberto de Augustus.

24. La Fontaine, Jean de: francês, 1621 a 1695.

25. La Bruyère, Jean de: moralista francês. *Os Caracteres* é sua mais importante obra. Tirou também umas casquinhas para cima da Comadre.

26. Exupéry: outro francês. *O Pequeno Príncipe*. Também se divertiu às custas da Comadre.

27. Agora, o panfleto, a infâmia: a Comadre consegue expressar todo o desespero do perseguido, do procurado, do caçado... A Inquisição, a intolerância política e religiosa, o falso "crime de opinião", o *apartheid*, as ditaduras à esquerda ou à direita, tanto faz... O Homem, eterno perseguido, eterno perseguidor.

28. O que irá dizer compadre Urubu: obviamente, a Comadre, cultíssima, tendo lido Esopo, Fedro e os franceses, sabe que o compadre Urubu, versão nordestina do Corvo, de quem, com engodo, segundo os fabulistas, teria tomado um queijo ("que voz maviosa, compadre urubu, cante só um pouquinho...": *pluft*, caiu o queijo!), fará ele uma grande mangofa ante o panfleto com a cara da Comadre.

— A solidão e o abandono dos caídos! —

29. A angústia: o que irão pensar e dizer os vizinhos, a família, pior ainda, com regozijo, os inimigos! "Bem feito", dirão...! O desespero dos caídos!

30. Só quem está *gorrrdo*: para o compadre Urubu, a Seca é uma safra, com a mortandade de muitos bichos pela sede e pela fome!

31. Não mandou um queijinho?: o Santo não poderia esquecer seu irmãozinho Urubu. Como o Santo patrocinava o encontro, não poderia haver fraudes, daí o Compadre ter confiado a ela própria fizesse a entrega do queijo!

32. Meu *daguerre*, estou tão magra, arrepiada, um *shampoo*, uma *mise-en-plis*: *daguerre* é o retrato para o panfleto. Mulher que é, a comadre, mesmo a caminho do cadafalso, há que estar bonita e orgulhosa, daí a ansiedade do *shampoo*, da *mise-en-plis* e do *rouge*, este para disfarçar a profunda anemia causada pela fome.

33. Dez mil panfletos? Ninguém jamais ganhou dez mil panfletos!: a Comadre espantou-se, com justa razão: loucos estão eles!

34. Mico-Leão-Dourado, pobre Raposa Cinzenta: a desigualdade. A Parábola dos Talentos: uns, tão-tão; outros, tão-não; e pior, "porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado" (*Mateus* 25, 29).

"Deus não apenas joga dados como às vezes os tira de onde ninguém pode vê-los" (Stephen W. Hawking, *Uma Breve História do Tempo*, Ed. Rocco.)

35. Seria Ele cúmplice, ou tudo obra de um grande acaso?: ocorresse uma Seca, como o sinistro 93, na reserva dos ricos Micos ou dos milionários Pandas, o "Greenpeace", em nobilíssima missão ecológica, já teria mandando intervir a pires-de-leite... Algo mais carinhoso do que o pires-de-leite posto ao alpendre, para quando o "fujão" voltar? Na manhã seguinte, reparar se ele bebeu...: meu gatinho, por onde andará?

36. Comadre, um dia chove: teluricamente, nesta terra seca, um dia chove, é a força mágica que mandou levantar do leito (vide nota 16) dona Anisia-parteira, 82 anos:

— Meu filho, tenho certeza que desta vez não escapo.

Ao que lhe pediu o Compadre:

— Mamãe, não vá morrer nesta Seca, espere chover...

Sempre há, com a chuva, novos projetos. Ao que ela, com uma força poética mil vezes maior e um incrível senso de humor:

— Ah, meu filho, o barro lá de Monsenhor Tabosa deve estar mesmo muito duro... Eu vou esperar..., quero ver chover... Me ajude aqui, vou me sentar.

Resoluta, sentou-se, teve alta e, "bicho da conversa", foi para casa no outro dia, compadres e comadres! (Nota em 22.2.95: choveu no 94, um bom inverno; os roçados foram plantados, os "projetos do barro" — ao pó reverterás — pareciam adiados *sine die*..., e D. Anisia firme e forte por quase mais um ano inteiro. *Despediu-se* a 7.11.94, à glória d'Ele).

37. Nesta terra, o tempo desabando em temporal é sempre tempo-bonito... Bonito-para-chover, eis a chave! Tempo de sol poderá, no máximo, ser tempo bom de praia, mas será sempre tempo feio. Bonito, só de chuva chovendo!

38. Outra vez, Esopo, com a fábula dos filhotes da comadre Coruja: "Compadre Gavião, os filhotes mais bonitos da floresta são meus... Não os coma!"

39. Canapum: Canapu(m), solanácea, espécie de tomate amarelo, selvagem, pouco maior do que uma uva Itália. Os canapuns e os maxixes são as primeiras "frutas" que chegam logo após o início das chuvas: "Eis que vos farei chover pão do céu" (*Êxodo*, 16, 04).

40. Rasteiros, são seus: em paralelo à fábula milenar *A Raposa e as Uvas*.
41. Um rio que vão puxar: Rio São Francisco. Projeto de irrigação para a região assolada pela Seca, o Ceará.
42. Do tamanho de um oiti: poeticamente, um exagero, é claro, mas as uvas do vale do São Francisco têm padrão internacional, as melhores do mundo!
43. Maduras, compadre?: depois de uma espetacular reticência, a milenarmente sofrida, vencendo a guerra da sobrevivência, mercê de sua fina inteligência e da incrível capacidade de "escape", a Comadre arrisca a pergunta: maduras?
44. Ora, não fora ela que dissera, em Esopo, que aquelas outras, maduríssimas porém inalcançáveis, estavam "verdes"?
45. Maduras, comadre: a resposta dá-lhe um novo alento para continuar.
46. Baixinhas, compadre? Sim, baixinhas, arrastando no chão!
47. Como é que é tão fácil, eles não "atrepam" os galhos? A Comadre se assombra: como é que pode? E o Pecado Original?... O Paraíso teria voltado?
48. ELE teria mandando revogar a Maldição? (*Gên.* 3, 17).
49. O homem, este minúsculo ser, teria deixado de ser um mero brinquedo nas mãos do Destino?
50. O *Livro de Job* estaria sendo reescrito? Segundo Elie Wiesel, prisioneiro de campo de concentração, pacifista, prêmio Nobel da Paz de 1987, segundo ele o *Livro de Job* seria o poema máximo da humanidade e ali se retrataria um assombroso divertimento entre o Bem e Mal, para ver quem podia mais.
- Você o atinja, atinja tão profundamente quanto possível — teria dito o Criador a Satanás — e meu fiel servo Jó não Me renegará...
- Ora, bastam umas quatro Secas, tipo 93 — disse Satanás — e ele Te amaldiçoa!
51. Instalaram, Ambos, o Circo, o grande Circo da Vida, e foram-se divertir às custas do velho Jó!

Em tempo:
em Jó, o Bem venceu!
Fantástico, às vezes vence!

52. A Comadre desconfia: deve haver algo errado, pois Kafka não deixara comprovado que todos nós, raposas inclusive, somos sempre culpados de alguma coisa, de algo que não sabemos bem de que, sempre culpados e, como tal, merecedores do Castigo?

53. Como seria possível uvas, do tamanho de um oiti, dulcíssimas, arrastando no chão e... ainda mais... maduras?

A Providência plar.ta engodos para colher esperanças...

54. Eles acabaram com as raposas: pronto, aí está a chave! A Comadre percebe o engodo, a armadilha a que foi levada: a acreditar, nesta vida, no retorno do Paraíso!

55. Só a cada qual, somente a si mesmo, compete saber administrar os Talentos de modo que esses engodos possam se transformar, nem que seja por um ínfimo momento, em algo aproveitável: o ato heróico!

56. A chave-mestra está em Hegel, em nome de quem já escreveram todos os disparates, os mais antagônicos possíveis e, pior, experimentaram-nos em cima da pobre raposa de dois-pés, o Homem!

57. O Herói arrisca necessariamente a própria vida pelo reconhecimento; o escravo nada arrisca, mas, em compensação, jamais será reconhecido:

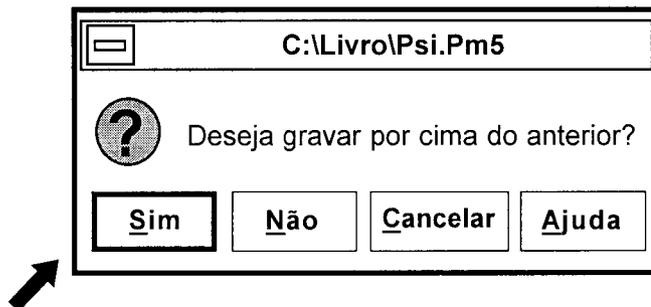
Só arriscando a vida que se obtém a liberdade; só assim se julga e se prova que a natureza essencial da autoconsciência não é a simples existência, não é a forma meramente imediata em que ela aparece pela primeira vez... O indivíduo que não arriscou a vida pode, sem dúvida, ser reconhecido como pessoa; mas ele não alcançou a verdade desse reconhecimento como uma autoconsciência independente (Georg W.F. Hegel, in A Fenomenologia do Espírito, apud O Fim da História e do Último Homem, Francis Fukuyama, Ed. Rocco, pág. 183).

58. Sei que o Compadre trouxe a máquina: o desespero da Comadre é tão grande que ela passa a ver no Compadre que ali estava em missão santificada, em nome de Francisco, para defendê-la, todo o desfile de maldades de que milenarmente tem sido vítima. Você também é inimigo, e aqui veio para bater a fotografia para os panfletos... Ande logo, se apresse... Que eu beba logo esse cálice!

59. Ômega & psi: a grande tragédia tem sido acreditar cegamente em ômega: quantos dias durou o "Reich de Mil Anos"? *Sic transit...!* Do Lêmure ao *Sapiens-sapiens*, quem e quando será o próximo? (Richard E. Leakey, "in" A Evolução da Humanidade, Ed. Melhoramentos).

Quem falou em evolução? Os gregos eram melhores...
Mudanças, somente mudanças, o recriar, por sobre...

60. Para simbolizar a nova Deusa, a Informática, e o seu sumo-sacerdote, o Soft, o melhor símbolo deveria ser o Ψ que se traduz magistralmente na quadricula mágica da máquina:



61. E, no modelo da telinha, real, o cursor (a setinha) dança atrevido, livre para pousar em qualquer uma das teclas: a do "sim", por exemplo, e tudo que existia naquela construção anterior virou cinza, ao pó reverteu, sob a nova (re)construção...
62. Ninguém se dá conta da recriação? Assim tem sido, uma civilização, não necessariamente melhor, sempre substituindo outra, não necessariamente inferior... Assim será!
63. O "dez" versus o "nove": o nove, aqui poeticamente psi, sempre se renova, como que uma junta da dilatação, sempre permitindo os ajustamentos.
64. O dez, simbolicamente o ômega, pleno, unânime, é porém... totalitário, não dá espaço! Sem as minorias, sem aquele insignificante um que só aparentemente estaria faltando ao dez, não há liberdade!
65. Sem liberdade, não há criatividade, o que explica o atraso de quem vive ou viveu sob a camisa de força, à direita ou à esquerda, tanto faz!
66. Eis o fogo e a lenha: Isaac, inocente, depois de pronta a fogueira, pergunta ao pai, Abrahão, onde estaria o cordeiro para o sacrifício..., quando o cordeiro seria ele próprio.
67. Varsóvia, no gueto: Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, os horrores do Nazismo. Eles, os do Gueto, resgataram!
68. Toledo: defesa do alcázar de Toledo, 21 de julho a 27 de setembro de 1936, Guerra Civil Espanhola.
69. Massada: durante a revolta dos judeus contra Roma (70 d.C.), os heróis, perdidos, destruíram todos os seus pertences, antes de se matarem uns aos outros, mas deixaram intacto um bom estoque de grãos para demonstrar aos romanos que ainda dispunham de suprimentos e que não morriam por desespero! Massada resgata quase todas as covardias do "sapiens, sapiens".
70. Termópilas: Grécia, Esparta, 480 a.C., sob Leônidas, os bravos lutaram até o último homem!
71. Canudos: (Brasil) sob o comando místico de Antônio Conselheiro. Ordem do Dia de 5.10.1897, dos soldados equivocados: "é para lamentar que o inimigo fosse tão valente..." Lutaram, heroicamente, até o último homem, Canudos, Conselheiro... Glória!
72. Caldeirão: (Beato Lourenço, Ceará, 1937 e 1938, vide em Cláudio Aguiar, Caldeirão, Editora Tempo Brasileiro) grupo de fanáticos armados de porretes e facas-peixeiras foram metralhados e bombardeados pela força aérea; a força de terra degolou os restantes. Genocídio nacional, Brasil.
73. Petrogrado: cerco dos nazistas, segunda guerra mundial.
74. Paraguai: trucidamento de um povo. Resistência até o fim, Solano Lopez!
75. La Moneda: Salvador Allende, Chile, recusou a rendição.
76. Mandela, Nelson: herói, negro, África do Sul, condenado à prisão perpétua, recusou a liberdade em troca da renúncia a uma causa. Libertou seu povo do *apartheid*. Prêmio Nobel da Paz, compartilhado com o antigo inimigo, da minoria branca, Frederick le Klerk, indiscutivelmente também herói. Mandela condenado à prisão perpétua, escutava diariamente: o portão está aberto, sai, és livre; em troca, passa na portaria e assina uma declaração dizendo que renuncia aos teus valores; és livre, podes sair! E agüentou! Negro, de uma raça inferior (como é que ainda há alguém que se atreve a dizê-lo?). Como é que teve e de onde tirou tanta força? Quem, branco, vermelho ou amarelo, já teve tanta? Orgulho da raça, não só da Negra, mas de toda a Raça Humana!
77. Não estou doida, normal: a angústia de parecer normal aos olhos de si e aos do semelhante. Quem é normal, como é normal, qual é o padrão normal? (*O Alienista*, Machado de Assis.)
78. Adolfo Lutz: centro de pesquisas médicas, Brasil, padrão internacional.

79. Big-Bang: teoria da criação do Universo, mediante a grande explosão, o Big-Bang, há cerca de 15 bilhões de anos. Essa espetacular energia da criação estaria circulando por aí, infinitamente... Pois foi essa energia que a Comadre captou no instante glorioso do arranque contra o tirano. Assim são os heróis: donde tiram tanta força? A Comadre, tão fraquinha, os pelos caídos, magra, pelagra, caquética, só pode ter sido do Big-Bang!

80. Fugiu o tirano: o tirano, no fundo, é um frouxo. Bastou-lhe o arranco da Comadre para fugir todo mijado. Assim tem sido: a tirania de Honnecker, ao pé do Muro que imaginara Ômega, alquebrado, fugindo para o Chile...

81. A perfeitíssima máquina de torturar, com sua "grade" e o "desenhador", vide *A Colônia Penal*, outra vez Franz Kafka: bastou um simples rapa-pé (sê justo!), infinitamente menor do que o da Comadre, e a máquina desmanchou-se toda, por conta própria, fantástico; inicialmente, uma simples arruela, depois um parafuso pequeno, outro maior..., até que não lhe restasse nada de pé!

82. Naquele mesmo cenário, desse profundíssimo drama da existência humana, algoz e vítima, a liberdade e a tortura, o pesquisador indagara do carrasco:

— Estaria sendo assegurado à vítima o Direito (Beccaria) de Defesa?

— Seria um absurdo, senhor pesquisador, o acusado se defendesse, pois cometeria novos crimes, inventando novas mentiras para demonstrar que não cometeu o crime(?) que, temos certeza, cometeu. Sempre temos certeza... É colocá-lo sob o "desenhador"... e, em benefício dele próprio, executar a setença (respeitar o superior) o mais rápido! O tirano sempre tem certeza!

83. Num rastro de panfletos derramados: é incrível como são frágeis, quando caem, os regimes totalitários. Os arquivos dos inimigos às moscas..., agora derramados. As fichas dos inimigos, algumas as mais ridículas, passam a ser objeto de pura zombaria! Os "crimes" anotados, meras notícias de jornal e mexericos dos invejosos — é a regra geral! Desmitificam-se os velhos heróis..., novas forças se alevantam..., novos barões e novas armas assinalados! E, muitas vezes, o pior, novos "coronéis", novos tiranos, e tudo recomeça para novamente reconstruir!

Ψ ψ, outra vez, pleno da força recriadora: criando... por sobre!

84. Será melhor? Não está em jogo! Os ideais da Revolução Francesa, por certo, eram melhores do que a tirania de Napoleão! Ironia: enquanto a Comadre se preocupava com a aparência (*mise-en-plis e rouge*) para poder tirar os retratos, os panfletos, com retrato e tudo, já estavam impressos há muito tempo, tanto que caíram derramados na fuga do tirano. São assim mesmo os serviços secretos...: a vítima nem se dá conta! *Habeas Data*? É um mínimo de garantia da cidadania.

85. Escureceu e choveu: a chuva foi o fato extraordinário a encerrar, *cum laude*, a luta. Choveu, vamos plantar..., o tirano também!!!

86. Hesitante ventilado borrifo...: é assim mesmo quando começa a chover por aqui..., a gente mal acredita..., e ao calor dos trópicos vem chegando hesitante um borrifo fresco e, ainda vacilantes, as primeiras gotas...

87. Apagou todos os rastros..., é a Anistia... Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos... Yom Kipur! Israel e Palestina!

88. Será real (13.9.93), ou mais um engodo da Providência?

89. Desmancharam-se nas poças turvas: as primeiras águas da chuva formam poças turvas..., as feridas demoram a cicatrizar, vez por outra uma tentativa de reabrir uma antiga questão, um rápido arreganho..., é assim mesmo!

Futuras águas,
o esquecimento,
ninguém fala mais nisso!
Assim tem sido !

90. Urupemba: (Ceará) peneira grande feita de palha de carnaúba, muito usada nas casas de farinha e nas lides do café. Uma delícia uma tapioca (peneirada na urupemba) com o café, quentinho, do maciço do Baturité, dizem que o melhor, quando chove, pois é quando tem, é claro!

91. Nota final: por favor, faça uma releitura do poema.

Colofão: Este poema (exceto as notas) foi composto na noite do dia 12 de novembro da Seca do 93, em Fortaleza. Toda a inspiração foi, única e exclusivamente, a notícia de saúde pública sobre raposas flageladas pela Seca, publicada nos jornais de Fortaleza, no mesmo dia 12 de novembro, e transcrita, em xerox, no início do poema.

Réquiem em Sol da Tarde

Grita, para ver se alguém te responde.
(Livro de Jó, 5, 1)

Sim,
a porteira do caminho do rio
ainda era a mesma.
A direção do rio também;
presumo não tenham mudado o rio.

Ⓣ benjamim,
disseram, morrera na Seca do 93;
arrancaram-no pelo tronco.
Não replantaram sombra,
nem pássaro.

Ⓣ banco de aroeira,
racharam-no em lenha de fogo.
Ⓣ curral das vacas,
também.

Ⓣ chiqueiro das ovelhas,
à esquerda da casa,
e o dos bodes,
à esquerda do das ovelhas,
sumiram todos.

O batente da porta-da-frente,
 e abaixo dele outro batente,
 onde uma pedra,
 com um caneco d'água
 lavei os pés,
 ainda estão lá,
 os batentes;

e nos batentes também estavam
 meus rastros em riscos de fogo,
 que continuam.

Os canários amarelos,
 os mofumbos florados,
 não os vi;

nem Flor...
 que também não vi.

Os armadores da rede,
 na sala-da-frente, sim,
 estavam no *logar*,
 parecem,
 outra vez prontos para rangir.

E daquelas pessoas,
 quando perguntei por elas,
 fizeram-me um gesto distante.

Perguntei por mim;
 ninguém sabia quem era.

Tu disse:
é um conhecido meu que gostava muito
daqui.

Perguntaram-me quem eu era.
Um amigo, disse,
e fiz um gesto
ao tempo.

Ficaram sentidos por não saberem
nem de mim, nem do "outro".

Um menino pequeno começou a chorar,
lá dentro.

A mãe correu
para acudir.

Despedi-me
sem dizer palavra.



APÊNDICE I

OS POEMAS DA BESTA

(ENSAIO)

Nisto, o Anjo que eu vira de pé sobre o mar e a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos — que criou o céu e tudo que nele existe, a terra e tudo o que nela existe, o mar e tudo que nele existe —:

já não haverá mais tempo!

(Apocalipse, 10, 5-6)

Já não haverá mais tempo! Essa passagem tremendamente épica, o máximo do majestoso em todo o Livro dos Livros, assombra-me!

Menor não tem sido a sensação nas leituras de alguns poemas que me provocam exatamente o mesmo assombro: já não haverá mais tempo, sorvido que fui pelo redemoinho, tragado pela força de uma poética inesperada, esmagado por uma emoção decididamente indescritível.

Quais poemas? Dentre eles, *O Navio Negreiro*, de Castro Alves, para mim o maior de todos?

Não, de maneira nenhuma. *O Navio* é um poema “racional”, onde o leitor tem todo o tempo para perceber o percurso, da navegação inicial — *‘Stamos em pleno mar!* — até o final retumbante: *Colombo, fecha a porta dos teus mares!*

Precisamente neste tema — o tempo —, esta coisa assombrosa que dizem existir numa quarta dimensão, essa angústia máxima, a falta do tempo de que fala o Anjo do livro da revelação, só uns poucos poemas no-la dão.

Vejamos um, para iniciar:

Os Castellos

*A Europa jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.*

O cotovello esquerdo é recuado;
 O direito é em angulo disposto.
 Aquelle diz Italia onde é pousado;
 Este diz Inglaterra onde, afastado,
 A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
 O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

O leitor já tem todo o direito de ir dizendo: "Também, com Pessoa, é moleza...". Nada disso. Só neste poema, de tudo o que li de Pessoa, há o abismo-absoluto-e-inesperado — hifenizei: abismo-absoluto-e-inesperado. A mesma angústia da falta de tempo do Anjo sobre as águas...

Em análise:

Trata-se de um poema "geográfico", mero comparatório do mapa físico da Europa com a efigie de uma pessoa.

A Europa jaz, posta nos cotovellos:
 De Oriente a Occidente jaz, fitando,
 E toldam-lhe românticos cabellos
 Olhos gregos, lembrando.

Nada de extraordinário até aqui. Os fiordes escandinavos realmente parecem uma cabeleira vasta.

O cotovello esquerdo é recuado;
 O direito é em angulo disposto.
 Aquelle diz Italia onde é pousado;
 Este diz Inglaterra onde, afastado,
 A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Ainda sem maior interesse. Dir-se-ia — e aí precisamente mora o perigo — um poema bobo. Confira no mapa da Europa — é assim mesmo: os acidentes Itália e Inglaterra seriam os cotovelos de uma jovem.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
 O Occidente, futuro do passado.

Aqui a coisa já começa a "complicar". Anunciam-se borrascas e temporais: *Fita, com olhar sphyngico e fatal, / O Occidente, futuro do passado.*

Mas, finalmente, mas:

O rosto com que fita é Portugal.

Feche o livro, caro leitor, respire fundo e contemple o Infante preparando as navegações daquela nesga minúscula, simplório enclave geográfico no mapa d'Espanha... — quanta glória!!!

Ah, meu Deus, quanta glória em 7 (sete, misticamente sete — dizem que *Mensagem* é uma mensagem misticamente cifrada, parece que é!), sete palavras apenas para tamanha grandiosidade.

Os lusos, *Os Lusíadas*, a própria *Ode Marítima*, esta do mesmo Pessoa, contidos nesta frase perfeita: *O rosto com que fita é Portugal.*!

Disse Pessoa a frase perfeita. Veja o caro leitor se tenho razão em chamá-la perfeita. O rosto — de quem, o rosto? — do mapa anteriormente descrito, o rosto da Europa, símbolo então de toda a civilização ocidental, o rosto da Humanidade, o rosto de Deus? Quem, afinal, fita o mundo?!

Agora percebemos que a estrofe anterior — o *olhar sphyngico* — era terreno preparatório (Batista, às margens do Jordão, batizando o Cristo) para o grande final, o *rosto que fita*, onde fitar não é simplesmente sinônimo de olhar.

Portugal, no extremo (ou no início!) do mapa e no extremo do verso, FUNDA o mundo e o domina!

E, na ponta da lança dos seus guerreiros, o missal dos frades enlouquecidos, a esmagar os deuses das novas terras, em nome do Cristo!

Quem olha, afinal? A Cruz-de-Malta?!

Já não há mais tempo: eis o abismo, caia nele, de ponta!

Vejamos, agora, outro poema:

O Homem da Cadeira de Balanço

*precisamos criar juízo
cumprir as determinações
e tomar enérgicas providências*

*precisamos coibir os abusos
respeitar os sinais do tempo
e outras normas regulamentares*

*precisamos ficar calados
diante de certas coisas
porque assim é melhor*

*precisamos evitar as mãos magras das visitas
os olhos noturnos dos gatos
e o apelo da verdade*

Em análise:

Você vai lendo, é um poema tolo, sem maior conseqüência, chato até, bastante reacionário no dizer esquerdizante: *precisamos ficar calados* — que coisa mais idiota!

Pois bem: fantasticamente fantástico, caia no mais amplo despenhadeiro: *precisamos evitar o apelo da verdade* — o que renega toda aquela brabeza inicial do tomador de providências, daquele “corrigidor” do mundo.

Eis a verdadeira *cadeira-de-balanço*, o leitor dentro dela, bem amarradinho, bem solto, porém sem tempo algum, de abismo e de despenhadeiro abaixo. Ou de abismo e de despenhadeiro acima, se o preferem no positivo, compelido pela força mágica da Poesia maior!

É poema! Tão grande que até desconfio que o seu autor, o cearense Horácio Dídimo, como o boi do arado, não sabe a força que tem. Tanto é verdade que uma das antologias de que participa, a de organização de Pedro Lyra, não contempla esse super-poema, em benefício de uns outros que não lhe amarram sequer as correias da sandália.

Vamos ao terceiro poema da série “da Besta”:

Casa Mal-assombrada

*Eu vi
monstros, morcegos e vampiros!
Lá tem um
velho vampiro
e sua mulher.
Bem de noite
ouvi um choro
e me levantei.
Percebi que era um
nenê: a vampira teve bebê.*

Inicialmente, a perfeição (e banalidade) do tema: uma casa mal-assombrada, onde tem um velho vampiro. Tem também a “sua mulher”, não implicitamente vampira (pelo menos o poema não obriga a concluir, de início, que ela seja uma súdita do conde Vlad).

Bem de noite: assombra! Por que não apenas “de noite”? — porque assim o poema nos transmite aquela sensação de uma noite absoluta como a eternidade, naquelas tribulações da escuridão em que você é surpreendido pelos galos e pela aurora. Mas é “de-noite”; e “de-noite” continua, não obstante o sol de meio-dia.

A noite ampla de Pessoa, *Dois Excertps de Ode — Vem, noite antiquíssima...* Deve ser ela, esse “bem-de-noite” do poema.

Ouvi um choro e me levantei: claro, quem escuta um choro tem mesmo é que se levantar, especialmente em casa de vampiros... Estaria o velho vampiro a estrangular uma criancinha?

(Aquele outro choro, num estábulo remoto, seriam os cães despedaçando uma mendiga e o seu bastardo recém-nascido?)

*Percebi que era um
nenê: a vampira teve bebê.*

E imediatamente, pelo choro do infante e pelas graças da maternidade, aquela casa imunda e vampiresca sacralizou-se para o todo e sempre! Não há mais tempo!

Abismo número 2: a autora do poema acima tem apenas 8 — disse 8, oito, ô-í-tê-ó-tó, soletrando como na velha Carta de ABC de antigamente. Dizem que na escola moderna os meninos não soletram mais... Eu soletrei e ainda sei soletrar, letra a letra, número a número: cinco dedos mais três dedos da outra mão, igual a oito, oito anos de idade.

Como explicar?

Todas as explicações e nenhuma.

Não sei quem o fez primeiro: se Isaac Gamow, *Um, Dois, Três... Infinito!*, ou se Borges, Jorge Luís Borges, *A Biblioteca da Babel* e correlatos, onde falam dos números grandes, aquelas monstruosidades dos grãos de trigo do tabuleiro de xadrez, o número 2 elevado à potência de 64.

Dentre tais números-monstros, o maior deles seria o que resultasse do alfabeto ocidental, em mistura de análise combinatória: as 26 letras “A” emparelhadas; depois 25 letras “A”, mais um “B”; e assim sucessivamente, até percorrer todo o alfabeto, alternativamente, em todas as suas combinações possíveis, não infinitas, mas estupidamente grandiosas.

Num lance de dados (Deus joga dados, com certeza que joga!), essa menina de 8 anos abriu o livro certo, na folha certa, da biblioteca certa e jamais formada, de todos os livros escritos e dos jamais escritos em todos os tempos: e transcreveu, a menina de 8 anos, direto dos abismos da eternidade, o perfeíssimo poema do nenê da vampira!

Você, caro leitor, tem outra explicação? Passe-ma!

Mais outro “da Besta”: excerto de

Táxi

De repente,
 na altura da Volta da Jurema,
 avisto, quase sem querer, um pivete
 (pastor de carros e de meus pensamentos)
 correndo sobre a areia.

E a idéia do tempo feito criança,
 brincando com seus piões na praia, me sacode.
 E o motorista, atento a um explícito e interior sinal,
 começa a acelerar o motor das lembranças.

E o Táxi logo dispara na pista imaginária,
 até me sentir balouçante, sim, num velho Prefect,
 descendo a Rua Costa Barros,
 lá longe,
 a caminho do Centro.

Vejo tudo outra vez, ó coração enfermo,
 máquina veloz da recordação!...

...Papai ao lado do motorista, traçando o roteiro de nossa
 viagem provincianamente urbana. Atrás, a mãe, eu e mais
 três irmãos apertados/apartados, por entre
 pernas cotoveladas visões: a meninice trepidando a 50km/h.
 Ao passar por ali um amigo vi girando na escola da calçada
 um pião. Dei um salto,

queria a outra janela, acenar-lhe para que também me visse
 (havia uma sensação qualquer de vitória) naquele Prefect.
 (Tento hoje recordar seu nome. Qual seria? Eco longínquo
 ressoando no abismo verbal da infância. Começava com K.

Kleiton? Não. Kelvin? Não. Kélson? Isso! Kélson!)
 Não sei se me ouviu. Sei que rasguei, no atropelo, as meias
 da mãe, que ficou furiosa. Desolado, soquei-me debaixo
 do trinco da porta e da culpa, enquanto o carro de aluguel
 prosseguia, sacolejante, para seu destino destino destino...

Tenho agora ímpetos de chamar o tempo
 pela janela do Táxi. Gritar seu nome.

(Qual seria?

Deus?

Respiração-da-matéria?

Substância-de-todas-as-coisas?

Com que letra começaria?..)

O fragmento — meio crescido para chamar-se fragmento — é do longo poema *Táxi*, de Adriano Espínola. O poeta, com toda a certeza, boi velho de arado e bolandeiras, também não sabe a força que tem. Digo-o porque, na mesma antologia de Pedro Lyra, coloca-se o que de pior Adriano já escreveu..., ou melhor, o que de “menos bom” produziu.

Em análise:

Nada de muito extraordinário no fragmento em que Adriano conta as peripécias de uma viagem num velho Prefect (para os mais novos: era um carrinho menor do que o menor dos carrinhos, coisa de pobre mesmo, idos de 1950, coisa assim).

Vir pela rua, com o pai direcionando a viagem, a mãe no banco de trás, como boa nordestina, com uma récuca de meninos, até aí está tudo muito dentro do trivial. Ainda no trivial, é de se aceitar surja, a certa altura do trecho, um pião e seu respectivo moleque na ponta do barbante. As ruas estão mesmo cheias de moleques e seus piões — alguns fumam craque, outros roubam para sustentar a mãe, aqueles outros sobem num balde para alcançar um pára-brisa — e uma nova safra deles está sempre a se formar (poemas meus *Compadre-primo* e *Menino do balde*).

Mas, o nome?

Quem o moleque? Quem o Tempo? O nome esvaído nos desvãos da memória sofrida. E o abismo:

*Tenho agora ímpetos de chamar o tempo
pela janela do Táxi. Gritar seu nome.*

*(Qual seria?
Deus?
Respiração-da-matéria?
Substância-de-todas-as-coisas?)*

Com que letra começaria?...)

O estimado leitor sabe?

Por favor, abra a *Biblioteca da Babel*, dentre todos aqueles volumes abra um qualquer, basta um nome — ou nenhum —, ligue urgente, ligue para o poeta: (021) 227-0557. Depois para mim. A cobrar!

Quando li *Táxi* a primeira vez, e no correr da leitura me deparei com este episódio, me esbarrei de cara no abismo infinito da beleza cósmica e parei por uns minutos de ler. Fui à geladeira, retemperei a garganta e o espírito e tentei-me restabelecer de volta à planície, porque, momentos antes: não havia mais tempo!

E finalmente, desta série que espero continuar (e convoco os exemplos dos caros leitores), este aqui:

Pantomima

*Os melhores cordeiros da fazenda
seguirão para o abate na cidade.
Os carneiros mais fracos do rebanho
serão sumariamente degolados.*

*O bode velho vai pro sacrifício,
por mais que seu olhar peça clemência.
Nem mesmo as cabritinhas inocentes
terão misericórdia ou esperança.*

*As carnes assarão ao sol: fogueira.
As peles secarão ao sol: curtume.
As vísceras suarão ao sol: carniça.
Os ossos sumirão ao sol: poeira.*

*Somente a ovelha negra fica impune
... enquanto o bom pastor toca sua flauta.*

O seu autor, outro boi, mas não tão velho, pois poeta estreante, Fiat Brey, Edições Papel em Branco, 1996, o baiano Luís Antonio (sem acento no "o", mas se pronuncia Antônio mesmo) Cajazeira Ramos, mas boi, extraordinário boi-poeta, daqueles bois etruscos capazes de aluir os arados de Hércules..., também não sabe a força que tem (... ou sabe?)!

Lembro-me de quando li *A Colônia Penal*. Releio-a sempre. Espanto-me ali com a naturalidade do mal, a apologia do mal, os tons proféticos ali contidos, com uma antecipação de várias décadas de tudo aquilo por que tem passado o Homem deste século.

Li também o *Diário* de outra jovenzinha, Anne Franck, e vi a Lista dos escolhidos (Spielberg), Schindler.

E meu assombro em nenhum desses lances foi maior do que ler o poema de Luís Antonio, porque o poema "epigrafa", na terceira estrofe, todas as imprecações bíblicas dos profetas ditos maiores (*Ai de ti, Babilônia, a grande prostituta!*): Jeremias, Ezequiel e outros loucos de menor porte.

Ainda na terceira estrofe, como se fosse um Vale dos Ossos, a visão aterradora do mesmo Ezequiel, em 37, 1-14, sob a imprecação de 21,13:

*A espada! A espada está afiada e polida;
afiada para executar uma matança;
polida para que lampeje como um relâmpago!*

Mas o poema, como os demais da série "da Besta", se inicia "enganador", para surpreender, para abismar no final. Vejamos:

*Os melhores cordeiros da fazenda
seguirão para o abate na cidade.*

Aparentemente, um poema de "abastecimento", um poema "sunabeano", para usar uma sigla dessas muitas repartições brasileiras que nada fazem e constantemente a cada novo escândalo mudam de nome: COAP, SUNAB, CONAB, etc., e que dizem cuidar de mercadorias e mercados.

*Os carneiros mais fracos do rebanho
serão sumariamente degolados.*

Ainda está no tom de abastecimento, pecuárias, agrícolas, essas coisas de mercados e afins. Afinal, os pintainhos, na grande criação de frangos de corte, os mais fracos, são mesmo eliminados assim que eclodem.

*O bode velho vai pro sacrifício,
por mais que seu olhar peça clemência.*

Continua no ramo dos negócios agropecuários. Por que conservar comendo capim e gastando vacinas um velho bode que não mais dá conta das cabras?

*Nem mesmo as cabritinhas inocentes
terão misericórdia ou esperança.*

Muito razoável, mais uma vez. Nas granjas de leite, os "bezerrinhos-machos" são sumariamente eliminados, pois a fecundação é pela via artificial, e só uns entre milhares serão touro. Ingloriamente touros que jamais cobrirão uma "fêmea-vaca": cobrirão um engodo de feltro, com aparência de vaca e cheiro de vaca, quando o veterinário sorrateiramente lhes extrairá o sêmen para a propagação da raça. Só as "bezerrinhas-fêmeas" permanecem nessa sociedade estranhamente matriarcal que é uma granja de leite!

Finalmente, não sem antes nos fazer passar pelo Vale dos Ossos, de Ezequiel, diz-nos o poeta Cajazeira Ramos:

*Somente a ovelha negra fica impune
... enquanto o bom pastor toca sua flauta.*

E o poema, de agropastoril, se transmuda, mercê o abismo em que jaz e de que nos chama para dentro, numa Ode do Século XX, este Século-das-Trevas, e de trevas mais outras.

As cabritinhas, *negras como a noite, horrendas a dançar*, nesta Guernica ressurrecta que são as terras d'Angola pulverizada de minas-bombas, braços, pernas, olho, dente, cabeça arrancados... E mais uma vez O Navio se reescreve no solo pátrio daqueles irmãos de sangue e língua.

Porque os *melhores cordeiros* são os jovens que *amavam os Beatles* e os *Rolling Stones* e foram ao suadouro dos eternos Vietnãs e Afeganistãos, americanos e russos deste século.

Os *cordeirinhos* são os infantes mortos de fome em minha terra — Francisco, quatro anos, que morreu perguntando à mãe se no Céu tem pão (poema meu *No céu tem prozac!*).

Aldo Moro é um dos milhares de *bodes velhos* (Federico Garcia Lorca também, não tão velho, na guerra civil espanhola), na unha implacável das Brigadas Vermelhas, na terra de Júlio César e de Cícero, ambos também assassinados.

E os ossos sumidos ao sol: a poeira, nesta terça-feira-de-cinzas, aliás de Carnaval, pois amanhã bem cedo, caro leitor, quando o sacerdote de Cristo nos fizer a cruz no alta da testa, suas palavras serão:

... *et in pulverem reverteris.*

— ao pó de nossas peles secas ao sol.

Tenho mesmo é que me assombrar com o poema de Cajazeira. Para mim, o poema do século e sobre o Século.

Nenhum outro, em simples quatorze versos de um soneto metricamente perfeito, retratou com tamanha ansiedade, abismo e espanto o terror deste século pleno de "bons pastores", que foram um tal Pol-Pot que dizem assassinou 4 milhões de cambojanos; ninguém se iguala ao outro "bom pastor", Adolf Hitler, nem a Stalin, nem a Fidel Castro, nem a Franco, nem aos Pinochets de direita ou de esquerda que estão, em nome do BEM — eles sempre dizem que estão do lado do Bem, eles sempre dizem isso —, a tocar a sua flauta doce para destruir e horrorizar. Pantomima??

(Ah, bodes velhos. O flautista seguinte jamais é clemente... E a flauta da exigüidade: nunca há-de haver mais tempo!)

Finalmente — não consigo encerrar estas linhas sem retornar ao poema da vampira que teve nenê.

Por que o Cristo foi escolher um estábulo para nascer, quando, por certo, dispunha de camas mais confortáveis na Galiléia?

Estaria Ele renascendo agora na Maternidade do Amapá, onde as

crianças morrem à míngua, ou na Maternidade-Escola (?) Assis Chateaubriand, em Fortaleza, CE, Brasil, onde em poucos dias morreram 54 crianças de infecção-sujeira hospitalar e os mais fracos são escolhidos para morrer mais rápido?

O Anti-Cristo, onde Ele nasce(u)(rá)?

Não há mais tempo!

Salvador, 11 de fevereiro de 1997.

Soares Feitosa

Notas sobre os poemas "da Besta":

1. O primeiro, *Os Castellos*, de Fernando Pessoa, é o poema inicial de *Mensagem*.
2. O segundo, *O Homem da Cadeira de Balanço*, de Horácio Didimo, Fortaleza/CE, 23.3.35 (in **Assis Brasil**, *A Poesia Cearense no Século XX — Antologia*, Imago, pág. 162).
3. O terceiro, *Casa Mal-assombrada*, de Maria Fernanda Mendonça Costa, Dois Córregos/SP, oito anos de idade (in *Folha de São Paulo*, 1.1.97).
4. O quarto, *Táxi* (fragmento), de Adriano Espínola, Fortaleza/CE, 1.3.52 (in **EM TRÂNSITO**, Topbooks, págs.48/49).
5. O quinto poema, *Pantomima*, de Luís Antonio Cajazeira Ramos, Salvador/BA, 12.8.56 (in **COMO SE**, Edições Papel em Branco, no prelo).
6. Esses e outros poemas no *Jornal de Poesia*, Internet.



APÊNDICE II
JORNAL DE POESIA

Manifesto

Nas calendas de junho de 1996, navegava eu pela Internet à procura de poesia de língua portuguesa. Esbarrei num sítio muito interessante: *Portugalnet*. E nele, dentre muita coisa boa referenciada, uma informação sobre uma biblioteca eletrônica, a *Biblioteca do Alex*, que então teria uma disponibilidade de 2.000 volumes prontos para ler pelo computador.

E uma informação: nenhum em português!

Cliquei Castro Alves nos buscadores mundiais e brasileiros (*Cadê* e *Yahih*), ninguém sabia quem era. Também não sabiam de Camões. Nem de Gonçalves Dias. Nem de Augusto dos Anjos. Nem de Jorge Lauten, poeta contemporâneo, uma voz distante num Timor Leste esmagado. Nem dos poetas negros da África negra de onde viemos.

Naquele exato instante, surgia de dentro do chão o *Jornal de Poesia*, um sítio de língua portuguesa para o mundo. Assim foi, assim é.

E hoje, 13 de dezembro de 1996, sete meses após a sua fundação, o *Jornal de Poesia*, em homenagem aos poetas de língua portuguesa do Terceiro Milênio, cria a página de poesia infantil.

Planta-se o distante.

Este jornal tem por finalidade principal divulgar, pela Internet, a poesia de língua portuguesa.

Aqui você encontrará páginas de poetas consagrados, de Camões a Castro Alves, e, em especial, dos poetas novos, inclusive daqueles que nunca tiveram a chance de publicar qualquer coisa. Encontrará também artigos e ensaios sobre teoria poética e literatura de um modo geral.

Será como que um grande armazém de poesia, um crescente banco de dados para acesso e consultas do mundo todo. Se você deseja reler um poema que não encontra mais, passe-nos um *e-mail* que, provável, será encontrado e aqui divulgado. Tem propósito este jornal de funcionar também como uma cidadela contra o esquecimento: poetas como Carlos Gondim, cuja obra está em vias de desaparecimento, terão aqui uma chance de restauração.

Mande sua colaboração. Participe, e com críticas também. Nada cobramos, nada pagamos. Aliás, cobramos e pagamos em moeda alta: o preço da alma, eterno tributo e resgate da Poesia.

A emoção?

É digitar um *Navio*, atualizar-lhe a "orthographia" de um livro velho, relê-lo numa glote-espinho como se o recitasse aos berros..., cadastrá-lo no buscador *Altavista* que não sabia de Castro Alves. E em seguida clicar Castro Alves... e esperar a ampulhetinha em cambalhotas..., o coração como quem pega um canário com as mãos (o do canário!), e o *Navio*, depois de alguns segundos extraídos da eternidade, como um corisco selvagem que ninguém sabe donde veio, riscar a seus pés em Teresina, em Tóquio, em Cingapura, em qualquer aldeia africana ou no Inferno, se lá tiver um computador e um telefone — e com toda a certeza que tem!

É também receber um *e-mail* de um português informando que lera o *Navio* e que Castro agora circula em Portugal!

'Stamos em pleno mar!

Soares Feitosa, aprendiz

Notícia 1

Receber um telefonema de um fiscal do imposto de renda é coisa que em geral não se vê com bons olhos. Mas, quando esse fiscal é também poeta, como no caso do baiano Soares Feitosa, a coisa muda de figura.

Ele, que não é meu amigo, ligou para avisar de um trabalho que tem feito na Internet. Trata-se do *Jornal de Poesia*. O endereço é www.e-net.com.br/seges/poesia.html. O *e-mail* é seges@e-net.com.br. Complicação, esses endereços. Fui ver. A surpresa é imensa.

Você encontra ali textos de 1000 (mil!) poetas de língua portuguesa. Na tela do computador, oferecem-se ao leitor as obras completas de Augusto dos Anjos, de Fernando Pessoa ou de Gerardo Mello Mourão. Você também pode escolher uma letra qualquer, e aparece uma lista dos poetas com textos disponíveis.

Só na letra A, encontramos: Adelaide Lessa, Adélia Prado, Adalgisa Nery, Adolfo Casais Monteiro, Adriano Espinola, Afonso Cautela, Agostinho Neto, Albano Martins, Alberto de Oliveira, Alda do Espírito Santo, Alex Bartalotti, Alex Polari, Alexandre O'Neill, Alphonsus de Guimarães. Puro por aqui e só citei um terço, mais ou menos, dos nomes da letra A.

Poetas brasileiros, portugueses, angolanos, até de Guiné-Bissau e do Timor Leste se encontram representados. Um dos bons efeitos dessa iniciativa é que ajuda a romper com nosso preconceito de leitores. Não custa nada experimentar um nome desconhecido, alguém cujo livro jamais abriríamos, e ler uma amostra de sua produção.

Também surge, entretanto, um efeito meio esquisito, pelo menos para quem não está muito acostumado ao computador e à Internet. É que as estrofes, os

poemas aparecem em bloco na tela, como se pedissem, de nossa parte, uma leitura rápida, um *zapping*.

A Internet, com sua imensa oferta de informações, e a flecha do computador, na sua vertical corrida de letrinhas à nossa frente, levam, pelo menos hoje em dia, a um tipo de leitura apressada, frenética. Muito diversa da página do livro, em que cada poema se inscreve imóvel, como que eterno; parado, e não descartável, substituível rapidamente uns *bytes* por outros.

Já se falou muito sobre o futuro do livro, sobre sua provável decadência frente ao computador. Nelson Ascher, em *Pomos da Discórdia*, escreve um artigo sensato a esse respeito. Para muitas coisas, o livro, o lápis e o papel continuam a ser mais práticos. Ler na cama ou no banheiro não é muito fácil se só se usa um *laptop*.

Mas, se o livro não está em decadência, uma coisa é certa. As livrarias de São Paulo estão. Seria muito difícil encontrar um décimo, um vigésimo dos poetas do *Jornal de Poesia* em qualquer grande livraria brasileira.

Cada vez mais, as livrarias se limitam aos lançamentos, e é raro toparmos com um estoque imprevisto, com alguma coisa que por acaso nos encante. Entramos numa livraria como num açougue, numa farmácia, à procura de algo específico; até num supermercado, é possível encontrar coisas menos esperadas, que nos façam consumir com mais gosto.

Marcelo Coelho

(in Folha de São Paulo, 20.11.96)

Notícia 2

Um projeto cultural de envergadura, que a Universidade brasileira ainda não empreendeu, foi elaborado e está em execução por um escritor idealista, o poeta Francisco José Soares Feitosa, cearense radicado em Salvador. É o *Jornal de Poesia*, que faz parte dos clientes da *e-Net*, na seção de *Jornais Pessoais*, e pode ser acessado também pelo *Yahoo*, *Altavista*, *Cadê* e *Yaih*, que são os catálogos de busca na Internet.

Ambicioso, o jornal pretende reunir textos e informações de mil poetas brasileiros e estrangeiros, antigos e atuais, além de artigos, depoimentos e textos de crítica literária. Já estão no ar poemas de Camões, Castro Alves, César Coelho, Juarez Leitão e Florisvaldo Mattos. Em espanhol, francês e alemão, o interessado encontrará Edgar Poe (poesia e prosa), Shakespeare (idem), Lorca, Hölderlin, Pound, Rimbaud, Rilke, Elliot, Emily Dickinson, Yeats, Borges, Neruda e Whitman, por enquanto.

"Isso já não é um sítio (*site*, em linguagem da Internet). É um latifúndio", comentou um dos frequentadores/leitores do jornal. Além de poetas (e eventualmente prosadores, entre os quais os críticos Wilson Martins, Hélio Pólvora e Aramis Ribeiro Costa, já incluídos), a *home page* de Soares Feitosa oferece aos

"navegadores" seguras ancoragens em jornais como a *Folha*, *Jornal da Tarde*, *Estado de S. Paulo*, *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste*.

Com iniciativas desse porte, os escritores brasileiros inauguram uma nova era de leituras e divulgação, para compensar o espaço reduzido de que dispõem nos jornais impressos e vencer obstáculos editoriais. Às reduzidas tiragens de livros, correspondem, nas edições eletrônicas, milhares de usuários. No caso do *Jornal de Poesia*, vale assinalar que o projeto partiu da Bahia, e num momento em que a vida e a produção intelectual aqui se revitalizam.

A WWW (World Wide Web) parece assegurar aos navegadores literários, autores e leitores, um acesso nem sempre possível por meio do livro. Algumas desvantagens do livro, que circula mal no Brasil — o que privilegia escritores de duvidosa importância e exige espaço para um acervo crescente —, desaparecem, como que por encanto, quando o "micreiro" entra na Rede. Ele pode copiar textos e figuras, para deixá-los no vídeo, ou preservá-los em disquetes para futuras audiências e consultas.

Outro aspecto importante a ressaltar no *Jornal de Poesia* é o preço cobrado em moeda alta, como diz o seu *Manifesto* — a moeda do intercâmbio, da amizade, sem mais nada. Age-se por necessidade de comunicação e por impulso pedagógico. Com o seu caráter multidisciplinar em Letras, o jornal oferece a matéria viva, promove o debate através da correspondência eletrônica e reabilita valores culturais postergados, como sejam a literatura de cordel e o haicai. *Jornal de Poesia* estava já no número 6, no final da semana anterior.

Entusiasmado com o projeto, em crescimento diário, o poeta Soares Feitosa promete novos desdobramentos. Para isso, conta com dois auxiliares e a colaboração de amigos escritores que, como ele, se conjugam em vários tempos e modos, no esforço de fazer cultura, transmitir cultura e dar sentido à Vida. Nem tudo está perdido: ainda temos idealistas e trabalhadores.

Hélio Pólvora

(in *A Tarde Cultural*, 22.6.96)

Dois Córregos: a Cidade dos Poetas

Cidade localizada a 270 km a noroeste de São Paulo desenvolve o projeto *Usina de Sonhos*, levando 3.500 crianças a escrever poemas; trabalhos são reproduzidos em muros do hospital, da igreja e da delegacia e no jornal local. Tom Jobim disse uma vez que a inspiração para as suas canções não vinha só de praias cariocas, mas também de cidades do interior como Dois Córregos, onde seu avô foi criado. A Dois Córregos de Jobim era conhecida por "Cidade Amizade". Hoje é a "Cidade dos Poetas".

Atualmente, 3.500 crianças escrevem poemas na cidade, de cerca de 30 mil habitantes. A mudança foi resultado do projeto *Usina de Sonhos*, criada pelo

usineiro José Eduardo Mendes Camargo, 47.

Há um ano e quatro meses, o presidente da usina Santa Adelaide e poeta amador construiu a estrutura da “fábrica de sonhos”. O projeto estimula a criação poética a partir da formação de professores de escolas públicas e particulares. Atualmente, 70 mestres “ensinam” os caminhos da linguagem poética em sete escolas da cidade (270 km a noroeste de SP).

As composições das crianças não são lidas só pelas professoras e pelos familiares. Poemas foram pintados em muros de lugares centrais da cidade, como a igreja, o hospital e a delegacia, e também são reproduzidos em jornal local.

Depois de pular o muro da escola, o projeto cruzou as fronteiras da cidade, do estado, do país. A Unesco “apadrinhou” o projeto, o ministro da Cultura, Francisco Weffort, prometeu colaborar e a secretária estadual da Educação, Rose Neubauer, definiu o *Usina de Sonhos* como “a menina dos olhos” da Secretaria.

Segundo o delegado de ensino de Jaú, Aguinaldo dos Santos, responsável pela região dois-correguense, dez cidades da região estudam a implementação do projeto.

A poesia rimou com as boas notas. De acordo com Santos, o aproveitamento de escolas de Dois Córregos em testes de língua portuguesa da Secretaria da Educação aumentou de 4% para 86% depois que o projeto foi implementado. Reconhecidos nos boletins, os poetas de Dois Córregos foram premiados em São Paulo. Dois concursos estaduais de poesia, um em 1995, outro em 1996, terminaram com dois habitantes da cidade entre os quatro primeiros colocados.

“O objetivo não é descobrir um Drummond”, diz José Eduardo, “mas desenvolver uma geração de pessoas criativas”.

Maria Regina Zorzella Napolitano, coordenadora do projeto, conta que algumas crianças gostam tanto dos exercícios de criação que visitam a casa dela todos os dias com poemas debaixo do braço. “Trouxe mais um, dona”, dizem. Segundo Maria da Graça Abreu, a outra coordenadora, o objetivo de oferecer poesia a essas crianças é fazer com que elas se reconheçam no cotidiano.

De certo modo, o dia-a-dia da cidade já esteve vinculado à poesia antes da *Usina de Sonhos*.

Dois Córregos pode se transformar em um pólo mundial de poesia em 1998. O poeta chileno Raul Zurita visitou a cidade no ano passado e se encantou com o projeto. Zurita idealizou um encontro mundial de poetas, nos moldes do que acontece anualmente em Medellín — considerado o mais importante do mundo. O chileno chegou a apresentar o projeto na cidade colombiana e recebeu a garantia de presença de nomes como o também chileno Antonio Skármeta, o autor de *O Carteiro e o Poeta*, e o japonês Gozo Yoshimasu. Alguns vencedores do Prêmio Nobel de Literatura, como o colombiano Gabriel García Márquez, já manifestaram interesse em visitar Dois Córregos.

Cassiano Elek Machado

(in Folha de São Paulo, 1.1.97)

Oficina

Indagava-me o poeta brasileiro, Carlos Figueiredo da Silva, pela Internet, (carlos.fsilva@u-netsys.com.br): “A Poesia — o que é?”

Dizia ele: “Minha idéia é que a poesia é o que vai além. O que você acha? Qual é a sua idéia? Novalis dizia que a poesia é o real absoluto. Uma espécie de cartografia. Talvez esse seja o campo da ciência. Por hipótese, imaginemos que existam três níveis de conhecimento. O conhecimento natural, comum a todas as coisas, o que tudo sabe — esse conhecimento não tem consciência de si, é o que eu e a pedra somos; podemos chamá-lo de conhecimento xamânico. O conhecimento científico, consciente de si, que sabe o que sabe. E o conhecimento poético, que faz surgir, que vai além.”

Ao que respondi: Minha idéia é que a poesia é o que vai além, para aproveitar suas palavras, poeta Carlos, ou, ainda, nas palavras do extraordinário poeta Novalis, é o real absoluto. É, por certo, o que vai além; porém, em cima do passado, por sobre os escombros do passado. (Depois que você ler *Format Cê Dois Pontos*, que hoje lhe remeti pelo correio, verá que eu digo que a poesia é sobretudo “reconstrução”).

A grande poesia, na grande literatura, é feita de “epígrafes”, não no sentido da citação, da cópia servil, da mera colagem. Mas há que epigrafar o sol, as auroras, os respectivos galos madrugadores. Veja este poemeto, meu, feito quando do lançamento da página de poesia de e/ou para crianças no *Jornal de Poesia*.

Sabe você, caríssimo poeta Carlos Figueiredo, que nossos filhos, nossos netos, já lhes nascem os dentes na frente de um computador. Como recepcioná-los? Ao poeta que está, neste exato instante, deixando de morrer, talvez único sobrevivente numa maternidade imunda, ou numa rede miserável, vagido solitário gloriosamente *superstes* (escaparás às estatísticas dos perecidos, ó Poeta infante!), dos países em atraso, inclusive o nosso.

E aqueles outros que sequer foram gerados?! Eles não existem? Claro que existem, sempre existirão.

Veja como os recebo no seu *Jornal de Poesia*:

ONDE ESTÃO OS POETAS DAS NOVAS ÁGUAS ?

ELES ESTÃO
DENTRO DOS ABISMOS DA TERRA
QUE OS CUSPIRÁ DE VOLTA!

OCEANO, OCEANO,
Ó GRANDE REI DOS SORVEDOUROS,
OS QUE ESTÃO POR NASCER TE SAÚDAM!!!

Veja, Carlos, as novas águas “epigrafam” águas antiquíssimas, inclusive aquelas outras sobre as quais pairava o espírito d’Ele (*Gênesis, 01,02*). Epigrafam,

igualmente, o futuro, o ciclo pleno da água: a chuva, a evaporação, a chuva outra vez e sucessivas evaporações; e tudo se renova nesse ciclo extraordinário que chamam *Quatro* (Vivaldi) *Estações* e que aqui só temos duas... e se quando chove...

Daí porque, me perdoem os ecologistas, vale derrubar a floresta para o pátio e para a estrutura da biblioteca de Paris. Vale igualmente queimarem-se todos os livros de todas as bibliotecas..., reescrevê-los nos papéis de novas árvores que sempre as plantamos ou que a gralha distraída perdeu o pinhão das araucárias às novas chuvas.

Requeimá-los em seguida, aos livros e às bibliotecas, com todos os Giordanos e todas as Joanas, bibliotecários Jorges inclusos..., assim tem sido, em todos os *Echos*! Que o digam os povos do Novo Mundo queimados e requeimados — e continuam.

Vejamos o poemeto:

Eles estão dentro dos abismos: a força épica, caro Carlos, outra epígrafe fantástica, os abismos, os longes, os desconhecidos, os intangíveis, os sepulcrais, os elementares — onde? — quem é que sabe?!

Da Terra que os cuspirá de volta: Goethe, “pois a terra os gera de novo, como sempre os gerou” (*Fausto*, II, 3.3), e aqui mais uma vez se epigrafa um mundo de cultura sedimentada: a renovação dos poetas, eles, os novos, os esperados, os *assignalados*, sempre por sobre os escombros e as belezas de Tróia e de Hesíodo!

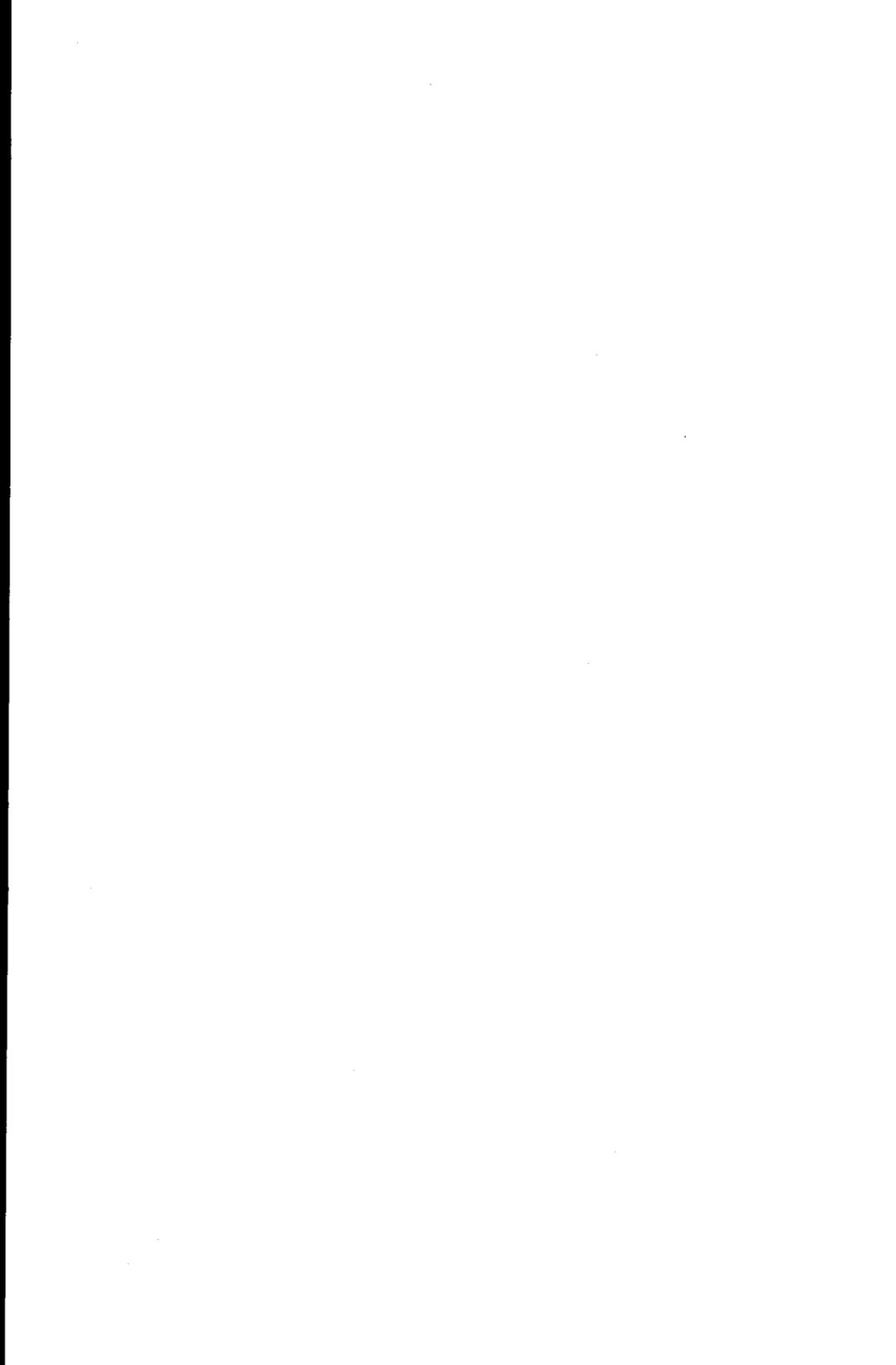
Oceano, Oceano: outro canto épico, os mistérios do Mar, o mar brutalmente mar, o *ritornello* às águas iniciais do poema. A certeza de que todos somos seres marinhos, a ameba inicial no caldo das águas mornas do planeta primevo. Ao Mar, ao grande oceano, sempre retornando ao pó que não apenas pó, mas muito mais água, aquosamente água, águas imemoriais que se renovam em todos os fluxos.

Morituri te salutant: Nem está no poemeto, mas é como se estivesse, os poetas que estão por nascer, alguns sequer “trepados” de pai e mãe, e o Oceano, eterno rei dos sorvedouros, pronto para recebê-los e ser por eles saudado, assim que se lhes cumpram os ciclos, aos recém-chegados. “Ó velho oceano, eu te saúdo!” — também está “epigrafado”.

E por que não? Tenho que incluir meu grande poeta José Alcides Pinto, Santo e Louco — teria eu imensa dificuldade de lhe escolher a patente maior, se mais Santo ou se mais Louco —, quando vaticina: “um e único — mar/ oh soberano rei dos sorvedouros”. Finalmente, Eliot, para nos dizer que os poetas se encontram.

Nestes sete versinhos, aparentemente simplórios, singelos, só aparentemente, epígrafes tremendas, de Princípio e Fim, não necessariamente nesta ordem.

‘Stamos em pleno mar!



APÊNDICE III

ECOS DA CRÍTICA E DA GENEROSIDADE

Adelaide Lessa: *Psi, a penúltima:* aprendeste muito com Jó e Luther King. Lambeste os pés dos *Migrantes* de Portinari e vieste a mim num pau-de-araça. Limpaste a minha casa. Ajudaste a lavar e a vestir minha mãe velhinha, cega e paralítica. Somos amigas de longa data e de antes desta vida na terra. Raposinha querida, nordestina, cearense, de Acaraú ou de Jericoacoara, ciosa de teu brasão de Dignidade e Honra, somos iguais, duas irmãs, filhas de DeusMãe. Minha gratidão ao poeta. Muito emocionada para continuar com esta carta, grata demais.

Adriana Lustosa: *Como te dizer?!
Rio-me
se passas...*

*Tomo-te
com os olhos (d'água)
e viras fonte.*

*Tomo-te
com os braços
e viras lago.*

*Tomo-te
a te soltar por dentro
e fico inerte...*

À primeira vez que li Soares Feitosa (*Thiago*), senti vontade de morrer, queria uma chance de nascer de novo: a poesia me comoveu no mais profundo das águas e me fez poeira de tudo o que eu sabia. Preciso de *Thiago* e das fontes de *Thiago*; preciso da poesia como da vida que me vive. Onde encontrar? No *Siarah*? No *Almazona*? Na solidão das águas ou no umbigo da terra? *Stamos em pleno mar*, foi bom avisar: é possível navegar.

Ariadne Quintella: Palavras, vazios, sinais, signos, simbolismos, idéias: elementos presentes na poesia de Soares Feitosa, que em diferentes momentos se desloca no espaço e se aproxima do romancista, que moldou a expressão poética ocidental. Foi aos 50 anos que esse autor despertou para a literatura, através da poesia. Nela, o cruzamento de imagens que, após passar por um demorado processo de maceração, brotaram de repente sem que o autor se apercebesse. Não importa buscar qualificações para a composição poética de Soares Feitosa. Oportuno mesmo é descobrir o que se esconde lá dentro, numa miscigenação de idéias, quase sempre carregada de simbolismo e que revela os seus valores.

Belchior Joaquim da Silva Neto, Dom: Escreveu o bispo de Afogados da Ingazeira que a obra de Soares Feitosa "é poesia de criar escola". Eu vou mais longe: sua obra poética vem abrir a cortina de uma nova literatura. Se Fernando Pessoa despertou, em Portugal, a loucura camoniana de um novo espírito literário; se aqui no Brasil, no campo da prosa, surgiu um Guimarães Rosa revolucionando a nossa literatura, Feitosa destemperou de vez o formalismo literário do passado e abriu caminhos novos na inspiração explosiva de poemas fortes, como *Siarah*, com seus 14 cantos, que mexem com a alma do leitor; como *Psi, a Penúltima*, a

espadanar cultura e sensibilidade nos seus 9 cantos; e no *Compadre-Primo*, com seus 9 cantos também, a exalar cheiro de mato, o gostoso cheiro do sertão, com suas rezas e paçoquinha.

Carlos Nóbrega: *E a visagem à frente
dá-se em catarata
como se fervesse
o que de fato ferve.*

*Pois
o que cantar
de avara lira
de musa tão magra
de tão pó as rosas ?*

*Perguntem ao Feitosa
que retira lírios
dos olhos das cobras.*

César Coelho: A poesia de Soares Feitosa é forte, bela, autêntica e encantadora. Fico empolgado quando passo a ler e reler seus magníficos poemas. De repente, luz; entro no mais elevado clima espiritual. A sua poesia vem do êxtase mais profundo. O poeta é iluminado e mágico em todos os temas da vida. Penetrando agora nos segredos e mistérios desta poesia, vejo com maior clareza porque Gerardo Mourão ficou tão intensamente encantado com o fantástico autor de pérolas poéticas como *Convite à Saudade*, *Panos Passados* e *Convite à Flor*.

Cussy de Almeida: Chamou-me, sobretudo, a atenção a ousadia da forma e o ritmo, pleno de musicalidade — retirado talvez do particular lirismo dos aboios e acalantos que provavelmente povoaram a infância do poeta. Ou, quem sabe ainda, inspirado em mestres como Verlaine, ao afirmar que a fórmula *ut musica poesis* deve ocupar não só a mente, mas o coração de todo poeta. "... música, antes de tudo", dizia o soberbo escritor francês.

Dimas Macedo: Soares Feitosa está no mundo. Tem o mundo seguro nas mãos. Faz o sertão brilhar diante de uma tela e aí também canta a tela e o conteúdo e a forma da tela. Um autêntico milagre no universo da poesia. Eliot, Pound, Kavafis, Lorca e Mello Mourão estão encarnados nele.

Diná Sampaio Faria Gasparini: A alma de Soares Feitosa extravasou e o fez poeta. Se a água secar, há que buscá-la de novo, custe o que custar! Não só de água física vive o homem: nem aquele que escreve, nem aquele que lê. Eu não teria coragem de citar Exupéry se o poeta, ele mesmo, não o tivesse feito. Mas, aquela frase..."Tu te tornas eternamente responsável por aquele que cativas", dita até pela Comadre, sinto ter que dizê-la. Não lhe será mais permitido ser o velho Feitosa. Todos os "cativos" lhe cobrarão. Inclusive eu.

Dora Ferreira da Silva: Este livro carrega no seu bojo imantado a vida, o amor, a tristeza, a alegria, a ternura. Além-literatura, trans-literatura, criatura de Deus! É uma arca ao abismo deste limiar. Pronto, atravessa-se o mar e chega-se ao milênio. Por que não se reparte o pão aqui na Terra mesmo? Falta o dom, o gesto de repartir antes do céu. Mas virá! Pode acontecer, e as mesas terão mãos que repartem! Feitosa é poeta-sacerdote atravessando a noite dos deuses, como disse

Hölderlin, e o disseram maluco. Dionisos pastoreando o desnordeado rebanho. Abraço esse poeta de um novo Começo. Amém.

Emílio Burlamaqui: Como o Millôr, também fiquei pasmo com essa reinvenção da poesia. Seria reinvenção, ou seria a própria Poesia "en traje de luces"? Poeta e Poesia — enigma do qual não ousa me acercar. Trazer a amplitude infinita do sonho para o parco código das palavras e lançá-las em ação por meio da poesia, eis a arte que só os iniciados, poucos, dominam. Feitosa é um deles!

Fernando Py: O mínimo que se pode falar acerca desse poeta é que é grandemente criativo. Parece exsudar sua poesia naturalmente, como um rio brota do olho d'água minúsculo no seio da terra. E, como a água do rio, cresce e se avoluma, não raro se encorpando com outras águas que se lhe juntam. O poeta igualmente faz crescer sua poesia, torna-a caudalosa, com a incorporação de textos outros, com o desenvolvimento do seu estro, semeado de sua erudição, tudo concorrendo para um conjunto maciço, onde a criatividade gráfica vai de par com a criação poética propriamente dita. Sua veia caudalosa, verdadeiro cântico, exige um discurso substancial; seu canto não se limita, é muitas vezes incontido, sem quaisquer peias, solto na página, solto na imaginação, de natureza totalizante; um poema que busca na terra, nas raízes de sua gente, telúrico e social, os motivos mais lídimos de sua expressão. Caudaloso e popular, erudito e atualizado quanto às conquistas da informática, sua poesia bem merece o epíteto de poesia épica, já que é um canto geral de cultura e civilização. Vem, neste fim de século, lançar uma luz de esperança na poesia brasileira do próximo milênio. Vale.

Francisco Austregésilo de Mesquita, Dom: Lamento que só agora a poesia haja explodido em Feitosa, com tanto ritmo e beleza, tanta simplicidade e erudição. Porém, mais vale tarde do que nunca. E valeu e vale. Sua poesia é bonita e original. Bela na forma e na idéia. Arrojada nas imagens e de alto sentido social. Em favor da vida para todos e contra a fome e a miséria. Regional, marcada pelo Nordeste, especialmente pelo nosso Ceará, e universal, com raízes na história e na literatura dos povos. É poesia de criar escola.

Francisco Brennand:

*Quando Soares Feitosa
desvendou o mistério da prematura
morte dos jovens*

(só eles sabem morrer com dignidade)

*sua voz distanciou-se
no prado metálico
da velocidade, com
a mesma pressa das parábolas
do Cristo — na interpretação
Mateus & Pasolini.*

*Não tinham tempo a perder.
Não havia pausa
nem Piedade:*

antes configurava-se o Eterno!

Francisco Carvalho: Confesso que, ao me defrontar com o poeta pela primeira

vez, fiquei um pouco desconcertado com a sua ostensiva empolgação de noviço na arte literária. Mas, ao percorrer os densos volumes de sua obra poética, não me foi difícil compreender que aquela empolgação se fundamentava na convicção de quem acabou de decifrar os enigmas cruciais de um destino talhado para as peripécias da poesia. De outro modo, não se compreende que um homem dedicado às atividades comerciais, envolvido com todas as implicações inerentes a essa forma de vida, passasse, de repente, a produzir uma interminável constelação de poemas, como que tomado de um furor poético e como se os tivesse guardado, durante todo esse tempo, nos subterrâneos da alma e do coração.

Geraldo Oliveira Lima: Seus poemas têm duas conchas: uma universal, outra local. A amplidão cósmica, sem retirar os pés da terrinha, cantando a gesta da gleba cearense numa linguagem cifrada pela pujança, a força e a sedução de um barroco redivivo.

Giselda Medeiros: *Mas, escuta, Poeta: hás que saltar sobre o abismo,
para alcançar o vale,
e irrefutáveis serão a insônia, a fagulha, o incêndio.*
*No entanto, Poeta,
o importante é que sempre
haverá um amanhã.*

*E nele repousarás teu olho agônico,
porta e ferrolho,
enclausurado o eterno!*

João Bosco da Encarnação: Em Feitosa, a religiosidade (até em sentido amplo) faz bem. É um pulsar do Universo captado por esse Universo interior. É harmonia, é paz. Numa palavra russa, é "mir"! Mas, uma coisa intriga: a vertente nordestina. Essa literariedade da vida do Nordeste, tão bem demonstrada em *No Céu tem Prozac* e em *O que digo entre as flores?*! Precisáramos — os não nordestinos — de muita capacidade para alcançá-los. O autor tem essa consciência, ao se voltar e homenagear justamente suas raízes, como o faz em *Thiago*. É verdade mesmo que só começou a escrever aos 50 anos? É de assombrar!

Joel Marques de Souza: É a glória do artífice exibindo hoje seus apetrechos, há tanto tempo, mais de quarenta, tão zelosamente guardados? Ou, diriam os seguidores de Freud, é a criança refletindo-se no adulto, à vida inteira? Ou, no dizer frio e intelectualizado dos sociólogos, é o meio produzindo o homem? Até que poderia ser qualquer uma dessas hipóteses ou as três juntas. Entretanto, há em *Compadre-Primo* acenos a coisas muito mais valiosas, impossíveis de isolar em laboratório, em conceitos racionalistas. Ali sentem-se, ouvem-se e vêem-se imagens e sons universais: nas peripécias da infância — quem não as teve? — nos vãos dos *beijas*, do casaca-de-couro, do compadre sibite, no tropel das montarias em aventuras, no cio dos animais, tudo apresentado com um ritmo perfeito, um encanto, uma beleza e um vigor que se sente o cheiro da terra, respira-se poesia. Dá vontade de voltar! E quem disse que eu não voltei? Larguei, por uns dias, a cidade grande, e, em companhia de um primo, meu compadre, revisitamos a velha fazendola, nos sertões paraibanos, que fora de meus pais. A fazendola, vendida a estranhos, está em boas mãos de nossos parentes outra

vez. Fomos recebidos com aquela hospitalidade tão característica de nós, as pessoas do campo. Revisitamos toda a casa-grande, quarto por quarto; abrimos as mesmas porteiras, vimos as mesmas cercas, os mesmos animais..., a mesma Seca, tão nossa conhecida... *Compadre-Primo*, decididamente, é um monumento de amor, a única e possível máquina-do-tempo, by Soares Feitosa, globalizando aquelas sesmarias de nossa infância com acelerações de raríssima sensibilidade.

Jorge Tufic: Eu daria um bocado de versos de minha lavoura por este simples relâmpago de azulados e carnaís reflexos, nos confins desta tarde e deste sol que nos banha, redime e fortifica:

*Não lavei as mãos
pois tinham os sons
do teu corpo.*

— in *Femina* —

José Hélder de Souza: *Psi, a penúltima* — Soares Feitosa trata o tema com erudição, sem cair no eruditismo hermético; lembra traços da cultura ou da lenda helênica: Piros esturrando o sertão raposa-Ceará, no bochornal do seu chão.

Juarez Leitão: Pois Chico José reedita agora, na poesia, com grande estilo, aqueles dons do feiticeiro adolescente: ele enfeitiça as palavras, tece e cose sentimentos, e, qualidade maior, sabe retirar do vazio como é aquela notícia de jornal sobre as raposas doentes e famintas — uma prosaica e inocente nota de saúde pública — e assentou sobre tão insignificante material uma verdadeira catedral, um templo grego, gótico e moderno a um só tempo!

Juscelino Vieira Mendes: Rapaz, essa "Besta" é demais... É Poema! Tão grande que até desconfio que o seu autor (Soares Feitosa) não descobriu que escreveu uma obra-prima da literatura brasileira. "O nome esvaído nos desvãos da memória sofrida." Isto é filosófico e lindo! Assombroso! Passa em qualquer teste (cenas finais de *Psi, a penúltima*): *Adolfo Lutz, normal!*

Leila Micolis: Como fascina a poesia de Soares Feitosa! Repleta de referências que fazem viajar em um fabuloso túnel do tempo, ou em um mágico tapete voador sobre outras eras, culturas e literaturas. Pois *Psi, a penúltima* representa por excelência sua obra, pela genialidade de unir o candelabro (tão místico) ao mandacaru (tão terra), através de uma única letra grega, em suas grafias maiúscula e minúscula. A partir dessas alegorias, Feitosa se debruça, hábil, sobre a alma humana, e, através de uma notícia de imprensa, embrenha-se pelos intrincados arquétipos do inconsciente coletivo, criando uma inteligentíssima saga a favor dos oprimidos, da legítima resistência e da justiça, em oposição à impiedade. *Psi, a penúltima* é um brado contra a lei do mais forte.

Lucas Moreira Neves, Cardeal (dirigindo-se ao poeta): — *Agradece* de coração a remessa de seus poemas e, mais ainda, o encantamento que proporcionou a sua leitura.

Luís Antônio Cajazeira Ramos: O Evangelho segundo Soares Feitosa: 1. Uma passada d'olhos no pretérito passado, veremos que os gregos acreditavam na divindade dos Deuses, na semidivindade do Semideuses, no heroísmo dos Heróis — personagens de suas epopéias. Se hoje essas obras são poesia no sentido

secular, para os gregos não o eram, mas poesia sácrã, a saga de seu povo — íntimo dos Deuses —, seu Livro. 2. Uma passada d'olhos no pretérito presente, veremos que se tem acreditado na cristandade do Cristo, na santidade dos Santos, no profetismo dos Profetas — personagens bíblicos. Talvez o século XXI (não antes de Soares Feitosa) venha a descobrir a boa-nova: o Livro dos Livros é poesia, da mais alta qualidade — para o poeta, a melhor *ad sæculum sæculorum*. 3. Uma passada d'olhos no pretérito futuro, veremos à nossa volta uma confusão de crenças e credos, do risível ao incrível, do honorífico ao horrorífico, e a boa-nova corolária: o povo não sabe mas lê (e gosta de) poesia. 4. Que nos resta? dessacralizar os Sacros (ou sacralizar a Poesia?)? Antes que blasfememos, leiamos Psi, a penúltima, caldeirão febril sobre uma trempe cultural — grecirromana, judicristã e mundinordestina —, de onde sai cozida a palavra justa, e mais: o abismo.

Luís da Silva Araújo: Que maravilha essa negação de *Femina*. Essa negação a que chamo falsa, mentirosa, porque o poeta disse não quando dizia sim. E o sim não foi porque o dissesse, que, na verdade, ele não está explícito, mas pela idéia positiva que arrancou a cada “não”, quando foi capaz de materializar toda a sua ânsia, todo o seu desejo e toda essa agonia por essa mulher que parece fugir, talvez queira fugir, ou esteja deveras fugindo, e que o poeta a conserva na essência daquela abstração que, agora, se torna toda a matéria para a sua vida. E o “modo mulher” — a meu ver — não é outra coisa senão uma armadilha, como o néctar, como o pólen e como o doce de que se revestem as plantas carnívoras, só para agarrar as carnes que elas precisam comer... E, finalmente, quando o poeta diz que lavou a alma, aí é que ele não lavou nada..., porque se aqueceu em todos os calores, se envolveu com todos os sons, se perdeu em todos os rastros e se benzeu na profanação duns olhos. Aí é que ele não lavou nada, perdido que estava no túnel dos espelhos, na miríade das imagens que se encaixam, infinitamente, uma dentro da outra, na superfície do vidro, como fora uma areia movediça que engole um corpo para não devolvê-lo nunca mais... e não podia lavar nada... Pra mim, *Femina*, uma jóia, e não sei dizer mais que isto.

Luiz Bello: 1. *Penúltimo canto*, trajetória entre uma pergunta inquieta e a revelação final do perigo de saber... Um poema que flui, baila e galopa ao longo de marcos miliários distribuídos por Pound, Sócrates, pensadores bíblicos e até o anônimo redator de um sábio manuscrito do Mar Morto. Tem alpinismo suficiente para alimentar todo um viveiro de pássaros intimidados. E substância bastante para aspergir, sobre o meio em que brotou, a água benta amigável de uma mensagem decodificada. Cal, virgem, quando ferve na água e no verso de um artista sensível, convida à reflexão. 2. *Psi, a penúltima*, um poema que provavelmente todos apontarão como a obra-prima de Soares Feitosa. Para qualquer crítico, de qualquer escola ou tendência literária, esse poema dá o que pensar, porque une um passado remoto — Esopo, Fedro, La Fontaine — e a intimidada “Comadre”, destinada a acrescentar ao perfil de *Vulpes* um novo traço: o da fúria atemorizante.

Luiz Nogueira Barros: Jamais havia lido poetas, pelo menos os sociais, que procurassem o que de comum, ou mesmo de tão distante, existisse entre eles e os outros poetas. *Thiago* é um épico extraordinário, que começa em águas rasas, as de Soares Feitosa, escassas, absorvidas pela terra que por vezes se faz em

poeira à menor brisa. E segue. E anda. E desconfia que o mundaréu de águas de Thiago de Mello não é apenas feito de chuvas. Não poderia esquecer dos poetas que ele vai falando ao longo do poema, sejam Euclides da Cunha, Gerardo Mello Mourão, Nertan Macedo e Humberto Teixeira, que todos os poetas são parentes na medida em que são universais em seus cantos de dor, de angústia, de solidão. E também porque só os poetas sabem o que significam Infinito e Eternidade!

Manoel Ambrósio de Queiroz Neto: *O poeta viu o quadro:
E se fez Sinfonia!*

*Vara de Domador é arco de violino (ou de cello), também batuta de Maestro!
Onde os músicos?*

Os ventos, as árvores, os pássaros, as formiguinhas, as joaninhas, os caracóis e os silêncios!

O Domador é maestro, apurem-se os ouvidos aos sons da mata densa!

O cão não morde: leve sacudidela.

Vamos, meu Maestro, afinaram-se os instrumentos.

Erga a batuta:

— TAN - TAN - TAN - TANNNN!

É Ele, via Beethoven!

A Quinta, d'Ele!!!

Marco Lucchesi: A poesia de Soares Feitosa é fascinante, de uma energia, de um vigor e de uma renovação bastante rara em nosso tempo de brevidades e tolices. Passo à qualidade de leitor e admirador de seus trabalhos.

Mário Pontes: Basicamente, um aedo, um bardo, um cantor telúrico (eu disse isso antes de ter lido a palavra na capa do volume), apesar dos ares citadinos, espontâneo apesar dos sinais exteriores de erudição. Gosto mais de poetas "largados" do que desses minimalistas que tentam invadir nossas estantes com a palidez da constipação pós-moderna.

Marta Gonçalves: A porosidade do homem está no texto. O mesmo cheiro de terra, renovação da palavra, outra forma criativa na poesia. Um cromatismo domina os poemas. Percebe-se claramente o interior, a infância crescendo no universal.

Micheline Verunschck: Não parece lutar com as palavras, o que é um espanto. Elas fluem, se aninham. Quisera essa tranqüilidade! Ah, ia esquecendo: o livro tem os sons das abelhas, do chocalho da vaca Rainha e da água acordando na cacimba clara. Escutei!

Moacir Leão: Vi nos poemas de Soares Feitosa o vigor e a força só presentes nos grandes. Salieri queixava-se a Deus por lhe ter concedido o dom de distinguir a composição genial daquela apenas boa, sem, contudo, lhe ter dado o talento de compor com a mesma genialidade de Mozart. Assim, como leitor de poesia, minha vocação vai um pouco acima da média. Sim, não me engano: Feitosa é Poeta!

Nauro Machado: Sua técnica, como estrutura amehadora de peças anônimas e autônomas, não lhe esteriliza em nenhum momento a emoção. O computador, no seu caso, permitiu a abertura para o espraiamento de um novo espaço sobre o qual o tempo, na parábola do homem enquanto História, retroage consagüineamente às primícias da visão homérica.

Paulo Bomfim: *Trago, no cântaro das mãos,
a nuvem de seus poemas.
Você tira da cartola da noite
estrelas e ritmo apunhalados de surpresa!*

*Em tamanho garimpar,
o veio é veia de um sangue cósmico.
Um abraço do irmão em Poesia e
patricio no País dos Mourões.*

Pedro Nunes Filho: Dos sertões de Monsenhor Tabosa, Nova-Russas e Santa Quitéria (micro-região de Crateús, Ceará), Soares Feitosa trouxe a cadência e toda a musicalidade que tornam seus poemas gostosíssimos de ler. De lá, trouxe também o vocabulário e, mais que tudo isso, trouxe um linguajar próprio das plagas sertanejas, daquele mundão sem fim, que somados à erudição resultaram numa plasticidade lingüística original e de rara beleza. O que mais admiro nos poemas de Soares Feitosa é a capacidade de harmonizar o regional com o universal. Ele viaja, sem dificuldades, por universos bem diferentes. Quem faz uma análise superficial de seus poemas corre o risco de pensar que nada bate com nada. Ledo engano. Os gênios têm a capacidade de sair de um mundo e, de repente, entrar noutros completamente diferentes, buscando e mostrando um nexo, resgatando o que há em comum entre os lugares, as pessoas e os fatos, o que normalmente fica escondido aos olhos das pessoas comuns.

Rubens Ricupero: Confesso que não havia lido a notícia sobre o menino Francisco, cuja memória e sacrifício ficaram perpetuados no poema de Soares Feitosa. Também faço minhas incursões pelo mundo inesgotável da poesia e tive a impressão de encontrar na sua composição extremamente original a capacidade de dar sopro poético não só ao trágico cotidiano mas ao fluxo de imagens e frases e alusões às vezes eruditas, um pouco como em Ezra Pound (a ponto de necessitar de notas, por exemplo). No céu tem, mais que Prozac, muita poesia.

Sebastião Uchoa Leite: Sua dicção é programaticamente enfática, como por exemplo em *Psi*, a *Penúltima*. Parece uma espécie de Pound bárbaro misturado com a antropofagia cultural, não a de Osvald, corrosiva, e sim a de Raul Bopp, mais humorística. Um curioso humor "bárbaro" (no sentido da busca das raízes da fala nordestina, exibindo-se enfaticamente — *mostro o pau e mostro a cobra* — e criando um *back-ground* lingüístico) misturado a referências cultas. E as notas? Literariamente, inserem-se numa tradição, a de Eliot, do *The Waste Land*, mas sem as pretensões "filosóficas" dele. Sua poesia, uma coisa não é: nem é acadêmica — com o preciosismo que ainda hoje subsiste em alguns tolos que se julgam "neoclássicos" — nem anêmica, nem conformista. Algo em comum tem com Cabral: gosta de "falar de coisas", e isso é mais do que interessante.

Sébastien Joachim: Os poemas de Soares Feitosa são eventos que desconstroem a maior parte do ensinamento da Poesia divulgado em todos os nossos manuais de Teoria da Literatura. Quem o vê/ouve declamando seus poemas se convence logo de que ele é uma encarnação poética, que carrega dentro de si e irradia poeticidade em estado puro. Essa experiência premiou-me, há algum tempo, um banho de frescor sem igual. Confesso que, no momento, ignoro de onde jorra a

fonte e em que mar ela vai parar. O certo é: eu que saí de lá (Canadá) estou recebendo aqui nos trópicos esse choque agradável, como alguém que foi quase empurrado de Sertão a dentro pela violência poética de Soares Feitosa. Sua poesia trabalha entidades maravilhosas: auroras inéditas, esplendor da infância, fauna e flora da região das Secas, epopéias insuspeitadas de misteriosos itinerantes e — em contraste — a petulância do capitalismo selvagem. Ressoam em mim as modulações dessa voz, ou melhor, desse coro, aqui *allegro andante*, ali *mezzo voce*, cá no *modo menor*, lá no *modo maior*. É elegia, é epopéia, é drama, é verso, é versículo, é prosa narrativa, é História, é fábula, é teatro. Impossível enquadrar Soares Feitosa num gênero de discurso preestabelecido; daí estar decididamente à margem de qualquer classificação. Todavia, emerge uma propensão à Cantata, uma Cantata-Poema ou um Poema-Cantata, de múltiplas vozes, regulado por uma alternância rítmica onde se enfiam de forma espiralada historinhas que puxam historinhas e digressões que se tornam temas fundamentais do Ser e do Existir. Um dialogismo que não acaba, um processo disruptivo no seio de uma profunda continuidade. O novelo da escrita se desenrola, sempre se desenrola, de par com a mesma força impulsionadora, isto é, sempre *sertanejando*, no entanto sempre diferente pelo tom musical, pelo aprofundamento dos incidentes regionais, conduzindo-nos vertiginosamente para a residência da Vida e dos Valores imperecíveis. Sem dúvida uma poeticidade forte circula nessas páginas, onde consegue fazer a abertura máxima no acidente mínimo, seja esse acidente de geografia ou de eventos. Palpita a presença de Dioniso e Apolo, a sensibilidade de um homem que fala para todos os Homens, todas as idades, todas as eras.

Sinésio Cabral: Feitosa evidencia coisas e fatos ocorridos, por exemplo, em sesmarias, sem enveredar-se pelo gênero narrativo ficção, mas dentro da epopéia mesclada do sopro lírico. Mergulha na antigüidade clássica, com a divisão em Cantos, à Camões, verdadeiro escafandrista, para revitalizá-la nos seus poemas, alguns sob a forma dialogada, à guisa de écloga (ou égloga), dentro do bucolismo, de sabor arcádico. Sentimos ao longo da obra resquícios de estéticas tradicionais, características formais e ideológicas de diferentes estilos de época, em versos livres feitos de modernidade.

Sonia Ramagem: Réquiem em Sol da Tarde: um livro que mais parece saído dos tempos medievais, onde o homem, na solidão de quatro paredes, sentava-se frente a uma folha de pergaminho, tomava da pena e escrevia, ou mais ainda: produzia a obra de arte completa, das idéias aos desenhos-arte, completa. Escrevia ao mesmo tempo em que desenhava, diagramava e coloria. Lindo! Fiquei, produto que sou da cultura imediatista, emocionada com a dedicação do escriba que lida com o tempo em múltiplas facetas: poeta, desenhista, pintor, diagramador, encadernador, ecólogo e historiador/estoriador.

Weydson Barros Leal: *Psi, a penúltima* é um belo poema, e, seja pela carga dramática, seja pela utilização de elementos regionais (nome de pessoas, lugares, expressões locais), ou ainda pela aparição de termos em grego e em latim no percurso do poema, o resultado é uma pequena peça que poderia ser declamada com os tempos e as impostações teatrais.



Jorge Amado

Rue Alagoinhas 33, Rio Vermelho, 41940-620, SSA, Bahia, Brasil, fax: (071) 245-2133

Sr. Soares Feitosa
 Ondina Apart Hotel
 ap. 433
 Salvador - Bahia

Salvador, 19.09.95

Caro Soares Feitosa,

Venho de terminar a leitura de " Réquiem em Sol da Tarde" . Leitura demorada não apenas porque atualmente, devido à minha curta visão, leio com dificuldade, pensamente, mas também porque seu livro exige leitura atenta , não se trata de um livro qualquer, reunindo uns quantos poemas de mais um dos muitos poetas brasileiros. Em verdade são vários livros reunidos num alentado volume e o poeta não é um poeta qualquer: exige atenção e seriedade.

Não sou crítico literário, para tanto faltam-me vocação e erudição . Menos ainda, crítico de poesia - sobre ficção talvez possa dizer alguma coisa pois, sendo romancista, entendo um pouco do assunto. Poesia apenas leio , gosto ou não gosto, é tudo. Sou mais exigente do que se refere a poesia do que à ficção; para que prossiga na leitura de um livro de poemas faz-se necessário que os poemas me prendam, me envolvam, de certa maneira me dominem . Assim aconteceu com seu livro (seus vários livros). Creio que Gerardo Melo Mourão definiu sua poesia com exatidão quando diz que você "Canta a saga de nossas paróquias, de nossos vizinhos , de nossa aventura humana na pequena e brava gleba de nossa herança ontológica e



Jorge Amado

Rua Alagoinhas 33, Rio Vermelho, 41940-620, SSA, Bahia, Brasil, fax: (071) 245-2133

existencial". Não seria possível dizer-se nada mais claro e verdadeiro sobre sua poesia. Devo acrescentar que, igual a Mário Pontes, eu também gosto dos poetas "largados" - é o seu caso.

Li o livro todo: os poemas - não posso esconder uma certa preferência por "Compadre-primo" -, notas, legendas de retratos, envelopes, etc. e tal: seu livro é como uma dessas arcas de antigamente, onde eram recolhidas coisas diversas, cada uma delas com sua importância e significação. Li também as opiniões, tantas, e todas unânimes, a constatar a importância de sua poesia. Poesia "estranha" diz Millor, dizendo ele também uma verdade. Muitos outros adjetivos poderiam ser acrescentados na busca de uma definição do que é difícil de se definir. Creio que se trata de poesia, poesia de alta qualidade.

Receba um abraço cordial de seu leitor

Jorge Amado

Sr. Soares Feltosa
Av. Presidente Vargas, 2400 - ap. 1005
Ondina Apart Hotel
Ondina - Salvador, BA
40170 - 010

São Paulo, 14 de maio e 1996

Caro Soares Feltosa,

Tudo é surpresa, de sua parte. Tudo é uma caixa de surpresas. Ou melhor: várias caixas de surpresa, uma dentro da outra, como nos jogos infantis de cubos.

Surpresa número 1. O livro como objeto. Que livro! Que objeto! É o encontro do artesanal com a alta tecnologia. Do que há de primitivo, que é fazer as coisas com as mãos, e por si só, com paciência e esmero, com o que há de avançado, que é dominar os recursos do computador e usá-los com destreza. Desse encontro nasceu uma nova mídia.

Surpresa número 2. A variedade do que tem dentro do livro - fotos, cartas, currículo, notícia de jornal, críticas, envelope com cheiro.

Surpresa número 3. Sua história pessoal, de alguém que só começou a escrever aos 50 anos.

Surpresa número 4. Que depois disso tudo, dessa mistura de simplicidade de colecionador de recordações com criatividade de cientista maluco, de artesão com piloto emérito de computador, e de muitas outras coisas, ainda apareça, lá no fundo, desvendada junto com o último cubo, uma literatura de qualidade. Ainda não li tudo. A leitura da poesia me exige um ritmo e um clima que não me está disponível todo dia. Vou lendo seu livro aos poucos. Mas do que li gostei - o "Penúltimo Canto, a Dúvida", principalmente.

Obrigado por me ter enviado o livro.

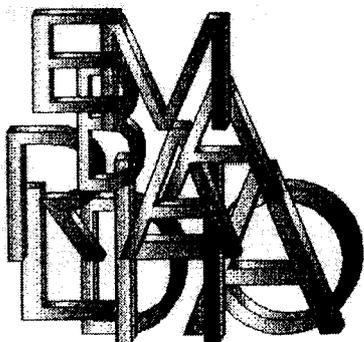
Um abraço admirado do



Roberto Pompeu de Toledo

Rs. 26.10.94

meu caro
ze Soares,
estou
↓



com sua magnífica, estranha
poesia (filosofia, sociologia? - bota aí)
misturada com computação

meus parabéns, mas,
ao contrário, não
me leve a sério.

Ataco Fraternal
do Millôr





b u r e a u
GRAFICA E EDITORA

